

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

Daiane Loreto de Vargas

**TECENDO TRADIÇÃO: ARTESANATO E MERCADO SIMBÓLICO
EM UMA COMUNIDADE RURAL DO PAMPA GAÚCHO**

Santa Maria, RS, Brasil

2016

Daiane Loreto de Vargas

**TECENDO TRADIÇÃO: ARTESANATO E MERCADO SIMBÓLICO
EM UMA COMUNIDADE RURAL DO PAMPA GAÚCHO**

Tese submetida ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Extensão Rural**

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Verardi Fialho

Santa Maria, RS, Brasil
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Loreto de Vargas, Daiane
TECENDO TRADIÇÃO: ARTESANATO E MERCADO SIMBÓLICO EM
UMA COMUNIDADE RURAL DO PAMPA GAÚCHO / Daiane Loreto de
Vargas.- 2016.
181 p.; 30 cm

Orientador: Marco Antônio Verardi Fialho
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-
Graduação em Extensão Rural, RS, 2016

1. Artesanato 2. Mercado Simbólico 3. Produtos
Gauchescos I. Verardi Fialho, Marco Antônio II. Título.

Daiane Loreto de Vargas

**TECENDO TRADIÇÃO: ARTESANATO E MERCADO SIMBÓLICO
EM UMA COMUNIDADE RURAL DO PAMPA GAÚCHO**

Tese submetida ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Extensão Rural**.

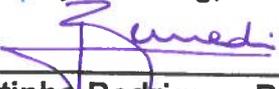
Aprovado em 22 de julho de 2016:



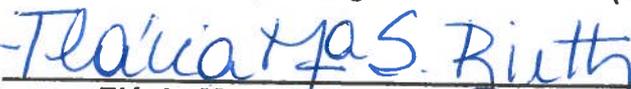
Marco Antônio Verardi Fialho, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



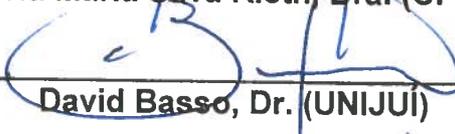
Clayton Hillig, Dr. (UFSM)



José Martinho Rodrigues Remedi Dr. (UFSM)



Flávia Maria Silva Rieth, Dra. (UFPel)



David Basso, Dr. (UNIJUI)

Santa Maria, RS
2016

DEDICATÓRIA

A minha mãe, Marleny Loreto de Vargas, in memoriam, por ter me ensinado o que de mais valor aprendi na vida, o amor mais puro.

AGRADECIMENTOS

A palavra é GRATIDÃO...sou imensamente GRATA:

*A força maior do Universo que guiou meus passos por este caminho;
A minha mãe, pelo amor fraterno e pelos ensinamentos essenciais da
vida; Ao Maurício, companheiro de jornada, presente em todos os
momentos; Ao meu pai, pelo incentivo aos estudos;
Aos meus amigos queridos, pelas boas energias;
Ao orientador Professor Marco Antônio, pelo aprendizado e orientação atenta;
Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural pelo
aprendizado;
A comunidade de artesãos (as) da Vila Progreso em Caçapava do Sul, pela
receptividade, diálogo e aprendizado.
Aos professores da banca pela valiosa contribuição;
Ao Grupo de Pesquisa Extensão Rural Aplicada pela amizade e convivência,
especialmente professor Clayton Hillig, Aline Guterres, Tati Netto, Janete
Weber, Tanny Bonher, Bárbara Hoop, Eduardo Pauli e a Cris Godoy.
Aos colegas da Pós-Graduação, pela convivência e troca de experiências,
especialmente a Carol Iuva, Tati Balém, Gustavo Pinto, Laila Mayara,
Carol Cerreta e Mauro Barcelos;
Aos Coordenadores e Secretários (as) que passaram pelo Programa pela
atenção e ajuda frente aos desafios burocráticos;
A Capes, pela bolsa de estudos, fundamental para a realização desse sonho;
Enfim, a todas aquelas pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para
que este dia chegasse, enviando-me boas vibrações.*

EPÍGRAFE

Saber Viver

*Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos
tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.*

Muitas vezes basta ser:

colo que acolhe,

braço que envolve,

palavra que conforta,

silencio que respeita,

alegria que contagia,

lágrima que corre,

olhar que acaricia,

desejo que sacia,

amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,

é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela não seja nem curta,

nem longa demais,

mas que seja intensa,

verdadeira,

pura enquanto durar.

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

É preciso saber viver!

Cora Coralina

RESUMO

Tecendo Tradição: Artesanato e Mercado Simbólico em uma Comunidade Rural do Pampa Gaúcho

AUTORA: DAIANE LORETO DE VARGAS

ORIENTADOR: MARCO ANTÔNIO VERARDI FIALHO

O presente estudo visa uma aproximação da temática artesanato e mercado simbólico, tendo em vista a comercialização dos produtos gauchescos na comunidade rural de artesãos da Vila Progresso em Caçapava do Sul/RS, a qual desenvolveu-se inicialmente trabalhando com técnicas tradicionais do artesanato em lã, praticadas por várias gerações e transmitidas através das mulheres. Esses saberes produzem na prática peças simbólicas do modo de vida do gaúcho do passado, reinventado no presente pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e por vários elementos culturais contemporâneos, como o apreço pelo autêntico e pelo rústico. A partir desse contexto o estudo teórico das temáticas citadas norteiam a problemática de pesquisa, a qual procurou investigar: se o artesanato na Vila Progresso em Caçapava do Sul/RS foi transformando-se em função do mercado simbólico dos produtos gauchescos? Em que sentido ocorreram estas transformações e quais foram as consequências das mesmas para a comunidade de artesãos? Como objetivo geral, procurou-se compreender as relações que se estabelecem entre artesanato e o mercado simbólico dos produtos gauchescos na comunidade citada, bem como, as possíveis mudanças que possam ter ocorrido em função dessa relação e as implicações das mesmas para a comunidade. Essa pesquisa parte de uma metodologia qualitativa, configura-se como um estudo de caso, com perspectiva exploratória, descritiva e reflexiva, onde as principais bases teórico-metodológicas estão embasadas nos autores Bourdieu (2007) Canclini (1983), e Oliven (2006). Como resultado da pesquisa, observa-se que houveram várias mudanças no cotidiano dos artesãos com a ampliação da demanda por produtos simbólicos da tradição gaúcha, incentivada pelo tradicionalismo, em um momento inicial, e pela valorização das culturas locais em função de um hibridismo cultural vivenciado pela sociedade contemporânea. A comunidade de artesãos passou a diversificar os artigos artesanais a serem comercializados nas tendas do local, abrangendo uma ampla variedade de produtos rústicos em lã, couro e madeira, tendo em vista, suprir as necessidades de um consumidor que tem apreço pelo rústico ou que cultiva as tradições inventadas, como consequência de tal fato os artífices cresceram e conseguiram estabilidade econômica com a expansão desse mercado. Sendo assim, a diversificação trouxe uma série de elementos novos para os aspectos produtivos e comerciais dos artesãos no local, onde os artesãos estão construindo novas estratégias comerciais e ampliando as relações comerciais, mas sem perder a autoria do processo de produção das peças em lã.

Palavras-chave: Artesanato, Mercado Simbólico, Produtos Gauchescos.

ABSTRACT

Weaving Tradition: Crafts and Symbolic Market in Community Rural the Pampa Gaúcho

AUTHOR: Daiane Loreto de Vargas
ADVISOR: Marco Antônio Verardi Fialho

This study aims to address the issue of crafts and symbolic market, with a view to marketing gauchescos products in the rural community of Vila Progresso artisans in Caçapava do Sul / RS, which initially developed to work with traditional techniques of wool crafts, practiced by generations and transmitted through women. This knowledge in practice produce symbolic pieces of the gaucho way of life of the past, reinvented this Traditionalist Gaucho Movement (MTG) and various contemporary cultural elements, such as the appreciation of the authentic and rustic. From this context, the theoretical study of the thematic guide mentioned the problem of research that sought to investigate: the symbolic mercado of gauchescos products in Vila Progresso in Caçapava do Sul / RS was turning the wool crafts in the community? In this sense, these changes have occurred and have the same consequences for the community of artisans? As a goal, we try to understand the relationships that are established between craft and symbolic gauchescos market products in the affected community, as well as the possible changes that may have occurred because of this relationship and its implications for the community. This research is part of a qualitative methodology, set up as a case study, with exploratory, descriptive and reflective perspective, where the main theoretical and methodological foundations are based on Bourdieu authors (2007) Canclini (1983), and Oliven (2006). As a result of research, it is observed that there were several changes in the daily lives of artisans with the expansion of demand for symbolic products of the gaucho tradition, encouraged by traditionalism, at an early date, and the appreciation of local cultures due to a cultural hybridity experienced by contemporary society. The community of artisans began to diversify crafts to be sold in the local stalls, covering a wide variety of agricultural products in wool, leather and wood, with a view to meet the needs of a consumer who has appreciation for rustic or cultivate invented traditions as a result of this fact the craftsmen grew and achieved economic stability with the expansion of this market. Thus, diversification has brought a number of new elements for the productive and commercial aspects of the craftsmen on site, where craftsmen are building new business strategies and expand trade relations, but without losing the authorship of the production process of woolen

Key words: Crafts, Symbolic Market, Gaucho Products

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-------------|--|-----|
| Figura 1 - | Localização da Vila Progresso e de Caçapava do Sul no Rio Grande do Sul..... | 27 |
| Figura 2 - | Artesanato na Vila Progresso..... | 30 |
| Figura 3 - | Imagem do tear vertical (E) e do tear horizontal (D)..... | 41 |
| Figura 4 - | Evolução das entidades tradicionalistas do Rio Grande do Sul | 52 |
| Figura 5 - | Distribuição dos CTGs pelo Brasil | 53 |
| Figura 6 - | Fuso utilizado pelas artesãs da Vila Progresso..... | 66 |
| Figura 7 - | Roca a motor utilizada pelos artesãos da Vila Progresso..... | 67 |
| Figura 8 - | Tear de pente ou horizontal utilizado pelos artesãos da Vila Progresso..... | 69 |
| Figura 9 - | Máquina de costura elétrica utilizada pelas artesãs da Vila Progresso..... | 71 |
| Figura 10- | Capinha feminina do passado (E) e capinha feminina atual (D) produzidas pelas artesãs da Vila Progresso..... | 75 |
| Figura 11 - | Cores de lã utilizadas para confecção das peças pelos (as) artesãos (ãs) da Vila Progresso..... | 76 |
| Figura 12 - | Etapas da criação de um pala realizadas pelos (as) artesãos (ãs) da Vila Progresso..... | 81 |
| Figura 13 - | Peças criadas pelas mulheres artesãs da Vila Progresso..... | 82 |
| Figura 14 - | Exposição dos produtos artesanais na década de 80..... | 103 |
| Figura 15 - | Exposição dos produtos artesanais de forma horizontal a BR-290..... | 105 |
| Figura 16 - | Estande dos produtos artesanais em lã do artesão da Vila Progresso na Expointer..... | 109 |
| Figura 17 - | Tendas aceitam pagamento com cartões de crédito..... | 117 |
| Figura 18 - | Diversidade de produtos na tenda (E) e na loja (D)..... | 129 |
| Figura 19 - | Diferenciação externa e interna de loja (E) e tenda (D)..... | 131 |
| Figura 20 - | Família trabalhando na confecção de produtos em lã na Vila Progresso..... | 147 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 - Faixa etária dos consumidores do artesanato na Vila Progresso | 135 |
| Tabela 2 - Onde residem os consumidores do artesanato na Vila Progresso | 136 |
| Tabela 3 - Instrução dos consumidores do artesanato na Vila Progresso | 137 |
| Tabela 4 - Consumo dos produtos artesanais e a tradição gaúcha | 137 |
| Tabela 5 - Faixa etária dos consumidores do artesanato na Expointer | 140 |
| Tabela 6 - Onde residem os consumidores do artesanato na Expointer . | 141 |
| Tabela 7 - Instrução dos consumidores do artesanato na Expointer | 143 |
| Tabela 8 - Consumo dos produtos artesanais e a tradição gaúcha | 143 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------|--|
| ARTENE | - Artesanato do Nordeste S/A |
| Arte-Sol | - Artesanato Solidário |
| BNDES | - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social |
| CBTG | - Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha |
| COFASUL | - Cooperativa de Produção da Agricultura Familiar de Caçapava do Sul |
| COOAPI | - Cooperativa de Apicultores de Caçapava do Sul |
| CNARTS | - Confederação Nacional dos Artesãos do Brasil |
| CNFCP | - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular |
| CTG | - Centro de Tradições Gaúchas |
| COTRISUL | - Cooperativa Triticola Caçapavana |
| DAP | - Declaração de Aptidão ao Pronaf |
| DNIT | - Departamento Nacional de Infraestrutura e Transportes |
| DTG | - Departamentos de Tradições Gaúchas |
| EMATER | - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural |
| ENA | - Encontro Nacional de Artesanato |
| ENART | - Encontro de Artes e Tradição Gaúcha |
| EUA | - Estados Unidos da América |
| EXPOINTER | - Exposição Internacional de Animais, Máquinas, Implementos e Produtos Agropecuários |
| FAO | - Food and Agriculture Organization |
| FETAG-RS | - Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul |
| FGTAS | - Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social |
| IBGE | - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IPTA | - Instituto de Pesquisas e Treinamento do Artesanato |
| IPHAN | - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| MDA | - Ministério do Desenvolvimento Agrário |
| MDIC | - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior |
| MTG | - Movimento Tradicionalista Gaúcho |
| MTUR | - Ministério do Turismo |
| OSCIP | - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público |
| PAB | - Programa do Artesanato Brasileiro |
| PACA | - Programa de Apoio a Comunidades Artesanais |
| PGA | - Programa Gaúcho de Artesanato |
| PL | - Projeto de Lei |
| PNDA | - Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato |
| PROMOART | - Programa de Promoção do Artesanato Tradicional |
| SAP | - Sala do Artista Popular |
| SEBRAE | - Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas |
| SENAR | - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural |
| SESI | - Serviço Social da Indústria |
| SICAB | - Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro |
| SINE | - Sistema Nacional de Empregos |
| SPLAN | - Sociedade de Pesquisa e Planejamento |
| STR | - Sindicato dos Trabalhadores Rurais |
| SUDENE | - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste |
| UNESCO | - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura |

LISTA DE APÊNDICES

| | | |
|--------------|---|-----|
| Apêndice A - | Panorama dos Entrevistados..... | 174 |
| Apêndice B - | Roteiro de entrevista para os artesãos da Vila Progresso..... | 175 |
| Apêndice C - | Roteiro de entrevista para os interlocutores (EMATER, STR, Secretário do Turismo e Secretário da Agricultura) | 176 |
| Apêndice D - | Roteiro de entrevista para os consumidores do artesanato da Vila Progresso..... | 177 |
| Apêndice E - | Roteiro de entrevista para os consumidores do artesanato da Vila Progresso | 178 |
| Apêndice F - | Termo de consentimento e livre esclarecimento para os artesãos da Vila Progresso | 179 |
| Apêndice G - | Termo de autorização de uso de imagem..... | 181 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 15 |
| 1 CONTEXTUALIZANDO ARTESANATO, MERCADO SIMBÓLICO E A VILA PROGRESSO..... | 25 |
| 1.1 VILA PROGRESSO: ARTESANATO E MERCADO DE PRODUTOS GAUCHESCOS..... | 25 |
| 1.2 ARTESANATO: HISTÓRICO, CONTEXTO BRASILEIRO E GAÚCHO..... | 31 |
| 1.3 ARTESANATO EM LÃ NO RIO GRANDE DO SUL: RAÍZES E EVOLUÇÃO..... | 38 |
| 1.4 MERCADO DE PRODUTOS SIMBÓLICOS: ASPECTOS TRADICIONAIS NO CENÁRIO GAUCHESCO..... | 46 |
| 1.5 TRADIÇÃO, TRADIÇÃO INVENTADA E TRADICIONALISMO... | 55 |
| 2 PRODUÇÃO E GÊNERO NO ARTESANATO EM LÃ..... | 62 |
| 2.1 PROCESSO ARTESANAL NA VILA PROGRESSO: “MUTIRÃO DAS FAMÍLIAS..... | 63 |
| 2.1.1 Evolução no processo artesanal: “era difícil, agora melhorou”..... | 67 |
| 2.2 DIFERENCIAÇÕES NOS PRODUTOS CONFECCIONADOS: PALA PURA LÃ? | 73 |
| 2.3 RELAÇÃO DE GÊNERO NO ARTESANATO: “HOMEM NO TEAR, MULHER NO TRICÔ” | 78 |
| 2.4 QUALIFICAÇÃO DO PROCESSO ARTESANAL..... | 83 |
| 3 DESENVOLVIMENTO DO MERCADO DOS PRODUTOS ARTESANAIS..... | 89 |
| 3.1 COMÉRCIO DOS PRODUTOS EM LÃ: INICIATIVA DAS MULHERES..... | 89 |
| 3.2 O COMÉRCIO EXPANDE-SE: O HOMEM ENTRA NO NEGÓCIO..... | 93 |
| 3.3 ESTRATÉGIAS DE COMERCIALIZAÇÃO: TENDAS, FEIRAS E VIAGENS..... | 101 |
| 3.4 LIMITANTES EXTERNOS E INTERNOS: COMPETIÇÃO PELA COMERCIALIZAÇÃO..... | 110 |
| 4 APROPRIAÇÃO DA TRADIÇÃO PELO MERCADO SIMBÓLICO DOS PRODUTOS GAUCHESCOS..... | 121 |
| 4.1 DIVERSIDADE DOS PRODUTOS SIMBÓLICOS DO GAÚCHO: DA TENDA A LOJA..... | 122 |
| 4.2 CRESCIMENTO DO MERCADO DO PRODUTOS SIMBÓLICOS DO GAÚCHO: TRADIÇÃO “REELABORADA” | 134 |
| 4.3 O OLHAR DO ARTESÃO SOBRE A TRADIÇÃO QUE TECE E COMÉRCIO QUE REALIZA..... | 145 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 154 |

| | |
|--|------------|
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 165 |
| APÊNDICES..... | 173 |

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vive em um contexto de acelerado consumo, mudanças rápidas, necessidades hoje satisfeitas e amanhã ultrapassadas. Nesse cenário de transformações velozes, os produtos artesanais que inicialmente eram confeccionados para auxiliar nas atividades cotidianas das comunidades, na contemporaneidade foram ressignificados, passando a ser confeccionados para um consumidor exigente, dinâmico, ávido por novidades, requinte, exclusividade autenticidade.

A demanda pelos produtos artesanais mudou com o tempo e o artesão buscou adaptar seus produtos às novas exigências do mercado consumidor, em alguns momentos modificando o processo de trabalho, os materiais utilizados para a confecção e as características das peças criadas. Demandando por vezes, a ampliação da produção e alterações nas técnicas manuais utilizadas para potencializar a mão de obra, quando não ocorre a necessidade de mecanizar alguma parte do processo de produção.

Em relação ao aspecto comercial do artesanato, as peças criadas de forma manual são significativas no mercado, em função dos aspectos simbólicos a elas atribuídas (CANCLINI, 1983). O mercado é um local onde se compra, vende e/ou troca-se produtos e os artigos comercializados tornam-se simbólicos nesses espaços quando possuem um sentido cultural, histórico ou social, ou seja, são produtos com vínculos indissociáveis entre o objeto material e o seu significado subjetivo.

A comercialização dos objetos artesanais simbólicos no mercado ocorre porque eles são ao mesmo tempo objetos de valor econômico e cultural. O valor econômico está relacionado ao aspecto comercial dos produtos, a cultura é construída por um povo e tem parte de sua história no processo. Sob o aspecto cultural, tais elementos passaram a comunicar fatos, expressões, memórias e tradições, enfim, fazem parte de um patrimônio imaterial de um determinado povo ou comunidade, e são essas diferenciações que levam os mesmos a serem interpretados e negociados como mercadorias simbólicas (BOURDIEU, 1989; DOUGLAS E ISHERWOOD, 2006).

O contexto comercial, onde os produtos artesanais estão em movimento conectando coisas, pessoas, lugares e culturas, acaba por influenciar mudanças

no aspecto produtivo das peças, transformando inclusive o sentido de uso dos produtos. Analisar a evolução do mercado e do consumo dos artigos artesanais, bem como as possíveis transformações que ocorrem em relação aos mesmos, justifica-se ao perceber que esse saber fazer manual tem um sentido social, histórico e cultural que é reflexo dos saberes aprendidos e praticados pelos artesãos. Estes sujeitos podem expressar na criação dos objetos a tradição de um povo e a iconografia história de uma cultura, a qual possui valores simbólicos para a sociedade ou para determinados grupos sociais, atrelados as memórias do passado, a construção de uma identidade ou o apreço ao trabalho artesanal autêntico.

Observando estas questões no contexto do mercado simbólico dos produtos gauchescos, pode-se destacar que vários elementos do gaúcho histórico passaram a ser produzidos e comercializados como mercadorias simbólicas de um modo de vida do passado, tentando resgatar uma memória coletiva (GOLIN, 2004). Hábitos e costumes representativos destes sujeitos foram reinterpretados pelo gauchismo e transformados em produtos de um mercado simbólico, em franca expansão a partir de 1980 (OLIVEN, 1998).

Para viver na prática a construção do gaúcho, reinventada pelo tradicionalismo, os elementos simbólicos foram acionados no mercado com a finalidade de realizar os rituais dos eventos tradicionalistas e de corporificar os hábitos do gaúcho no dia-a-dia. Esse contexto mexeu no imaginário, nos sentimentos e no modo de vida das pessoas, ao reconstruir o passado através de uma história mítica, mas interpretada pelos adeptos do gauchismo como verdadeira e inquestionável (GOLIN, 2004).

Douglas e Isherwood (2006) explicam tais questões ao destacarem que os rituais para se tornarem eficazes utilizam-se das coisas materiais. Bourdieu, (2007, 1983) vai além, destaca que o processo ritualizado contribuiu para uma diferenciação social e para o estabelecimento de relações de poder, sendo materializado na aquisição e utilização dos símbolos. Estas questões na prática materializam-se no consumo e as diferenciações sociais implicam em padrões de consumo que perpassam a história, onde as classes dominantes dotadas de alto padrão econômico estabelecem relações de poder e dominação.

Os rituais do gauchismo expandiram-se ao serem teoricamente, fundamentados por estudos, teses, leis, manuais e também a partir da

organização de eventos culturais, momentos festivos, livros, danças, dentre outros, sempre apoiados pela mídia. Para dar suporte a toda essa movimentação, os aspectos comerciais dos produtos gauchescos cresceram consideravelmente nas últimas décadas, através da produção de vestimentas e vários elementos representativos da identidade gauchesca (OLIVEN, 1998). A expansão dessa ideologia acabou por se desterritorializar abrangendo vários estados do país.

Em relação às peças de vestuário como o pala e a bombacha, parte da indumentária masculina para os gaúchos que seguem os “princípios da tradição”, estas não são simplesmente uma peça de roupa, são peças de uma indumentária simbólica, porque remetem a uma memória coletiva, mesmo que transformada. Configuram-se como um meio não-verbal de dizer algo, nesse caso, dizer que possui uma identidade o “ser gaúcho”.

A produção e a circulação de imagens que relembrem o modo de vida do passado, de forma a reinterpretá-lo como algo simbólico de um modo de vida heroico, é o grande fator mercadológico dos produtos gauchescos. A partir dessa lógica, a produção de peças em lã como: palas, ponchos, pelegos, dentre outros, pelos (as) artesãos (ãs) da comunidade rural da Vila Progresso em Caçapava do Sul/RS, encontrada na região do pampa gaúcho, fortemente ligado aos conceitos de tradição e representativa dos elementos simbólicos ao passado histórico, reinterpretado pelo gauchismo, é o ambiente empírico dessa pesquisa. Na comunidade os elementos simbólicos em lã são produzidos e comercializados no mercado.

Essa pesquisa procura avançar na discussão sobre a relação do artesanato com o mercado simbólico, direcionando o olhar para o cenário dos produtos gauchescos, confeccionados artesanalmente e comercializados em um contexto de consumo dinâmico. A partir de tais constatações, apresenta-se a **problemática** que norteia esse estudo: *O artesanato na Vila Progresso em Caçapava do Sul/RS foi transformado em função do mercado simbólico dos produtos gauchescos? Em que sentido ocorreram tais transformações e quais foram as consequências das mesmas para a comunidade de artesãos?*

Como **objetivo geral** desta tese, *procura-se compreender as relações que se estabelecem entre artesanato e o mercado simbólico dos produtos gauchescos na comunidade citada, bem como, as possíveis mudanças que*

possam ter ocorrido em função dessa relação e as implicações das mesmas para a comunidade de artesãos da Vila Progresso.

De forma específica, **objetiva-se:** *a) entender o arranjo histórico da comunidade e da produção artesanal em lã; b) analisar como se estabeleceram e evoluíram as questões relacionadas a mercado e gênero no trabalho artesanal; c) avaliar o papel dos consumidores para o desenvolvimento da atividade comercial dos produtos artesanais, as implicações desse processo para o cotidiano dos artesãos e as percepções futuras dos mesmos.*

A temática, a problemática e os objetivos do estudo proposto justificam-se em função da necessidade de realizar pesquisas de caráter sócio antropológico, que busquem a compreensão da realidade das comunidades rurais, seu modo de vida cotidiano, seus saberes e à disposição dos mesmos frente a um mercado em constante movimento, nesse caso, o mercado dos produtos gauchescos simbólicos. A comunidade de artesãos da Vila Progresso partiu de conhecimentos tradicionais, aprendidos através da tradição familiar, sem intervenção de agentes externos como estilistas, *designers*, políticas ou programas públicos de direcionamento dos produtos confeccionados. Tais fatos devem ser citados para demonstrar que estes artesãos possuem a autoria dos produtos que confeccionam.

Além dessas questões, é preciso destacar que são raros os estudos sobre a produção artesanal em lã no Rio Grande do Sul, bem como a análise, o registro destes saberes e a relação com o mercado simbólico. Os artífices da comunidade deram início à comercialização de seus saberes, em forma de peças confeccionadas em lã, aproveitando as técnicas aprendidas e divulgadas ao longo de gerações, especialmente das mulheres, e a matéria-prima disponível na região onde se encontram. As ações em relação ao trabalho, a produção e as estratégias de comercialização de artigos artesanais confeccionados partiram do interesse e das próprias interpretações dos artífices do local onde estavam inseridos, contribuindo dessa forma para o crescimento do mercado dos produtos gauchescos no estado e em outros estados.

Quanto aos procedimentos metodológicos da pesquisa, diante dos objetivos de compreender as relações que permeiam as temáticas: artesanato e mercado simbólico, tendo em vista a complexidade de tais questões, optou-se por uma investigação metodológica de cunho sócio antropológico. Essa opção

possibilita a construção de uma análise da relação entre o mundo real e o sujeito, de forma dinâmica, considerando a existência de ligações indissociáveis entre “o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (SILVA E MENEZES, 2001).

Ao realizar um estudo de caso de caráter sócio antropológico sobre o artesanato indígena e a inserção do mesmo no mercado, Canclini (1983) declara que em pesquisas com estas características, deve-se utilizar uma metodologia onde seja possível primeiramente, a observação dos fatos sociais por parte do pesquisador para posteriormente, descrever os mesmos e explicá-los. Nessa mesma lógica, Bourdieu (1989, p. 45) ressalta que a pesquisa deve “transmitir ao mesmo tempo, instrumentos de construção da realidade, problemáticas, conceitos, técnicas, métodos e uma formidável atitude crítica”.

Em relação à prática do pesquisador, Bourdieu (2004) destaca que a investigação precisa ter instrumentos para a percepção, uma metodologia pré-determinada, para dar suporte ao conjunto de objetos e de questões que importam para os pesquisadores, sobre as quais eles vão concentrar seus esforços. A pesquisadora utilizou-se das perspectivas metodológicas apontadas por Bourdieu (1989; 2004) e Canclini (1983) para desenvolver o estudo que apresenta.

Pode-se dizer que a análise de Bourdieu sobre as questões relacionadas ao mercado simbólico foi fundamental para esta pesquisa, especialmente quando o autor destaca que as culturas tradicionais podem inserir seus produtos no cenário comercial. Mas tal ação pode gerar mudanças em relação à divisão do trabalho daqueles envolvidos no processo e a forma de reprodução dos produtos, em função das adequações que necessitam serem realizadas nos mesmos (BOURDIEU, 2007).

Para Bourdieu (2007) e Canclini (1983) existe em torno dos sistemas de relações simbólicas uma estrutura de produção, circulação e consumo, onde as questões sociais precisam ser consideradas e analisadas com um olhar sociológico. As interações relatadas pelos autores foram consideradas pela pesquisadora para a construção das categorias de análise desse estudo e também para a estruturação dos instrumentos de pesquisa.

Canclini (1983) destaca fatores que vão de encontro a compreensão de Bourdieu, ao relatar que o artesanato possui fatores sociais, simbólicos e técnicos relacionados ao aprendizado do fazer. Por ser entendido de tal maneira,

o artesanato precisa ser estudado “como um processo e não como um resultado, como produtos inseridos em relações sociais e não como objetos voltados para si mesmos” (CANCLINI, 1983, p.53). O real sentido das peças confeccionadas somente é atingido se for situado, em relação ao contexto histórico e as práticas sociais daqueles que as produzem e comercializam.

A fim de compreender com maior profundidade as relações que ocorrem entre mercado e artesanato, permeados por um sistema simbólico que interage no processo social, selecionou-se a metodologia qualitativa para nortear este estudo. A escolha justifica-se pelo fato de que uma análise qualitativa possibilita ao pesquisador o entendimento das relações que ocorrem no mundo social, com maior proximidade dos sujeitos e de suas perspectivas objetivas ou subjetivas. A presente pesquisa configura-se como um estudo de caso de caráter exploratório, descritivo e reflexivo, esse tipo de estudo auxilia na compreensão dos fatos sociais, possibilita ao pesquisador a observação, o diálogo, o aprofundamento e a construção de uma explicação da realidade investigada.

O estudo de campo iniciou pelo reconhecimento da comunidade de artesãos da Vila Progresso, na **primeira visita** à comunidade realizada em maio de 2014, quando ainda não se tinha a metodologia da pesquisa definida. Foi realizado um questionário fechado e previamente estruturado, além da técnica da observação e registro em um diário de campo com sete famílias de artesãos no local, com a finalidade de conhecer os (as) artesãos (ãs) e a atividade artesanal na comunidade. Com o uso de tais técnicas foram obtidas algumas informações importantes, principalmente através da observação e dos registros realizados, mas o método do questionário tomou um ar de formalidade na relação entre a pesquisadora e o sujeito, dificultando a prática do diálogo.

A primeira visita ocorreu de forma aleatória, ao conversar com o primeiro artífice surgiu indicação dos demais e assim decorreu o reconhecimento da comunidade de artesãos. Na visita e aplicação do questionário à última artesã, ficou evidente que a mesma não havia aprovado a atitude da pesquisadora, fato nítido em suas respostas. Essa observação gerou incômodo na pesquisadora, no sentido de questionar-se onde tinha errado, ao conversar com o orientador percebeu-se que o erro, que gerou descontentamento na artífice, estava no fato desta ter sido a primeira artesã a se instalar no local e a última a ser ouvida, sentindo-se desprestigiada naquele momento.

Não satisfeita com os primeiros resultados obtidos, a pesquisadora realizou uma **segunda visita** à localidade, com a utilização de um novo instrumento de pesquisa, a entrevista semiestruturada com poucas questões norteadoras, a fim de estabelecer um diálogo com os artesãos. Priorizou-se na conversa as questões históricas da comunidade e o início da produção artesanal no local. Detectando o erro da primeira intervenção, buscou-se saber quem eram os artesãos mais antigos na comunidade e iniciar as visitas pelos mesmos. O resultado demonstrou-se promissor, com uma riqueza de informações históricas sobre o trabalho artesanal relatadas pelos (as) artífices.

Diante da análise dos resultados obtidos nas duas primeiras coletas de dados, para dar continuidade a pesquisa de campo no ano de 2015, foram definidas as técnicas da: a) entrevista semiestruturada, com perguntas norteadoras e registro com o auxílio do gravador de voz; b) observação, com posterior registro em um diário de campo; e c) fotografia, com o uso de máquina fotográfica. Além destas, no decorrer do mesmo ano foram realizadas as pesquisas bibliográfica e documental, tendo em vista o resgate da história de Caçapava do Sul, a busca de informações em documentos¹, dados em sites oficiais do município, livros de escritores locais e materiais disponibilizados pela Fundação Gaúcha de Trabalho e Ação Social (FGTAS) de Caçapava do Sul.

O pesquisador pode buscar informações em documentos, relatórios, reuniões, artigos, jornais e revistas, além de sites e outros materiais que possam compor informações oficiais e históricas (BECKER, 1993). O autor destaca que tais subsídios geram um histórico importante para a compreensão de questões sociais, históricas e culturais da comunidade estudada e, além destes, ressalta a importância do gravador de voz, com a autorização do entrevistado, sendo útil para que não se perca informações importantes.

Diante da metodologia, dos métodos e dos instrumentos escolhidos para dar seguimento a pesquisa, no ano de 2015 a pesquisadora voltou ao local com novas perguntas norteadoras, tendo em vista as temáticas da pesquisa e as categorias de análise já construídas. Nos meses de junho e julho ocorreram a **terceira, quarta e quinta visita** à comunidade, nas quais se buscou conhecer e

¹ Foi realizada uma pesquisa em livros e arquivos encontrados na Biblioteca Pública Municipal de Caçapava do Sul, com o objetivo de encontrar dados sobre o município e a Vila Progresso.

entrevistar os 16 casais de artesãos que residem na Vila Progresso. Depois de conhecer todos os artífices e suas tendas, foi feita uma rápida análise dos dados obtidos.

Posteriormente realizou-se uma nova etapa de entrevistas semiestruturadas, mas com aprofundamento de algumas questões importantes para a pesquisa já mencionadas nas visitas anteriores. Para esta etapa foram escolhidos e visitados oito (8) casais de artesãos, na **sexta e sétima visita** à comunidade o critério de escolha dos mesmos foi o grau de esclarecimento que conseguiam proporcionar em relação às questões de interesse da pesquisa. Além de aprofundar as temáticas relevantes para o estudo, procurou-se tirar dúvidas em relação a diálogos anteriores.

Importante salientar que as visitas realizadas aos artesãos da comunidade no ano de 2015, foram acompanhadas por uma artesã da comunidade, a qual contribuiu para apresentar a pesquisadora à comunidade, proporcionando uma aproximação com aqueles artífices de difícil acesso (diálogo). Pois, a pesquisadora tinha informações prévias (informantes externos ao local) de que teria dificuldades em ser recebida e obter informações de alguns artesãos, tendo em vista relações de conflitos na comunidade.

Para compreender a lógica do consumo dos produtos artesanais realizou-se a **oitava visita** à comunidade, na oportunidade foram entrevistados de forma estruturada e aleatória 15 consumidores de produtos artesanais. Além disso, a pesquisadora acompanhou os cinco (5) artesãos da comunidade que participaram da Feira Expointer em Porto Alegre no ano de 2015, na ocasião foram entrevistados, também de forma estruturada, 10 consumidores de peças artesanalmente confeccionadas em lã. Na Expointer a pesquisadora conversou informalmente com o representante da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (FETAG/RS), questionando sobre o artesanato rural e o mercado para tais produtos no Estado.

Além dos artesãos e dos consumidores foram realizadas entrevistas estruturadas com vários interlocutores no município: em duas oportunidades foram realizadas entrevistas com Extensionistas da EMATER, em uma ocasião foram entrevistados os Secretários do Turismo e da Agricultura e Pecuária e os representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e da FGTAS do município. Por fim, conversou-se informalmente por telefone com os

representantes do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e do Serviço de Apoio à Micro e Pequenas empresas (SEBRAE), ambos da cidade de Bagé, representantes da chamada região do pampa. Estas ações ocorreram nos meses de agosto e setembro de 2015.

Em maio de 2016 foi realizada **a nona e última visita** da pesquisa de campo, nesta oportunidade a pesquisadora buscou realizar registros fotográficos do cenário externo da comunidade de artesãos, das lojas e tendas do local, das peças em lã confeccionadas na comunidade, da exposição dos produtos para o consumidor e dos instrumentos utilizados para a criação das peças artesanais. Acredita-se que os registros de imagens são primordiais, no sentido de demonstrar visualmente e de forma detalhada, o trabalho artesanal e o cenário construído na comunidade para o processo comercial.

Durante o desenvolvimento da pesquisa foram entrevistados homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, cujos nomes utilizados no decorrer do trabalho são fictícios preservando a identidade dos mesmos. A descrição detalhada das etapas da pesquisa e das técnicas utilizadas em cada uma, pode ser observada no Apêndice A. Nos Apêndices B, C, D e E podem ser visualizados os roteiros de entrevistas realizados com artesãos e demais e consumidores na Vila Progresso e na Feira da Expointer.

A partir da parte introdutória, a tese está organizada em quatro capítulos e mais as considerações finais. No primeiro capítulo “Contextualizando Artesanato, Mercado Simbólico e a Vila Progresso”, apresenta-se a comunidade de artesãos da Vila Progresso; busca-se compreender o contexto geral do artesanato no mundo, no Brasil e Rio Grande do Sul; as raízes e a evolução do artesanato em lã no cenário gaúcho, destacando as questões de gênero; aborda-se sobre o conceito de mercado simbólico e cenário mercadológico dos produtos simbólicos gauchescos e apresenta-se os aspectos relacionados ao tradicionalismo, compreendendo este movimento como uma tradição inventada.

No segundo capítulo “Produção e Gênero no Artesanato em Lã”, destaca-se a relação de gênero no artesanato. Posteriormente, trata-se do processo artesanal na comunidade, apresentando as mudanças ocorridas no mesmo, seguido da evolução desse processo, das diferenciações nos produtos confeccionados e da qualificação dos mesmos.

O terceiro capítulo “Desenvolvimento do Mercado dos Produtos Artesanais” aborda sobre o comércio dos produtos em lã, a expansão do comércio e as diferentes estratégias de comercialização, dos fatores limitantes encontrados na comunidade de artesãos, destacando os aspectos competitivos gerados pela proximidade das tendas comerciais.

No quarto capítulo “Apropriação da Tradição pelo Mercado Simbólico dos Produtos Gauchescos”, são destacados os fatores relacionados à diversidade dos produtos simbólicos do gaúcho, o olhar dos consumidores sobre o artesanato e as perspectivas futuras dos artesãos sobre a atividade comercial na comunidade. Por fim, apresenta-se as considerações finais.

1 CONTEXTUALIZANDO ARTESANATO, MERCADO SIMBÓLICO E A VILA PROGRESSO

Este capítulo apresenta dois dos principais conceitos que norteiam esta tese: artesanato e mercado simbólico. Nas seções que seguem são destacadas as contribuições teóricas para o entendimento desses conceitos, bem como os aspectos relacionados a fatos históricos e contextos sociais que auxiliam em um entendimento posterior, onde o estudo passa a analisar a perspectiva sob o olhar dos produtos artesanais gaúchos comercializados no mercado simbólico.

Por fim, o capítulo traz a descrição do local empírico do estudo, destacando as características da comunidade da Vila Progresso em Caçapava do Sul-RS, formada especialmente por artesãos (ãs) que confeccionam peças em lã e comercializam vários produtos artesanais. E ainda, são apresentados os aspectos relacionados à identidade da região onde está inserida a comunidade.

1.1 VILA PROGRESSO: ARTESANATO E MERCADO DE PRODUTOS GAUCHESCOS

A Vila Progresso é uma comunidade rural do município de Caçapava do Sul, o qual possui fortes elementos históricos que levam a região a ser promissora na prática e no saber do artesanato tradicional em lã. Antes de abordar a produção artesanal na comunidade, é preciso contextualizar um pouco das particularidades da região em que a mesma está inserida para num segundo momento, compreender o cenário da Vila Progresso e suas características, em especial àquelas que dizem respeito a dinâmica produtiva e comercial do artesanato.

Caçapava do Sul está localizada na serra do Sudeste, pertence a região da campanha, possui uma área de 3.047,20km² e sua população estimada em 2010, é de 33.650 habitantes, dos quais 60% encontram-se no meio urbano. Distante 250 km de Porto Alegre, a economia é basicamente sustentada pela Mineração, Agricultura e Pecuária (PREFEITURA, 2014). A divisão administrativa do Município possui 6 distritos: Bom Jardim; Carajá; Seival; Cerro

do Martins; Forninho e Santa Bárbara, onde localiza-se a Vila Progresso (IBGE/ CIDADES, 2014).

Caçapava do Sul possui uma localização geográfica privilegiada, tem proximidade com a BR-392, ligando a região das missões ao porto de Rio Grande; com a BR-290, que possibilita o caminho de Uruguaiana a Porto Alegre; e com a BR-153, ligando a BR 290 à cidade de Bagé. Estas rotas colocam o município com uma entrada via Uruguai e outra via Argentina, tornando-se um caminho de passagem aos países do Mercosul (PREFEITURA, 2014).

Quanto à formação histórica da região, antes da chegada do homem branco a localidade era habitada por índios Charruas². Oficialmente Caçapava do Sul formou-se de um acampamento militar na metade do ano de 1770, período de lutas em função da disputa de território entre Portugal e Espanha. A partir de 1773 começa-se a formar o povoamento das terras do Sul, quando passaram a ser distribuídas as primeiras sesmarias na região. A localidade possui influências da forma como foi estabelecida, formada por grandes estancieiros, peões e escravos (ABRÃO, 1992).

Em 1831 a localidade foi elevada à categoria de Vila e em 1885 à categoria de município (ABRÃO, 1992). Conhecida como 2ª Capital Farroupilha³, obteve este título entre os anos de 1839 e 1840, quando a Capital do Governo Republicano Rio-Grandense foi transferido de Piratini para Caçapava. Fato que marca várias questões importantes para compreender a história do município, dentre elas a tradição do gauchismo (SPINELLI, 2006; IBGE/ CIDADES, 2014).

A localidade historicamente tem uma forte relação com a criação de gado

² Os quais tinham suas “ocas armadas em uma clareira”, lugar que foi denominado pelos índios de “CAA-ÇA-PAABA”, a qual significa “Clareira da Mata”, dentre outras interpretações esta é a mais aceita em relação a origem do nome da cidade (ABRÃO, 1992, p. 13). O autor destaca que depois do nome dado pelos indígenas, a localidade passou a ser chamada de “Paragem de Cassapava”, pois era um lugar de parada de tropeiros e aventureiros que vinham de outros lugares procurar tesouros ou arrebanhar gado xucro, os quais viviam soltos pelos vastos campos da região.

³ Caçapava do Sul, em uso de sites oficiais, ostenta título de 2º Capital Farroupilha, provavelmente na busca de criar uma identidade, destacando o fato como algo importante frente a sua história dentro do Estado. Além disso, associa o fato de que durante a Revolução Farroupilha ocupava geograficamente um local político e militar estratégico, proporcionando vias de acesso a outros países da América Latina (SPINELLI, 2006).

e ovelha⁴, questões favorecidas pelas características geográficas e agroecológicas, com o tempo surgiram trabalhos artesanais na região com o couro do gado e com a lã ovina. O couro era utilizado para confecção de acessórios domésticos (móveis) e para montaria (corda, arreios, dentre outros) e a lã retirada da ovelha utilizada para confeccionar roupas e acessórios domésticos, através do trabalho manual das mulheres com a utilização dos teares, da roca e do fuso.

Uma das localidades rurais mais dinâmicas de Caçapava do Sul é a chamada Vila Progresso, cuja localização pode ser visualizada na figura – 1. De acordo com o Presidente da Associação de Moradores da comunidade, a mesma conta com 68 famílias, constituídas por pequenos proprietários que possuem terrenos de aproximadamente 1,5 hectares o local. Algumas destas famílias possuem outras áreas em localidades próximas, onde cultivam produtos e criam animais para o consumo, existem casos, em menor número, de famílias que possuem áreas arrendadas destinadas à produção de soja, arroz ou criação de gado.

Figura 1 - Localização da Vila Progresso e de Caçapava do Sul no Rio Grande do Sul



Fonte: Google imagens/mapa do município de Caçapava do Sul

⁴ Além destas atividades, são características do interior do município os cultivos de feijão, milho, arroz, mandioca e hortifrutigranjeiros, também tem se destacado no crescimento das indústrias caseiras, na produção de mel, de oliveiras, de azeite de oliva e do artesanato em lã (PETRIN E CARMO DA SILVA, 2013)

A comunidade supracitada localiza-se às margens da BR-290, distante, aproximadamente 25 km da cidade, possui posto de saúde, agente comunitário de saúde, luz elétrica, água encanada de postos artesianos⁵, coleta de lixo e associação de moradores, escola⁶, igrejas (católica e evangélica), salão de festas, supermercado, agropecuária, casa de mel, indústria de azeite de oliva⁷, loja de material de construção. A indústria de azeite tem gerado vários empregos diretos na comunidade e é o único estabelecimento não-familiar do local, os demais têm por característica a mão de obra e a administração familiar, gerando empregos de forma temporária e conforme a demanda das atividades exercidas.

Outra característica da comunidade é o “*expressivo número de aposentados*”, os quais são lembrados pelo presidente da associação de moradores da comunidade. E ainda, alguns homens que não se envolvem com a atividade artesanal, trabalham com a atividade agrícola ou pecuária em fazendas localizadas nas proximidades da Vila Progresso. Já as mulheres que não prestam serviço para os artesãos do local, algumas trabalham como diaristas na comunidade ou na cidade de Caçapava.

Guardadas estas questões, deve-se destacar que a principal dinâmica econômica e produtiva da comunidade gira em torno dos produtos artesanais, especialmente as confecções em lã criadas pelos (as) artesãos (ãs) do local. Petrin e Carmo Da Silva (2013) relatam que o artesanato na comunidade está ligado a elementos favoráveis para o seu desenvolvimento, como a localização privilegiada do núcleo de artesãos, às margens da BR. Fato que favorece a comercialização em função do constante fluxo de turistas e demais viajantes, inclusive uruguaios e argentinos, os quais prestigiam os produtos artesanais com

⁵ Foi necessária a construção de poços porque a comunidade sofria no período de verão com falta de água.

⁶ A qual atende alunos até o quarto ano primário, os demais alunos são levados pelo transporte público para uma escola que possui ensino fundamental e médio, em torno de 15 km da Vila.

⁷ A fábrica de azeite de oliva – Tecnolivas, instalada no local há três anos, é uma empresa que trabalha com a produção de mudas e o beneficiamento das azeitonas numa indústria própria construída na localidade, gerando oito empregos diretos e alguns empregos temporários na época de colheita das frutas. O fato da proximidade com a BR 290 foi um dos fatores responsáveis pela instalação na fábrica na Vila Progresso.

forte tradição cultural do pampa, e ainda, viajantes a serviço do comércio que passam pela região.

De acordo com informações coletadas junto à comunidade o desenvolvimento do artesanato no local tem pouco mais de três décadas, foi quando se instalaram as primeiras mulheres artesãs na comunidade da Vila Progresso. Atualmente são 16 famílias de artesãos na comunidade, gerando em torno de 40 empregos diretos e indiretos, entre homens, mulheres, jovens, adultos e idosos. O trabalho artesanal tem picos de produção e comercialização na época de outono-inverno, já no período de primavera-verão a comercialização diminui, mas a criação das peças não cessa. Vários artesãos tecem peças⁸ em lã atendendo a pedidos de encomendas realizadas por clientes de várias cidades do estado, de outros estados e até de outros países. Tal fato demonstra o crescimento do mercado dos produtos artesanais em lã e demais produtos artesanais em couro e madeira, comercializados nas tendas abertas ao público na comunidade.

Portanto, além da família do artesão (homem, mulher, às vezes, filhos (as), noras e genros, sobrinhos (as) dependendo da conjuntura familiar) ainda é necessário buscar mão de obra de moradores da localidade (vizinhos (as)), principalmente das mulheres, que contribuem para o acabamento das peças, e dos jovens, que realizam a confecção dos tecidos nos teares. O trabalho dos jovens e das mulheres da comunidade, “contratados” de forma temporária, é fundamental para o processo de produção e acabamento das peças.

Já que os proprietários dos estabelecimentos também precisam cuidar da comercialização das peças nas tendas e lojas, realizando o atendimento ao cliente. Os artesãos proprietários precisam organizar os locais de comercialização, os varais que são colocados em frente as residências, negociar com os fornecedores que se dirigem ao local para vender ou trocar produtos. Existe uma relação de troca de produtos em lã confeccionados na comunidade,

⁸ Os principais produtos em lã confeccionados pelos artesãos são: palas para adultos e para crianças, capinhas femininas, acolchoados, tocas, golas, boinas, meias, mantas, luvas, pelerines, xales, xergões e pelegos. Além destes artigos, os artesãos também comercializam produtos artesanais que compram de fornecedores, como: tapetes, puffs e bancos em couro, banco rústico de madeira, chinelos e ovelhinhas de lã, relógios e gamelas em madeira, caixas de mdf forradas e decoradas, almofadas, facas, mateiras, cuias, bombas de chimarrão e vários outros itens de decoração feitos em lã, couro ou madeira.

por artigos em couro e madeira vindos de fora, de localidades próximas e, dependendo do produto, de outras regiões do estado

Em alguns casos, parte considerável da confecção dos produtos em lã é realizada pelas mãos dos artesãos contratados, já que os proprietários dos estabelecimentos comerciais precisam estar atentos ao comércio das peças à margem da BR, cujo cenário pode ser visualizado na figura – 2. O fato de ter um comércio aberto implica em atender aos consumidores que visitam o local e em organizar o ambiente da tenda.

Figura 2 – Artesanato na Vila Progresso



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

O artesanato na Vila Progresso possui fatores importantes, os quais para serem compreendidos precisam ser estudados com maior profundidade. Tendo em vista que, em um período curto de tempo e espaço, várias mudanças ocorreram na comunidade, motivadas especialmente pela evolução do artesanato e a expansão comercial dos artigos confeccionados no local.

Tais mudanças estão relacionadas a uma diferenciação na relação de trabalho e gênero na produção das peças, mudanças nas técnicas adotadas, buscando-se adequações às exigências do mercado, ampliação do comércio dos produtos artesanais e a criação de diferentes estratégias comerciais pelos artesãos. Estas relações serão abordadas com maior profundidade a seguir, no decorrer do trabalho, pois entender tais questões é um dos objetivos da presente pesquisa.

1.2 ARTESANATO: HISTÓRICO, CONTEXTO BRASILEIRO E GAÚCHO

Esta seção tem por objetivo contextualizar as questões referentes ao artesanato, destacando aspectos de sua origem e evolução, observando as diferenciações que ocorreram em função das necessidades de utilização dos produtos feitos à mão. Nessa conjuntura, destaca-se de forma breve a tecelagem e seu desenvolvimento, a evolução do segmento artesanal no cenário internacional, no Brasil e no Rio Grande do Sul, ressaltando as principais ações políticas de incentivo ao artesanato no país e no estado sulino.

A origem do artesanato possui uma data imprecisa, parece coincidir com as necessidades da vida do homem primitivo e com a natureza da divisão do trabalho, a qual ocorre a partir do momento em que o ser humano aprende a “manusear” determinados elementos do ambiente ao seu entorno. De acordo com suas necessidades o homem passou a fazer uso do trabalho manual, desenvolvendo saberes com a utilização dos elementos da natureza para confeccionar objetos úteis ao seu cotidiano, como utensílios domésticos, e para o trabalho, como as vestes primitivas e adereços (SERAINÉ, 2009).

No Oriente, ainda no período Neolítico, o homem já realizava o processo de cruzamento dos fios e tecia a lã para confeccionar agasalhos, o qual mais tarde deu origem à tecelagem moderna. Antes da invenção da roda de fiar, datada do século XV, o homem fiava no fuso para produzir seus próprios agasalhos. Há registros de que na Mesopotâmia, 4 mil a.C, preparava-se a urdidura em teares verticais, mas foi no Ocidente que os homens evoluíram para os teares horizontais. Segundo a tradição religiosa Jesus, Maria e José trabalhavam de forma artesanal, José era carpinteiro e Maria fiava, tecia e costurava para a família (MARTINS, 1973).

No período histórico que se estende até o final da Idade Média, a produção artesanal era realizada pelos membros da família com ajuda de instrumentos rudimentares, os utensílios confeccionados ajudavam nas atividades diárias e no trabalho agrícola voltado à subsistência das comunidades (SAVIANE, 1998). Esse era um reflexo da vida camponesa, pois o camponês era um artesão que produzia seus próprios alimentos, fabricava ferramentas,

confeccionava roupas, calçados, móveis, tinturaria, ferramentas de ferro e até as próprias moradias (KAUTSKY, 1980; LÊNIN, 1982).

Este cenário começa a diferenciar-se quando os produtos confeccionados artesanalmente passam a ser requisitados pelos homens urbanos e o artesão começa a produzir para abastecer esse mercado, período marcado pelo surgimento do sistema fabril (SAVIANE, 1998). O aumento da demanda dos produtos artesanais pelo mercado urbano e a figura do intermediário, passam a ser elementos fundamentais na evolução do processo artesanal e são fatores que imprimem uma nova relação de comercialização do artesanato.

Para entender um pouco mais sobre um contexto geral da produção artesanal, é preciso destacar que o mundo material é reproduzido através do saber-fazer do artesão, expresso na criação dos produtos, os quais formam códigos e símbolos que somente são entendidos por aqueles que conhecem o subsistema onde os mesmos são produzidos. Os objetos artesanalmente confeccionados traduzem comportamentos, expressam mensagens, transmitem informações, possuem sentidos e têm significados para o contexto do artesão que o produz (VIVES, 1983).

O artesanato não é algo fragmentado, os produtos confeccionados têm uma relação com a vida da comunidade que os produz. O fazer manual possui um sentido prático, o aprendizado desse processo é informal e ocorre através da observação e da prática de aprender a fazer, fazendo (MARTINS 1973). A produção artesanal pode ser de sentido utilitário, lúdico, religioso, conceitual ou decorativo (NETO, 2002). As características do produto confeccionado à mão estão de acordo com a criatividade, o saber do artífice e a matéria-prima⁹ utilizada, a qual na maioria das vezes é encontrada na região onde o mesmo vive (LIMA, 2005).

No fazer artesanal ocorre uma integração com a estrutura social da região onde os artesãos produzem os objetos, ocasionando uma vinculação aos hábitos e a forma de vida dos mesmos (RIOS, S/D). O saber-fazer manual pode

⁹ Em relação as matérias-primas utilizadas para a confecção dos produtos artesanais, estas podem ser utilizadas em estado natural, depois de passar por um processo de reciclagem, e pode passar por mudanças através de tratamentos físicos ou químicos para serem utilizadas (PAG, 2011). E ainda, podem ser de origem animal, vegetal e mineral, sendo as mesmas divididas em: 1) barro; 2) couro; 3) fibras vegetais; 4) fios; 5) madeira; 6) metais; 7) pedra; 8) vidro; 9) outros (borracha, sementes, ossos, chifres, etc.) (NETO, 2002).

representar a reprodução simbólica de uma história tradicional, dos costumes e da cultura de uma determinada população. Enfim, a configuração dos elementos artesanais pode ser avaliada como um patrimônio histórico de uma população e pode ser classificada de acordo com as origens, formas de produção, valores que expressam, peculiaridades de quem confecciona e aquilo que o produto representa (PAB, 2012).

O saber-fazer manual de cunho tradicional é o que mais interessa a este estudo, normalmente é produzido por indígenas ou camponeses através dos seus saberes, dos aspectos culturais e da forma de vida tradicional. São objetos, técnicas de produção e desenhos enraizados na própria história das famílias que criam os artigos (CANCLINI, 1983). Este tipo de produção pouco inova, geralmente é produzido com o trabalho familiar ou da comunidade, favorecendo o processo de transmissão dos conhecimentos, preservando a cultura e divulgando a mesma para as futuras gerações (NETO, 2002; FILHO, 2009).

As características apontadas pelos autores em relação à produção artesanal, o saber-fazer tradicional dos artesãos, o sentido que as criações produzem para os mesmos e o fato de tais questões estarem interligadas ao contexto histórico onde vivem, é cenário encontrado na comunidade de artesãos da Vila Progresso em Caçapava do Sul-RS, local empírico desta pesquisa. Na comunidade os artífices reproduzem seus conhecimentos através de técnicas manuais, utilizando de forma tradicional os saberes e a matéria-prima disponível na região.

Usar o termo tradicional para designar uma peça criada com o saber-fazer manual adquirido através do conhecimento das gerações passadas, remete a duas interpretações distintas: a) o sentido de autenticidade e pureza ou b) de atraso. Interpretar o fazer do artesão como atrasado e como tal precisa ser modificado e incorporado ao modelo industrial, acabaria com a reprodução material da tradição, ou seja, das práticas sociais e culturais herdadas pelo artesão. Mas é justamente o fato de ter significações sociais, culturais e simbólicas que, por vezes somente a comunidade possui, que dará o sentido de autenticidade no fazer do artesão (ALVIM, 1983).

O sentido de autenticidade, por vezes acompanhado da rusticidade e da exclusividade são atrativos para o mercado simbólico contemporâneo, porque passaram por uma ressignificação no sentido atribuído pelo consumidor. Mas

nem sempre foi assim, no passado os produtos do artesanato eram simbólicos somente para os artesãos, por serem representativos de seus saberes e construídos com um sentido histórico, muitas vezes tinham por objetivo suprir as necessidades vigentes naquele momento e a rusticidade era interpretada pelo mercado como sinônimo de atraso.

Canclini (1983) e Lima (2005) explicam que o valor simbólico atribuído, por exemplo, a um produto artesanal tem uma expressão para o artesão que o confecciona e pode ter outra para o consumidor que compra o produto no mercado. Em relação ao artesão deve-se compreender determinados valores históricos e culturais, definidos pelo tempo-espaço onde são confeccionados os produtos, pois para quem produz, estes artigos possuem valores culturais e condições sociais que lhes atribuem um conjunto de significações que nem sempre são do conhecimento do consumidor.

No Brasil o artesanato possui várias influências culturais, fruto da miscigenação dos povos ao longo da história¹⁰, polarizado na atualidade em função da conservação do modo tradicional ou da transformação dos produtos em função das exigências do mercado consumidor. No período colonial brasileiro o artesanato não foi prestigiado, os primeiros estudos sobre segmento no país surgiram somente em 1950, fruto do trabalho realizado por antropólogos, estudiosos da cultura e do folclore (MARTINS, 1973). A partir destes estudos começam a ser criadas por alguns estados, especialmente os estados do nordeste¹¹ e Minas Gerais, algumas políticas de incentivo ao segmento. Além

¹⁰ A história do artesanato está ligada, primeiramente, aos povos indígenas, que depois foram sendo incorporadas com as técnicas conhecidas pelos imigrantes que chegavam ao país e pelos negros (escravos) que eram forçados a fazer trabalhos manuais nos latifúndios de exploração (NETO, 2002). No início da colonização do Brasil, D. Pedro estimulou a instalação de oficinas artesanais nas comunidades urbanas e rurais. Em 1766, D. José I ordenou que as oficinas fossem destruídas, declarando a profissão como fora da lei. No reinado de D. Maria I (1785) a tecelagem caseira foi proibida e os teares da Colônia foram desmontados, por ordem da mesma, somente poderiam ser feitas roupas grosseiras para vestir os escravos (MARTINS, 1973). Em 1808, D. João baixou os alvarás dispostos pela mãe, autorizando e fomentando o artesanato no Brasil. Mas, D. Pedro I, na Constituição de 1824, mandou abolir as corporações de ofício do Brasil e somente com a Constituição promulgada por Getúlio Vargas (1937), o artesão foi amparado pelo artigo 136: "o trabalho manual tem direito à proteção e solitudes especiais do estado" (MARTINS, 1973, p. 36).

¹¹ No Brasil, os estados do Nordeste foram os primeiros a organizar estudos sobre a temática, nos quais o artesanato era entendido como uma atividade humana, compreendido para além de uma questão técnica, não podendo ser "desvinculado de hábitos, costumes, estilos de vida, vigentes na área em que surgiu" (RIOS, S/D, p.12). Quem saiu na frente na valorização do trabalho artesanal foi Minas Gerais, o governo organizou várias pesquisas, cursos, exposições,

disso, começaram a ser criadas iniciativas no âmbito da extensão rural visando o fomento¹² da produção artesanal no meio rural, como uma atividade econômica complementar (SERAINÉ, 2009).

Na década de 1970 a Associação Brasileira de Artesãos propôs uma definição jurídica e a legalização a nível nacional da profissão de artesão. Além disso, realizou-se o I Encontro Nacional de Artesanato (I ENA) em Brasília, promovido pelo Ministério do Trabalho e foi criado o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato (PNDA/1977). Destas iniciativas surgiu uma agenda política de ações que passaram a incentivar o crescimento do artesanato no país (SERAINÉ, 2009).

Os fatos ocorridos contribuíram para o artesanato tornar-se patrimônio cultural imaterial pela Constituição da República do Brasil (1988) (IPHAN, 2014). A partir deste reconhecimento, várias iniciativas de políticas públicas, projetos e programas foram criadas e executadas no país, no período que se estende de 1990¹³ a 2010, parte considerável de tais ações são executadas pelo Serviço de Apoio à Micro e Pequenas empresas (SEBRAE)¹⁴. Em 2011 foi aprovado o Dia Nacional do Artesão (19 de março) e no ano de 2013 foi aprovado o Projeto de Lei 7755/10, o qual define a profissão de artesão, cria o Estatuto do Artesão, o

convênios e um plano de cooperativas de artesãos. Em 1966, o estado mineiro criou uma lei estadual oficializando o trabalho artesanal (MARTINS, 1973).

¹² Essas ações tiveram subsídios da Campanha Nacional de Educação Rural (CENAR), Serviço Social Rural (SSR), Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) (SERAINÉ, 2009).

¹³ Em 1991 foi criado o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) visando a consolidação econômica das comunidades artesanais do país e executado em parceria com órgãos dos governos federal, estaduais e municipais, e com entidades representativas do segmento artesanal (PAB, 2012). No ano de 1998 foi criado o Programa SEBRAE de Artesanato, vigente em todo o país (NETO, 2002). Em 2003 foi criado o Programa de Promoção do Artesanato Tradicional (PROMOART), com respaldo conceitual e metodológico dos estudos do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), através do Departamento de Patrimônio Imaterial/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (LIMA, 2011). No ano de 2009 foi criada a Confederação Nacional dos Artesãos do Brasil (CNARTS) e, no mesmo ano foi lançado o Projeto Talentos do Brasil Rural, executado pelo SEBRAE, objetivando a agregação de valor aos produtos artesanais produzidos no meio rural, através da utilização de matéria-prima da região (MTUR, 2015; MDA, 2015).

¹⁴ A instituição referida adota uma visão mercadológica e empreendedora em relação ao artesanato, gerando críticas de alguns autores que pesquisam sobre o tema. Para Lima (2011) e Belas (2012), a agência transforma o artesanato de cunho tradicional, violando os saberes das comunidades ao trazer interferências do *design* criativo, ferindo o saber e a habilidade do artesão, descaracterização do produto tradicional.

Conselho Nacional do Artesanato, o Serviço Brasileiro de Apoio ao Artesanato e identifica o artesão através de uma carteira Nacional (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2014).

Em relação ao Rio Grande do Sul o artesanato começa a ser pensado em 1970, quando a FGTAS passa a realizar estudos sobre o artesanato gaúcho, a partir desse momento iniciou-se um cadastramento dos artesãos e começaram a ser criados programas de treinamento de mão de obra (SERAINÉ, 2009). Estas ações resultaram em várias iniciativas de leis e decretos sobre o setor artesanal, como a criação do Programa Gaúcho do Artesanato (PGA/1973) e a partir desse momento o Rio Grande do Sul passou a ter uma organização do segmento. Em 1974, realizou-se pela FGTAS o I Seminário Estadual de Mão de Obra (Porto Alegre).

O PGA¹⁵, coordenado pela FGTAS, realiza o cadastramento dos artesãos, proporcionando aos mesmos a participação em espaços organizados de comercialização. A oportunidade de mercado também é constituída através de feiras comerciais realizadas no estado (FGTAS, 2010). Entre 2007 e 2008 o PGA passou por um processo de revitalização e como resultado desse processo a Secretaria da Justiça e do Desenvolvimento Social e a FGTAS instalaram o Comitê Gaúcho do Artesanato no estado, com o objetivo de elaborar uma proposta de estruturação do projeto de marco legal do artesanato no Rio Grande do Sul (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2008).

A formação do Comitê contribuiu para a criação do Fundo de Desenvolvimento do Artesanato (buscando investimentos) e colaborou na construção do Marco Legal do Artesanato Gaúcho (definindo políticas públicas de apoio ao setor) (FGTAS, 2010). E ainda, colaborou para a sanção da Lei¹⁶

¹⁵ Incentiva a profissionalização dos artesãos, oferece oportunidade de qualificação (cursos), de legalizar a profissão (criando a carteira do artesão), de incluir os artesãos em políticas públicas e inseri-los nos espaços de comercialização (FGTAS, 2010).

A coordenação do PGA possui sua sede administrativa em Porto Alegre, na Casa do Artesão, onde realiza a emissão da Carteira de Identidade do Artesão, atestados, declarações, organização de exposições, feiras e cursos. No interior do Estado, o programa atende aos artesãos através de funcionários lotados nas agências FGTAS/Sine, nestes locais foram construídos espaços para a comercialização dos produtos artesanais e os próprios artesãos são responsáveis pela organização do espaço de comercialização (FGTAS, 2010).

¹⁶ Segundo FGTAS (2010) a lei determina: Art. 1.º - Esta Lei cria a Ação Estadual de Valorização do Artesanato no Estado do Rio Grande do Sul, com finalidade de contribuir para o desenvolvimento sustentável, fortalecer as tradições culturais e locais, incentivar o processo artesanal e a manutenção da geração de trabalho e renda do Estado.

13.516/2010, a qual estabelece os conceitos de artesanato e artesanato no Estado, estas definições auxiliam na organização de políticas e programas de amparo e fomento ao segmento.

A lei também traz uma classificação do artesanato, diferenciando os tipos de saberes e técnicas de produção, tendo em vista que, com o passar do tempo as formas de criação dos produtos artesanais foram sendo diferenciadas, sofreram várias influências, seja do trabalho indígena, dos saberes dos imigrantes que vieram para o estado, da evolução do mercado consumidor e/ou das ferramentas e técnicas que passaram a ser utilizadas nas confecções dos produtos.

Considerando estas questões, o artesanato no estado passou a ser classificado como: a) artesanato indígena, realizado por uma comunidade indígena; b) artesanato típico regional étnico, característico do processo de povoamento e colonização do RS; c) artesanato contemporâneo, resultado da inovação tecnológica e da inclusão de novos materiais, como os elementos das culturas urbanas; d) habilidades manuais, não transforma a matéria-prima, confecciona modismos da época, visando uma reposta mercadológica e e) artesanato tradicional, ocorre através de manifestações populares que mantêm os costumes originais da cultura de um povo e/ou região (FGTAS 2010).

Além da FGTAS, deve-se destacar a atuação de outras instituições no segmento artesanal no estado, como a EMATER/ASCAR, o SEBRAE¹⁷ e o SENAR¹⁸. Os extensionistas da EMATER/ASCAR prestam assistência junto às

Art. 2.º - **artesanato**: [*grifo nosso*] aquele que detém o conhecimento do processo produtivo, sendo capaz de transformar a matéria-prima, criando ou produzindo obras que tenham uma dimensão cultural, exercendo atividade predominantemente manual, principalmente na fase de formação do produto, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças;

II - **artesanato**: [*grifo nosso*] é o objeto ou conjunto de objetos utilitários e decorativos para o cotidiano do homem, produzidos de maneira independente, usando matéria-prima em seu estado natural e/ou processados industrialmente, mas cuja destreza manual do homem seja imprescindível e fundamental para imprimir ao objeto características próprias, que reflitam a personalidade e a técnica do artesão (FGTAS, 2010, p.1)

¹⁷ O SEBRAE pode oferecer consultoria para o setor artesanal, atuando na realização de diferentes cursos de capacitação e realizando ações de forma particular, através de projetos coletivos de associações, cooperativas e outras instituições, ou ainda, através de projetos públicos de nível municipal, estadual ou federal.

¹⁸ O SENAR opera junto ao segmento artesanal em consonância com o STR de cada município e com a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (FETAG). A instituição oferece cursos de capacitação para o artesanato gaúcho, os quais podem ser requeridos pelos artesãos junto ao STR.

comunidades rurais, seja no auxílio da criação das peças artesanais, através da realização de cursos de aprimoramento das técnicas realizadas pelo artesão, quanto na articulação de estratégias de mercado, como a organização de feiras locais e regionais (EMATER, S/D). A FETAG atua na organização de espaços de comercialização para as feiras comerciais, por intermédio da articulação dos STR de cada município.

Analisando o contexto apresentado, embora se reconheça alguns avanços, é possível dizer que o artesanato no Brasil e no Rio Grande do Sul “caminham a passos lentos”, as ações públicas têm por base programas pontuais e regionalizados. O setor artesanal, seja em termo de país ou de estado, ainda é considerado como uma “alternativa complementar de renda”, dividindo-se ora em favor da conservação dos saberes, técnicas, memória e tradição das comunidades e ora em busca de adequações dos produtos artesanais ao mercado, o qual possui um público consumidor bastante dinâmico e exigente.

1.3 ARTESANATO EM LÃ NO RIO GRANDE DO SUL: RAÍZES E EVOLUÇÃO

Este item tem por finalidade contextualizar o artesanato em lã no estado, evidenciando a história e a evolução desta atividade. Dentre as principais características da atividade em lã, destacam-se as técnicas e os conhecimentos indígenas, aprimorados com os jesuítas e portugueses, o trabalho artesanal das mulheres, a utilização da matéria-prima encontrada na região e a desvalorização social das peças artesanalmente confeccionadas em lã.

O artesanato no Rio Grande do Sul possui raízes históricas e traços do saber e da cultura das comunidades, além da influência do contexto climático, geográfico e do modo de vida da sociedade gaúcha no tempo histórico, a criação dos produtos artesanais, num primeiro momento, tinha sentido utilitário para o cotidiano dos indivíduos. As peças artesanais em lã no estado começaram a ser confeccionadas, a partir da necessidade da população em agasalhar-se do clima frio da região.

Utilizava-se para a criação das peças os poucos recursos disponibilizados na época, seja em termos de mão de obra, instrumentos ou matéria-prima para a criação. Pode-se dizer que a confecção dos agasalhos em lã iniciou de forma rústica, tendo em vista a necessidade das pessoas mais pobres, como o peão-

gaúcho, a disponibilidade da lã como matéria-prima, o fuso, a roca e o tear manual como instrumentos para ajudar na criação das confecções.

Uma das particularidades que se destaca no cenário do artesanato gaúcho ao longo de sua história, é a criação de objetos e utensílios de cunho “regionalizado” e diversificado, de acordo com as etnias de cada localidade (FAGUNDES, 1995). Alguns dos produtos artesanais mais característicos do Rio Grande do Sul estão representados nos hábitos adquiridos pela região do pampa (fronteira oeste ou campanha), com forte influência da cultura indígena. Pode-se destacar a confecção artesanal de vários utensílios para as casas ou ranchos, para o trabalho no campo com o gado e agasalhos para abrigar-se do frio.

Os primeiros registros¹⁹ históricos sobre o artesanato em lã²⁰ no estado fazem referência ao trabalho indígena, há informações de que os índios que habitavam as terras sulinas eram hábeis trançadores de tecidos rudimentares, com variados tipos de fibras, inclusive a lã, mas não se sabe se para fazer as confecções os índios utilizavam algum tipo de tear (EGGERT, et al. 2011). As autoras lembram que foi com a chegada dos jesuítas ao estado, por volta do século XVII, passou-se a fazer uso de teares rústicos, da fiação e da tecelagem manual. Provavelmente foram os jesuítas²¹ que ensinaram os indígenas, em especial as mulheres, a manusear e a fazer confecções nos teares da época.

Há registros de que os primeiros portugueses que chegaram de São Paulo para o Rio Grande do Sul também trouxeram junto seus teares, a roca e o fuso,

¹⁹A construção de um referencial sobre o artesanato no Rio Grande do Sul é um desafio, tendo em vista que os estudos sobre o assunto fazem parte de recortes e conteúdos pouco explicativos dentro da literatura.

²⁰Além da lã, vários tipos de matérias-primas são utilizados no estado para a confecção de peças artesanais, tais como: crina de animais, metal, ferro, tintura (produzida naturalmente), taquara, porongo e a palha (ZATTERA, 1988). A autora lembra que, através do porongo cria-se a cuia de chimarrão, símbolo da cultura gaúcha e da bebida do gaúcho. Outros exemplos são citados por Fagundes (1995), como o couro bovino, utilizado para a confecção de bainhas de faca, boleadeiras, arreios, botas, guaiacas, malas de garupa e móveis caseiros, como o lastro trançado em couro das camas e os assentos e encostos das cadeiras. Além dos chifres dos animais, utilizados para a criação de produtos como: cabos de facas, chairas e canivetes (FAGUNDES, 1995).

²¹ Os jesuítas chegaram as terras sulinas e organizaram a chamada Zona de Tapes (1626) e depois os Sete Povos das Missões (1682), catequizando as tribos guaranis (LUVIZOTTO, 2010). Além da atividade com o gado, os índios dos Sete Povos das Missões passaram a produzir erva-mate e a fazer trabalhos manuais necessários para a vida diária, tais como: a fiação, tecelagem, metalurgia, trabalhos artísticos, dentre outros. A autora lembra que o trabalho acontecia em regime comunitário, sob orientação dos jesuítas

para fazer fio e tecer (EGGERT, et al. 2011 apud LESSA, 1980). Os instrumentos trazidos e a lã de ovelha disponíveis no estado, eram aproveitados pelas mulheres portuguesas para criar peças artesanais. Com o tempo e a colonização do país, a tecelagem, o bordado e a costura passaram a ser trabalho predominantemente feminino, realizado pelas mulheres, jovens, mucamas e escravas, a fim de atender as necessidades domésticas nas fazendas.

O tear é formado por "um conjunto de peças de madeira, fixas e móveis, no qual o tecelão, utilizando fibras têxteis e empregando ora as mãos, ora os pés, realiza movimentos harmônicos destinados à confecção de um tecido ou peça similar" (CÔRTEZ, S/D, p. 340). A tecelagem²², segundo o autor, configura-se no ato de tecer ou trançar através do entrelaçamento de fios de trama, passados de forma transversal no tear, com fios do urdume, passados de forma longitudinal no tear, formando um tecido.

Os teares podem ser de forma horizontal ou vertical como se observa na figura – 3. No formato vertical, o instrumento consiste em um tabuleiro grande, podendo ficar disposto em um plano inclinado ou perpendicular, sobre o qual serão fixadas peças que vão receber os fios têxteis, onde a (o) artesão (ã) pode trabalhar sentado ou em pé (CÔRTEZ, S/D). Estes fios, além de lã, podem ser também de algodão.

Em relação ao tear horizontal, "compõe-se de um quadrilátero de madeira, assentado no chão, com variadas peças e funções específicas, destinado a

²²A tecelagem é uma atividade muito antiga, sem data precisa, surge a partir da necessidade do homem de criar utensílios que facilite o seu modo de vida (SANTOS, 2005). A autora destaca que a realização deste tipo de atividade foi constatada, primeiramente, no Egito e na Índia, depois, nas antigas civilizações da Europa Central e do Oriente Médio, os quais descobriram a tecelagem por volta de 2.500 a. C. Há também informações de que os peruanos conheciam tais técnicas, mesmo sem ter contato com os demais povos que já realizavam a atividade. E ainda, no período da Idade Média as técnicas da tecelagem já eram conhecidas e praticadas por árabes e italianos. Com a Revolução Industrial foram criadas as primeiras "máquinas de tecer", tendo por objetivo aumentar a produção e a geração de lucro. O trabalho junto as máquinas era executado por homens, mulheres e crianças. A partir desse período a tecelagem evoluiu significativamente e diferentes tipos de teares manuais e mecânicos foram criados, mas todos evoluíram do tear manual e primitivo. Os primeiros teares manuais de que se tem notícias podiam ser de posição vertical ou horizontal, sendo utilizados para confecções de peças do vestuário e demais utensílios necessários para vida doméstica (SANTOS, 2005). De acordo com a autora, foi no período da industrialização que surgiram os primeiros teares mecânicos, movidos por motores elétricos ou a vapor. O surgimento destes teares foi motivado pelo aumento da produção têxtil, em função das necessidades da vida cotidiana da população da época. Na atualidade, os teares manuais podem ser movidos por pedais, o que auxilia no trabalho do artesão, e os teares mecânicos são movidos por motores elétricos ou à vapor.

receber um conjunto de fios dispostos horizontalmente” (CÔRTEZ, S/D, p. 341). O instrumento de forma horizontal é mais complexo do que o vertical, nesse formato o artesão pode confeccionar peças mais elaboradas, pois o equipamento oferece mais recursos, devido ao maior número de peças que o compõe.

Figura 3 – Imagem do tear vertical (E) e do tear horizontal (D)



Fonte: Adaptado de Culturamix.com e de desenvolvimentodaindustriatextil.blogspot.com.br

Há indícios de que a tecelagem manual no cenário gaúcho teve início pelo município de Mostardas, seguido dos municípios de Santa Vitória do Palmar, Jaguarão, Bagé, Lavras do Sul, Santana do Livramento e Uruguaiana, estes localizam-se na campanha ou região do pampa gaúcho (EGGERT, et al. 2011). Local que possui uma expressiva quantidade de rebanho ovino²³, de onde se retira a matéria-prima para a fiação artesanal, ou seja, para fazer o fio que será utilizado para tecer as confecções.

Saint-Hilaire (1987) quando visitou o estado, destacou que a riqueza da região sulina estava em volta da criação no campo, referindo-se aos séculos XVIII e XIX. Nesse contexto o historiador cita as principais peças criadas artesanalmente com a utilização do fio da lã de ovelha, destacando algumas

²³A trajetória da ovinocultura no Brasil iniciou pelo estado Sulino, formado por raças laníferas (produtoras de lã). No século XVIII registrava-se um rebanho de 20.000 ovelhas no Rio Grande do Sul, muitas destas de raças laníferas (CÔRTEZ, S/D). No ano de 2009, aproximadamente, 70% da população de ovinos do estado encontrava-se na região do pampa gaúcho, onde eram comercializadas em torno de 9.000 toneladas de lã por ano (PILLAR et. al, 2009).

vestimentas masculinas, como: o chiripa, o poncho²⁴ e o pala-bichará²⁵. Além do xergão usado para o serviço no campo, uma peça de montaria produzida com lã grossa para ser colocada sobre o cavalo.

Laytano (1983) destaca que o poncho era a vestimenta característica do Rio Grande do Sul, o historiador ressalta que a confecção não era vistosa e nem singela, era o traje utilizado pelos indivíduos que tinham uma vida nômade por profissão ou obrigação. Segundo o autor, o poncho servia tanto para proteger o indivíduo do frio e da chuva, quanto para ser estendido sobre quatro estacas e, de pronto, se improvisava uma barraca como uma forma de abrigo para descanso durante a noite.

Em relação as peças em lã utilizadas pelas mulheres, encontra-se poucas informações na literatura sobre o assunto, de toda a forma, as principais vestimentas produzidas artesanalmente com a fibra animal para o uso feminino eram os xales e as mantas. Eram peças de características rústicas, utilizadas pelas mulheres do meio rural, a camponesa ou a trabalhadora rural, importante definir quem era esta mulher, a fim de diferenciá-la da estanceira e da mulher da cidade, as quais utilizavam vestimentas vindas da Europa (ZATTERA, 1999).

A partir de 1950 os produtores passaram a investir no melhoramento das raças laníferas, gerando um fio de lã de melhor qualidade e proporcionando confecções mais bem elaboradas do que as criadas anteriormente (AQUISTAPASSE, 1996). A melhoria na qualidade da fibra animal (matéria-prima) motivou a abertura das primeiras indústrias têxteis²⁶ no estado, com a

²⁴ O poncho é um “pano retangular de dois metros de comprimento por mais ou menos um de largura, com um orifício no meio para passar a cabeça” (CÔRTEZ, S/D, p. 236). Feito com lã grossa, quase sempre de coloração escura, com forma circular ou ovalada, possui gola alta e protege contra a chuva e o frio. Por muito tempo foi confeccionado somente por teares caseiros, pela fiação e tecelagem realizada por mulheres (FAGUNDES, 1995). Os homens mais abastados economicamente, estanceiros, charqueadores e fazendeiros, usavam ponchos vindos da Inglaterra, país que também comercializava ponchos com Uruguaios e Argentinos (CÔRTEZ, S/D).

²⁵ O pala-bichará é uma peça de origem indígena, formada por dois panos de lã com uma abertura ao centro, para passar pela cabeça. No começo o pala-bichará era confeccionado pelas mulheres tecedeiras, as quais utilizavam seus teares manuais para tecer o fio da lã e criar a vestimenta. Além do pala, também eram criados com a fibra animal os chiripas, os quais eram utilizados pelos negros para se protegerem do frio (SAINT- HILAIRE, 1820 apud CÔRTEZ, S/D). Enfim, estas confecções com características rústicas, eram utilizadas pelos pobres e por aqueles que trabalhavam no campo.

²⁶ Com a abertura das primeiras indústrias têxteis no estado as confecções em lã passaram a ter importância econômica e produtiva, até mesmo o poncho passou a ser criado nas fábricas têxteis. Importante salientar que estas pequenas indústrias foram abertas por iniciativa dos imigrantes alemães, pode-se dizer que foi com o trabalho artesanal dos alemães que se expandiu

abertura destas fábricas, a ovinocultura passou a ter importante participação no sistema produtivo, com destaque para a região do pampa, onde boa parte dos produtores criavam raças laníferas (PILLAR et. al, 2009).

Toda a lã produzida no estado sulino passou a ser usada nas indústrias têxteis, já que as confecções com a matéria-prima não eram de interesse do restante do país. Os demais estados confeccionam as peças de vestuário com a utilização do algodão, atendendo as regiões Centro, Norte e Nordeste do Brasil. No Rio Grande do Sul a criação de ponchos, palas e demais peças continuavam sendo destinadas para o uso do trabalho no campo e da família no meio rural (CÔRTEZ, S/D).

Embora alemães e italianos se dedicavam à tecelagem em maiores escalas, originando as pequenas fábricas têxteis nos centros urbanos, a arte de tecer de forma manual não caiu em desuso no estado (EGGERT, et. al, 2011). A tecelagem manual não concorreu com a produção têxtil industrial, porque atuava no interior do estado, enquanto as fábricas atuavam nas cidades. A confecção artesanal de peças de vestimenta e de utilidade doméstica continuaram sendo criadas no Rio Grande do Sul, especialmente no espaço rural (EGGERT, et al. 2011, apud LESSA, 1980).

No meio rural este trabalho era e continua sendo frequente em algumas comunidades no cotidiano de muitas mulheres, elas naturalmente desenvolveram a destreza na arte de tecer, devido ao fato de terem que aprender a desenvolver várias habilidades manuais para exercer os serviços domésticos (PAIXÃO E EGGERT, 2011). Importante salientar que as mulheres exerciam suas funções domésticas e artesanais em uma posição de submissão, sem conseguir adquirir uma independência econômica em relação ao homem.

Saint-Hilaire (1987) observou a produção artesanal em lã realizada pelas mulheres, o historiador destaca que elas confeccionavam ponchos grosseiros e comercializam alguns destes em Porto Alegre e Rio Grande a preços de seis

as confecções de produtos em lã para um nível de mercado no Estado, onde os trabalhadores fiavam, teciam e tingiam os tecidos (CÔRTEZ, S/D).

A primeira fábrica têxtil aberta no Rio Grande do Sul foi a Companhia de Fiação de Tecelagem Rheingantz, em 1874. Passados alguns anos, em 1891, foram criadas as fábricas Cia de Fiação, Tecido Porto-Alegrense e a Cia Fabril Porto-Alegrense. Depois destas, os imigrantes italianos, que também eram bons artesãos e entendiam da prática de tecer de forma manual, abriram a Companhia de Tecelagem Ítalo Brasileira, na cidade de Rio Grande, no ano de 1894 (EGGERT, et al. 2011, apud LESSA, 1980; CÔRTEZ, S/D).

patacas, ou seja, um valor irrelevante. Na interpretação do autor, o trabalho artesanal em lã praticado pelas donas de casa, era bastante desvalorizado social e economicamente. A comercialização referida pelo historiador não é nada significativa, no sentido de as mulheres obterem independência econômica (EGGERT, et. al, 2011).

A história da mulher rural e do seu trabalho no estado sulino, inclusive da atividade artesanal, é quase invisível. Precisa-se buscar nas “entrelinhas” as informações sobre o cotidiano das mulheres rurais, a figura do homem sempre é destacada como a mais marcante (SILVA E EGGERT, 2011). Até mesmo quando os estudos se reportam ao trabalho artesanal em lã, destacam que era necessária a confecção de ponchos rústicos, produzidos com a lã em seu estado natural e sem tingimento dos fios, para serem utilizados por negros e índios, trabalhadores das fazendas, a fim de se abrigarem do frio (CÔRTEZ, S/D).

Antes da produção das raças laníferas em larga escala no estado, houve momentos em que a produção de matéria-prima não era suficiente para as mulheres confeccionarem as vestimentas para os trabalhadores do campo. Quando isso acontecia, os coronéis, estancieiros ou fazendeiros ordenavam que fosse comprada a lã em outras localidades, fora da região. De acordo com Côrtes (S/D) a lã comprada deveria ser distribuída entre as mulheres, para que elas confeccionassem as peças que seriam distribuídas para os trabalhadores pobres, já que aqueles mais abastados economicamente usavam vestimentas industrializadas e importadas da Europa.

O processo artesanal com a lã começa a partir da tosquia da ovelha, envolve técnica, atenção e paciência. A tosquia consiste no momento em que o tosquiador, geralmente um homem, retira a lã do animal, a mesma sai suja e com resquícios de gordura e vegetais (CÔRTEZ, S/D). O autor explica que para retirar as impurezas e fazer um bom fio, a lã passa por um processo de limpeza, onde deve ser lavada e secada ao sol. Para dar continuidade ao processo, depois de limpa é necessário fazer, de forma manual, a abertura das mechas da lã e, a partir disso, pode-se tingi-la para fazer o fio ou fazer o mesmo com a cor natural

O próximo passo do processo de confecção de uma peça artesanal consiste na realização da cardagem, onde passa-se sobre a lã uma tábua com alguns pregos de aço, esta etapa proporciona que a lã seja separada em mechas. Para se obter o fio é necessário que estas mechas sejam passadas de

forma manual no fuso ou de forma mecânica na roca, a qual pode ser movida à mão ou à pedal²⁷ (CÔRTEZ, S/D).

Constata-se, portanto, que a tecelagem manual praticada de forma artesanal, tem alguns séculos de história no solo gaúcho. As técnicas desse saber artesanal foram utilizadas e aprimoradas por várias etnias (índios, portugueses, alemães, italianos, talvez outros), evoluindo com o tempo. Ressalta-se que os registros sobre estas questões são escassos, não sendo possível traçar a história do artesanato em lã no estado com a devida riqueza de detalhes que o mesmo merece.

Importante ressaltar ainda que, os elementos relatados fazem parte de saberes e técnicas que surgiram por necessidades daquele cotidiano histórico e perpassaram por várias gerações, no cenário contemporâneo fazem parte do mercado simbólico, representativo dos produtos gauchescos. Tais produtos confeccionados por artesãos e comercializados na atualidade, possuem seu sentido de uso ressignificados, em relação à história original, à população e às técnicas que os criaram.

Esse contexto e outras questões relacionadas à produção das peças artesanais em lã, as mudanças que as mesmas sofreram e o trabalho dos (as) artesãos (ãs) serão abordadas no decorrer deste trabalho, destacando o cenário e as práticas realizadas na comunidade da Vila Progresso.

²⁷ Com o fio pronto e já colocado no tear parte-se para a fase da urdidura, esta configura-se no primeiro conjunto de fios ordenados paralelamente em todo do pente. O pente é um “mecanismo que permite levantar e baixar, de forma alternada, os fios do urdume para que se forme a cala, a passagem do fio que resulta na trama” (SANTOS, 2005, p. 35). A cala consiste em uma “abertura realizada com o movimento do pente para que haja a alternância entre os fios e, por consequência, a trama” (SANTOS, 2005, p. 36).

A trama é o “segundo conjunto de fios” entrelaçados, ordenado no “sentido transversal”, “passada entre os fios da urdidura” pela cala (BAPTISTA, 2004, p. 44). A passada ocorre com a ajuda do navete, uma régua de madeira que possui “cortes nas duas extremidades onde os fios são enrolados”. E ainda, existe o pescador, “uma haste de ferro” que fica envolta a uma das extremidades para auxiliar na “abertura da cala e na passagem dos fios” e o batedor, “um pente de madeira ou plástico” que auxilia na confecção de um tecido com a trama mais aberta (SANTOS, 2005, p. 37).

1.4 MERCADO DE PRODUTOS SIMBÓLICOS: ASPECTOS TRADICIONAIS NO CENÁRIO GAUCHESCO

A presente seção tem por objetivo destacar os aspectos relacionados ao mercado e a características dos produtos simbólicos nesse cenário comercial, bem como contextualizar o mercado de produtos simbólicos gauchescos, compreendendo o mesmo e sua expansão. Esta exposição se justifica para que, em um momento posterior, possa-se demonstrar a ligação dos produtos simbólicos gauchescos comercializados no mercado, com a produção das peças em lã pela comunidade da Vila Progresso.

A palavra mercado²⁸ tem sua origem no latim *mercatus*, inicialmente, referia-se ao local público onde eram encontrados os gêneros alimentícios. Polanyi (2000), destaca que o mercado é um ambiente onde as pessoas se encontram para trocar, comprar ou vender. Para o autor estas ações criam o mercado, o qual tem o controle da organização e das relações sociais do sistema econômico.

A partir da estruturação do mercado são definidos os aspectos relacionados à comercialização dos produtos e à divisão social do trabalho. Neste local ocorre a interação entre vários elementos humanos e materiais, além das questões relacionadas a oferta, a demanda e o preço (POLANYI, 2000). Portanto, em uma economia de mercado, a sociedade, as instituições e as relações estão subordinadas aos mecanismos construídos pelo mesmo.

No mercado também podem ser comercializados produtos simbólicos, como os produtos artesanais. Bourdieu (2007) explica este espaço como algo dotado de valores materiais e representativos, os quais aperfeiçoam a comercialização. Para o autor, esse tipo de mercado depende das formações

²⁸ No Império Romano o termo era usado para designar o lugar onde havia abastecimento, na Idade Média continuou com o mesmo significado. Na França o *marché* era reconhecido como um abrigo coberto, onde se comercializava alimentos (TEIXEIRA, 2001). A partir do século XIX vários produtos começaram a ser vendidos em prédios semelhantes, em vários lugares do mundo, países da Europa e, até mesmo no Brasil. Todas as grandes cidades tinham seus mercados, muitos eram especializados em determinados produtos. Na teoria econômica essa terminologia vai aparecer a partir do século XVIII, já na compreensão do mundo capitalista nasce na Revolução Industrial (ARAÚJO, 2004). A partir desse momento, os economistas se apropriaram do termo, utilizando-o para determinar o local onde se realiza a oferta e a procura de bens comercializáveis (TEIXEIRA, 2001).

sociais que legitimam as relações comerciais e também têm influências sobre a normatização das mesmas, tais características fazem com que a lógica do mercado de produtos simbólicos possua leis específicas²⁹, diferenciadas da forma de comunicação universal.

Os símbolos são instrumentos necessários ao conhecimento e à comunicação, são eles que “tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui, fundamentalmente, para a reprodução da ordem social” (BORDIEU, 2010, p.10). Segundo o autor, estes elementos são instrumentos fundamentais para a integração lógica, possibilitam um sentido às ações individuais e coordenam as ações estabelecidas com os outros, constroem a condição da integração moral de uma sociedade

A confecção dos elementos simbólicos obteve sentido quando foram compreendidas as diferenças em relação a outros produtos, no sentido de serem atribuídas significações. Os consumidores reconhecendo o aspecto simbólico, legitimavam os artigos e seu consumo perante a sociedade, contribuindo para a criação de um “sistema de produção e circulação de bens simbólicos”, definido por Bourdieu (2007, p. 105) “como sistema de relações objetiva entre diferentes instâncias, definidas pela função que cumprem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão de bens simbólicos”.

Os sistemas simbólicos podem ser interpretados como instrumentos que exercem poder estruturante na sociedade, esta estruturação depende de signos e sanções, da interiorização e da materialização do mesmo perante a população (BOURDIEU, 2007). São estes elementos que formalizam uma estrutura objetiva através da constituição de palavras e condutas, é através da seleção dos signos, produzidos em situações variadas, que são construídos os sistemas simbólicos. O autor continua destacando que:

[...] a forma das relações que as diferentes categorias de produção de bens simbólicos mantêm com os demais produtores, com as diferentes

²⁹ Bourdieu (2007) destaca que até o século XV os artistas e intelectuais não tinham autonomia para produzir o que desejavam, estavam subordinados a uma produção ligada aos interesses da igreja e da política. Dois poderes que tiveram o domínio da produção artística e cultural durante toda a Idade Média, somente a partir do século XV, os intelectuais e artistas conseguiram a liberdade para expressar-se livre dos interesses de tais poderes. Nesse momento, os produtores dos artigos simbólicos passaram a ter autonomia, construíram um sistema de produção de bens simbólicos, aliado a um sistema de circulação e de consumo destes produtos, ressalta o autor.

significações disponíveis em um dado estado do campo cultural e, ademais, com sua própria obra, depende diretamente da posição que ocupam no interior do sistema de produção e circulação de bens simbólicos [...] (BOURDIEU, 2007, p. 154).

Analisando a percepção do autor, compreende-se que os produtos simbólicos podem ser interpretados tanto como mercadorias, quanto como objetos que possuem significações. As significações dos artigos simbólicos comercializáveis no mercado, podem estar relacionadas a valores e crenças representativos a um grupo social. Em um próximo momento, estas questões serão abordadas reportando-se ao papel do gauchismo na reelaboração dos elementos do passado da região do pampa para o presente, como artigos simbólicos do gaúcho contemporâneo.

Os esclarecimentos de Bourdieu (1989) sobre a função dos símbolos e das relações sociais estabelecidas em torno dos mesmos, são complementadas por Douglas e Isherwood (2006), quando estes destacam que os símbolos materiais ou imateriais contribuem para a formação de rituais que dão sentido e produzem significados às memórias sociais. Segundo os autores, as memórias estão atribuídas a um tempo, possuem uma dimensão temporal demarcada e relembradas através das simbologias.

Pode-se destacar as relações que se estabelecem em torno das peças em lã confeccionadas pelos artífices da Vila Progresso, como os palas, por exemplo, as quais possuem caráter simbólico no mercado por serem representativas de hábitos adotados no passado, decorrentes de um modo de vida rústico. As memórias do passado foram adaptadas para o presente, em forma de elementos como peças de vestimenta, para construir rituais e criar significações objetivando uma reelaboração do presente com elementos da memória do passado.

Para quem consome esses produtos no mercado simbólico existe um valor de compra do produto e um valor de uso do mesmo, baseada em costumes e tradições de uma dada população. Enfim, toda essa movimentação produtiva e mercadológica ocorre em função de um símbolo, algo que expressa um significado social, tem uma representação e uma intencionalidade, é representativo para um determinado grupo e tem a realidade social por base,

compreendendo e levando sentido às ações, gestos, rituais e manifestações verbais (PALMA, 2004).

Tal processo tem a contribuição da transformação dos sentidos atribuídos aos objetos, os quais passam de uma realidade material, por exemplo a peça artesanal, para uma realidade imaterial. O simbolismo que a peça representa ao ser acionado pelo imaginário das pessoas, transporta sentidos para o tempo presente, onde novos valores e significados podem lhe ser atribuídos (TEDESCO, 2013). Para o autor, são estes os fatos que fazem com que os objetos tenham poder, pois acionam o imaginário e a memória dos sujeitos onde encontram significados.

Compreende-se a partir da interpretação dos autores supracitados, que a construção dos símbolos parte de um processo de interação social dos indivíduos, são necessários para a comunicação e para a continuidade das construções sociais (BOURDIEU, 1989). Por intermédio dos símbolos os sujeitos são socializados, ao compartilhar da cultura e entender seu papel na sociedade. Portanto, a comercialização dos artigos simbólicos, como os produtos f artesanalmente, possui uma diferenciação das demais relações de mercad

E ainda, existe em torno do sistema simbólico um sistema de produção, de circulação de bens e relações objetivas de produtos artesanais, os quais articulam a produção do trabalho, a reprodução e a difusão dos bens simbólicos no mercado, questões possíveis de serem observadas através do artesanato tradicional produzido e comercializado na Vila Progresso. Como já foi apontado pelos autores supracitados, no contexto do artesanato estão interligados os aspectos de mercado e tradição, intermediados pelo simbólico.

O mundo é socialmente construído pela interação dos bens e da interpretação dos seus significados, estes fatos constroem as relações sociais (DOUGLAS E ISHERWOOD 2006). O mercado simbólico existe porque os grupos sociais se identificam com os produtos comercializados nesse mercado (BOURDIEU, 2007). Os autores destacam que o consumo dos elementos simbólicos é explicativo por si só, traduzem sentidos, informações e interpretações daquele indivíduo que consome. O que ele usa é sinônimo do que ele pensa e do contexto social em que ele vive e ajuda a construir.

O mercado dos produtos gauchescos sempre existiu, mas formou novas dinâmicas, tomou novas conotações e ampliou-se, consideravelmente, a partir

do momento em que um grupo de indivíduos no estado começou a construir um movimento. A construção do movimento tradicionalista, citada na seção anterior, tomou novo fôlego nos anos de 1980 e 1990 em resposta ao enfraquecimento do poder regional (OLIVEN, 2006).

O gauchismo, através das expressões e eventos do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), se reforça no período que o Brasil entrou em uma tendência a homogeneizar a cultura em todos os setores, substituindo comportamentos, formas de vida, sistemas produtivos, culturais e artísticos por uma cultura que vinha de fora, cultuando produtos americanizados, amplamente apoiada pelos meios de comunicação na época (DACANAL, 1998).

O fato do gauchismo ter conquistado um amplo e diversificado público que está relacionado, principalmente, a uma rejeição de uma determinada parcela da população ao padrão cultural que vinha sendo divulgado pelos meios de comunicação. Oliven (2006) destaca que, em 1970, alguns teóricos acreditavam que a cultura gaúcha perderia espaço e seria influenciada pelos meios de entretenimento, os quais estavam ancorados na modernização dos meios de comunicação, com ampla divulgação na mídia nacional.

Contrariando as expectativas, o tradicionalismo se fortaleceu levando consigo o discurso da valorização das tradições locais. O tradicionalismo passou a ser incorporado no imaginário dos gaúchos como um movimento que cultua e preserva os valores do passado, da família e dos bons costumes. Na prática tal movimento se desenvolveu a partir dos anos 80, esse crescimento encontrou espaço em um momento político brasileiro conturbado, ou seja, no final dos anos 70 e começo dos anos 80, o país vivia um momento político onde a sociedade pedia o fim do governo militar e a abertura de espaço para a democracia.

Através do processo de abertura política, as questões culturais começaram a ganhar espaço com a organização de movimentos populares. As construções de várias identidades passaram a ser requisitadas, dentre elas as identidades regionais, com o objetivo de formar uma contraposição ao caráter de homogeneização cultural, onde o país sofria as influências da cultura global (OLIVEN, 2006).

Na perspectiva do autor, a constituição das identidades regionais tinha por objetivo salientar as diferenças culturais nas regiões de um Brasil com dimensões continentais. Nesse cenário diferentes atores políticos, movimentos

sociais e organizações da sociedade civil foram consolidando suas reivindicações e aos poucos ganhando espaço. Nessa ebulição renasce o gauchismo, tendo como uma das primeiras estratégias a ampla disseminação das tradições gaúchas dentro e fora do estado, motivando a ampliação do mercado dos produtos simbólicos da cultura gaúcha (OLIVEN, 2006).

As imagens da tradição comercializadas no Rio Grande do Sul, são produtos de um mercado com uma lógica de produção do MTG (GOLIN, 2004). A movimentação desse mercado ocorre através da comercialização de produtos relacionados ao que é divulgado em quase três mil CTGs no estado, nos festivais de música (mais de 40 festivais), bailes, shows e rodeios. Além da expansão de programas de televisão, rádio, revistas, jornais, reportagens, livros, poemas, músicas, vestuário, objetos, lojas e feiras, e ainda, a abertura de restaurantes, churrascarias e demais pontos comerciais que utilizam simbologias ligadas à tradição gaúcha (OLIVEN, 1989)

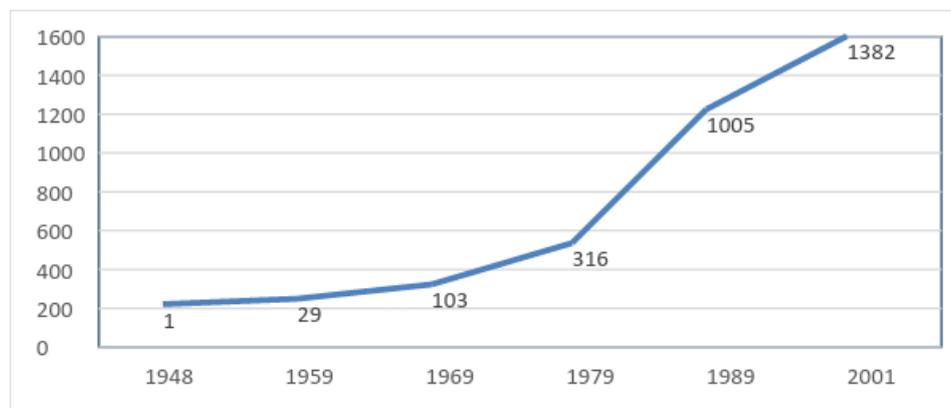
Konflanz (2013) lembra que tradicionalismo, através dos eventos citados, impulsiona produção e a comercialização dos artigos simbólicos gauchescos. Estimula a confecção dos “trajes típicos, calçados, chapéus e indumentárias em geral; incentiva o artesanato; difunde o consumo do chimarrão e, por consequência, a expansão das ervateiras (fábricas de erva-mate)” (KONFLANZ, 2013, p.23). Além da confecção e venda dos artigos relacionados aos cavalos, como as encilhas utilizadas em rodeios, domas, cavalgadas, desfiles, dentre outros.

Sobre a utilização dos produtos simbólicos, Bourdieu (1989) destaca que os mesmos têm uma função para a ideologia dominante, manter-se no poder. O MTG atua configurando seu ponto de vista através da construção de uma ideologia sobre o que é, e como deve se comportar o gaúcho. O movimento atua nas relações dos sistemas sociais, as quais estabelecem as relações de poder, onde o uso dos símbolos tem um papel fundamental (BOURDIEU, 1989).

O tradicionalismo utiliza-se das simbologias como instrumentos de integração social entre os indivíduos. O crescimento deste mercado ocorre em torno de uma reedição simbólica, com a utilização de valores da vida rural do passado, sendo integrados em um contexto urbano e industrializado (OLIVEN, 1998). Fato que pode ser comprovado ao observar na figura - 4, a qual mostra

uma evolução na criação de entidades tradicionalistas dos anos 80 aos anos 2000 em todas as regiões do estado.

Figura 4 - Evolução das entidades tradicionalistas do Rio Grande do Sul



Fonte: Adaptado do Movimento Tradicionalista Gaúcho (2001) apud Oliven (2006)

Essa expansão deu-se também fora do Rio Grande do Sul, o mercado simbólico dos produtos gauchescos ganhou mais espaço com a disseminação dos CTGs, os quais ampliaram-se como “cogumelos” pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e por todo o Brasil. Construídos pelos gaúchos que emigraram do meio rural para o urbano e do sul para várias regiões do país, tendo em vista a expansão das fronteiras agrícolas e a modernização da agricultura (DACANAL, 1998). Segundo o autor, a migração fez com que os gaúchos se sentissem, cultural e socialmente como “estranhos no ninho”, pela convivência com a cultura urbana e de outras regiões.

Analisando os últimos dados sobre a expansão deste mercado de produtos simbólicos, é possível perceber que a mesma continua acontecendo, ao contrário do que se pensava ser um modismo passageiro. Oliven (2006) destaca alguns dados sobre o número de entidades tradicionalistas gaúchas em 2002, as quais se faziam presentes em 17 estados brasileiros e no Distrito Federal, distribuídas em todas as regiões do país. Naquela época, tinha-se um total de 2.342 CTGs no Brasil, sendo 1.476 (63%) no Rio Grande do Sul e 866 (37%) fora do estado. Depois do Estado Gaúcho havia uma predominância de CTGs nos estados de Santa Catarina, o qual contava com 446 (19%) entidades, e Paraná, com 295 (12,5%) entidades.

No ano de 2009 o somatório do número de CTGs no Brasil passou a ser de 2.835, de acordo com o CBTG (2009) apud Luvizotto (2010). Esse dado demonstra um aumento de 493 (17%) entidades em sete anos, os quais estão distribuídos em 19 estados brasileiros e no Distrito Federal, presentes em todas as regiões do Brasil, embora continue com ampla predominância de entidades nos três estados do sul, onde o Rio Grande do Sul abriu 255 novos CTGs neste período de tempo. Os dados citados podem ser observados na figura - 5.

Os CTGs também se expandiram para fora do país, atualmente existem sete entidades em três diferentes países Estados Unidos da América (EUA), Espanha e China³⁰. Com base em toda essa expansão o tradicionalismo passou, nos últimos anos, a ser considerado o maior movimento cultural popular do mundo, informação divulgada nos sites oficiais do MTG, o qual destaca a participação direta de dois milhões de pessoas no tradicionalismo (BRUM, 2013).

Figura 5 - Distribuição dos CTGs pelo Brasil



Fonte: Adaptado de CBTG (2009) apud Luvizotto (2010)³¹

³⁰ Os EUA possuem cinco entidades: Centro de Tradições Nova Querência (1987); Centro Cultural Gaúcho General Bento Goncalves (1992); CTG Saudade da Minha Terra (2004); CTG Amigos do Rio Grande (2011); CTG 100 Fronteiras (2011). A Espanha possui o CTG Recuerdos Del Pago (2008) e a China tem Piquete China Veia (2012 (CBTG, 2015).

³¹ Estes dados e a figura estão disponíveis no livro – As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia, os quais foram tirados do site: www.cbtg.com.br_sitio/cbtgs/mapa.php no ano de 2009 e, atualmente, não se encontram mais disponíveis neste endereço eletrônico.

Todas as estratégias criadas para divulgar os elementos da tradição gaúcha deixaram, nas últimas décadas, a imagem dos produtos tradicionais do gaúcho muito mais aliada aos centros urbanos do que a sua história original, no meio rural. A “forma mais evidente desta integração se confirmou no abandono das roupas tradicionais, relativamente simples e discretas, pelas indumentárias tradicionalistas” (GOLIN, 1998, p. 92).

Na prática, a ampliação da comercialização dos produtos simbólicos da tradição gaúcha atende a um nicho de mercado, onde os consumidores de tais produtos buscam manter uma identidade regional. Já que para participar das atividades tradicionalistas é necessário estar “pilchado”, o fato de usar uma pilcha (bota, bombacha e chapéu, no caso dos homens e vestido de prenda, no caso das mulheres) significa ter uma identificação com o gauchismo (BRUM, 2010). Mesmo que a utilização destes seja, por vezes, sem conhecimento de sua origem e de sua função histórica.

Para Brum (2010), o fato de estar pilchado significa estar identificado um projeto cultural cultuado pelo tradicionalismo, o qual tem como objetivo exaltar usos e costumes regionais. A autora ressalta que, constantemente, atualiza-se e interpreta elementos das tradições do passado para o momento presente, o mercado dos produtos simbólicos é frequentemente acionado. A utilização desses símbolos, como o fato de estar pilchado implica em um sentimento de orgulho e de pertencimento a um local, a um projeto cultural que, nesse caso, sob a interpretação do tradicionalismo cultua as tradições do gaúcho histórico. Mas que na verdade é fruto de um tempo vago, reelaborado de uma sociedade oligárquica e conservadora (GOLIN, 2004).

Dentre os elementos simbólicos necessários para esta construção, os artigos artesanalmente produzidos em lã têm significativa importância, como será exposto no próximo capítulo. A ampliação do mercado de produtos gauchescos gerou mudanças nas estratégias de produção e mercado adotados pelos comerciantes dos produtos gauchescos confeccionados em lã, os quais antes eram realizados de forma localizada e regionalizada e, atualmente, passaram a fazer parte de um complexo comercial ampliado, desterritorializando-se, como aponta Oliven (2006).

1.5 TRADIÇÃO, TRADIÇÃO INVENTADA E TRADICIONALISMO

A presente seção tem por objetivo diferenciar os entendimentos conceituais sobre a tradição, a tradição inventada e o tradicionalismo, destacando os elementos que diferenciam os mesmos. Entender estas questões se faz importante para que se compreenda a utilização dos elementos simbólicos do passado, para a construção de um ritual onde se aciona uma memória coletiva que proporciona a manutenção do tradicionalismo na atualidade.

No primeiro momento contextualiza-se o que se entende por tradição, pelo fato de haver constantes mudanças em relação às inovações do mundo moderno e nas tentativas de estruturar de maneira imutável os aspectos do passado na vida social, as tradições configuram-se nas reações que ocorrem a situações novas. Fazem “referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória” (HOBBSAWM, 1997, p. 9). A “tradição é proveniente de uma troca entre o passado interpretado e o presente interpretante” (RICOUER 1985, p. 400, apud BRUM, 2010, p. 89).

No âmbito da tradição, entre momento passado e presente, Giddens (1991) destaca que os fatores tempo e espaço ficam distantes, ausentes de um local, permitindo o acesso das tradições nos lugares mais “fantasmagóricos”. O autor explica tais fatos como consequências de uma modernidade tardia³², onde a separação entre tempo e espaço geram várias particularidades, como os distanciamentos, abrindo possibilidades de desencaixes. Estes últimos são considerados como deslocamentos das relações sociais dos contextos locais e a possibilidade de novas estruturações, com a possibilidade de mudanças entre hábitos e práticas locais.

A tradição está ligada ao fator tempo e ao seu controle, onde o passado é reconstituído para ter uma forte influência sobre o presente, e a memória, porque a mesma é processo ativo na sociedade, constantemente reconstruída do passado para o presente de forma coletiva (GIDDENS, 1997).

³² Giddens (2002) interpreta a modernidade tardia como uma mudança no modo de vivenciar as relações, onde se busca na razão elementos que produzam confiança e minimize os riscos. Isso se faz necessário porque a modernidade rompeu com os referenciais da “pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais” (GIDDENS, 2002, p. 38).

A evocação da tradição deve ser entendida como “um conjunto de orientações valorativas consagradas pelo passado (OLIVEN, 2006, p. 28). Segundo o autor, evoca-se a tradição em época de mudanças sociais ou de perdas de poder econômico e político, portanto, a reelaboração das tradições é comum em países que estão em processo de modernização, estes costumam buscar e cultuar valores do passado. Referindo-se a tradição na criação de produtos artesanais, Tedesco (2013, p. 124) reafirma as percepções de Giddens e Oliven, ao ressaltar que “as experiências do vivido cotidiano refletem o papel da tradição em constante mutação. A tradição está ligada à memória e ao passado reconstruído, tendo o presente como base e como reelaboração referencial”.

Em termos práticos, para manterem-se no mundo moderno as tradições precisam buscar velhos elementos (acessórios e linguagem) de forma a construir novos símbolos. Alguns movimentos ideológicos e tradicionalistas tomaram por necessária a constituição de uma continuidade histórica, precisando inventar novos símbolos, ou seja, construindo uma tradição inventada, porque talvez os velhos costumes já não sejam mais usados (HOBSBAWM, 1997).

Até porque é através dos símbolos que o ritual se realiza, onde passado e presente se encontram e a tradição se concretiza na prática. Os símbolos da tradição são acionados em um processo ritualizado para configurar uma identidade, porque a tradição é acionada de forma a identificar algo e separar do outro. Para Giddens (1997), a identidade construída pelos adeptos desses rituais demonstra claramente que a tradição também exerce uma relação de poder na sociedade.

Ao destacar a tradição inventada, Hobsbawm (1997), coloca que a mesma tenta manter uma relação com o passado histórico, através de um conjunto de práticas reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, baseadas em valores, normas e comportamentos constituídos nas relações passadas através da repetição, praticados de forma ritual ou simbólica. A história legitima a tradição e as suas ações, porque através das tradições entende-se as relações sociais que ocorreram no passado e tenta-se estabelecer uma continuidade do mesmo.

Para deixar claro, como a tradição que se refere ao passado pode ser seguida por um sujeito do presente, que não vivenciou a mesma em seu

cotidiano? As tradições são reinventadas e manifestadas através do discurso e da construção de representações no imaginário da sociedade, para isso, utiliza-se o recurso da memória. A “memória pessoal está ligada à memória grupal, e esta por sua vez, à memória coletiva de cada sociedade que poderia ser chamada de tradição” (OLIVEN, 2006, p. 25).

O contexto destacado pelos autores constitui-se na realidade quando se analisam as tradições gaúchas. No Rio Grande do Sul quando se pensa em tradição, logo a imagem da memória coletiva se reporta ao campo e mais precisamente, na região da campanha localizada no sudoeste do Rio Grande do Sul (OLIVEN, 2006). Segundo o autor, a lembrança desta região como fonte das tradições no estado se faz presente na memória coletiva da população rio-grandense, porque desde o século XVIII, quando se dá início a colonização do estado até a Revolução Farroupilha (1835-1845), era essa a localidade que constituía o estado sulino.

O autor destaca que a região sul do estado foi hegemônica na política e na economia até 1870, pois, a partir desse período, a parte norte do estado começa a se destacar com a abertura de pontos de comércio e com o trabalho agrícola da colonização dos alemães e italianos. A figura do gaúcho expressada na lida campeira continuou como referência da identidade dos habitantes do Rio Grande do Sul, inclusive incorporando os diferentes grupos étnicos que vieram para o estado.

Para referenciar o gaúcho e todas as manifestações culturais que envolvem esta figura social no estado, criou-se o gauchismo³³, o qual se organiza através do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), também chamado de tradicionalismo (MACIEL, 1999). O MTG preza pelo culto às tradições gaúchas, as atividades práticas relacionadas às tradições ocorrem nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), um espaço de sociabilidade daqueles gaúchos que cultuam um passado reinterpretado do modo de vida do gaúcho, o Tradicionalismo Gaúcho criou a “cultura tradicionalista”. O que se deve entender por tradicionalismo, Brum (2006) explica o mesmo como:

³³ Dentro do gauchismo o movimento que mais se destaca é o tradicionalismo, embora não seja o único, existe também o nativismo, neste trabalho nos detemos no tradicionalismo, por ser o movimento de maior expressão e influência no estado.

[...] um conjunto de atividades organizadas e regulamentadas que objetivam celebrar a figura do gaúcho e seu modo de vida em um passado relativamente distante, tal como, os participantes e, sobretudo, os pesquisadores do movimento o percebem e o definem em seus escritos, instituindo práticas de culto em torno das quais se glorifica um passado continuamente atualizado e interpretado no presente [...] (BRUM, 2006, p, 38).

O tradicionalismo tem início no Rio Grande do Sul no final do século XIX, mais precisamente em 1898, quando foi criado o grêmio gaúcho em Porto Alegre, pelo então major republicano e defensor dos ideais positivistas João Cezimbra Jaques (VARGAS, 2011). Segundo o autor, o objetivo da iniciativa era o culto às tradições gaúchas, onde o símbolo de veneração era o militar e latifundiário que viveu na região da campanha, general da Revolução Farroupilha, Bento Gonçalves.

A partir da metade do século XX, o tradicionalismo ressurgiu com várias iniciativas, em 1948 cria-se o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)³⁴ em Porto Alegre, movimento liderado por Barbosa Lessa e Paixão Cortes, ambos com um passado ligado ao espaço rural, estiveram no comando de um grupo de jovens urbanos³⁵ (todos homens), estudantes da capital (BRUM, 2010). A ideia do grupo era formar um clube onde pudessem cultivar as tradições gaúchas, nascendo os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs),³⁶ o primeiro deles denominado 35 CTG em homenagem ao ano de início da Revolução Farroupilha.

A organização dos gaúchos urbanos foi buscar os elementos culturais do gaúcho do campo, do peão da estância, recriados e estilizados para atender aos gostos de uma classe média e urbana, por esse motivo o termo gaúcho foi

³⁴ Oliven (2006) lembra que um ano antes da criação do MTG (1948), o grupo de jovens urbanos criou o Departamento de Tradições Gaúchas (DTGs) (1947), o qual também criou a primeira Ronda Gaúcha (1947), que depois transformou-se na atual Semana Farroupilha (1964).

³⁵ Segundo Maciel (1999), os três principais nomes do gauchismo, que dedicaram suas vidas à pesquisa e ao movimento tradicionalista, são Paixão Côrtes, Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva

³⁶ O Centro de Tradições Gaúchas, ou simplesmente, CTG, é um espaço de culto ao gaúcho. Espécie de clube social onde se realizam fandangos (bailes) e outras atividades tradicionalistas. O CTG, em sua estrutura apropria-se e (re) significa a nomenclatura das antigas estâncias. Seu presidente é designado como patrão, o tesoureiro é o agregado das patacas, etc. Os homens que o frequentam recebem a designação de peões, as mulheres, de prendas (BRUM, 2010, p. 65).

reinterpretado sobre um aspecto positivo (DACANAL,1998). Os produtos simbólicos que passaram a ser utilizados pelo gaúcho urbano foram “copiados” da imagem do gaúcho campeiro, o qual tem por trás uma relação de exploração do latifúndio capitalista, dos camponeses e dos peões (GOLIN, 1998).

O movimento continuou se organizando, Oliven (2006) destaca que entre 1948 a 1954 foram abertos mais 30 CTGs e, para dar sustentação teórica, foram realizados Congressos e defendidas teses sobre o assunto, foi lançada uma Carta de Princípios do Tradicionalismo (1961) e um livro com o Manual do Tradicionalismo (1968). O autor lembra ainda que foi criada a Fundação do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (1974), uma lei estadual que definiu as “pilchas” (1989) como traje oficial do gaúcho e organizados eventos como a Califórnia da Canção Nativa (1971) e o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha (ENART) (1986), dentre outros que foram sendo lançados.

Através da criação de uma série de elementos práticos, como o ambiente dos CTGs, e teórico, como os manuais que destacam as regras que devem ser seguidas por um gaúcho tradicionalista. Pode-se dizer que o MTG faz sua própria interpretação do que é ser gaúcho, destacando o mesmo como um grupo étnico homogêneo, desconsiderando a exploração da região do pampa e a exclusão dos camponeses, dos imigrantes, dos índios³⁷ e dos negros.

Sem considerar estas diferenças, o tradicionalismo constrói uma identidade social do gaúcho de uma forma idealizada, alicerçada no “culto a valores éticos, morais e práticas sociais consideradas seletas e de tradições que justificam e glorificam as características étnico-regionais da cultura” (KAISER, 2010, p. 189). Construiu-se uma imagem da região do pampa “idealizado e idílico que seria povoado por uma gente forte, constituindo uma sociedade democrática e uma época heroica que tem na Revolução Farroupilha, seu momento maior” (MACIEL, 1999, p. 3).

Para realizar o culto à tradição, no cenário do tradicionalismo gaúcho, foram criados alguns elementos, dentre eles, danças, culinária e vestimentas, os quais foram reelaborados com um novo sentido. As tradições inventadas são materializadas em elementos ou objetos que passam a fazer sentido, despertar

³⁷ Exclui o indígena, por exemplo e, ao mesmo tempo, apropria-se de elementos culturais deles como o chimarrão, o poncho e outros.

um sentimento, para um tipo específico de público. Sendo reinterpretadas ou reelaboradas, quando houver necessidade, para que não se perca a “tradição” no tempo³⁸.

No cenário gaúcho, a leitura de Hobsbawm (1997) sobre as tradições inventadas pode ser realizada, por exemplo, ao serem observados os símbolos que são utilizados para a composição das pilchas³⁹, no caso do homem, composta pela bombacha, botas, lenços e chapéu. Em relação à bombacha, a mesma era utilizada no passado pelos peões para o trabalho no campo, pois, os estancieiros utilizavam calças para ficarem mais próximos aos homens da cidade (OLIVEN, 2006).

Os elementos utilizados para compor o ritual idealizado pelo tradicionalismo são objetos adquiridos no mercado, que possuem um valor simbólico para aqueles que os adquirem. O consumo de tais produtos simbólicos, tais como os palas e ponchos confeccionados, artesanalmente, em lã, inicialmente pelos saberes históricos aprendidos pelos artesãos, perpassados por gerações atinge a classe média, pois eram estes que tinham condições para pagar pelos altos custos do vestuário estilizado que proporcionou uma identidade ao gaúcho urbano. Dessa forma, o tradicionalismo estabeleceu uma barreira seletiva aos demais grupos sociais que tivessem, por ventura, interesse em consumir tais produtos.

Compreendidos os conceitos de tradição, tradição inventada e tradicionalismo, percebe-se que este último se utiliza de elementos do passado para dinamizar e viver o momento presente. Na prática, o tradicionalismo reinterpreta a tradição, institui normas e valores para dar sentido prático ao processo ritualizado, demonstrando um modo de vida idealizado e “romântico” do campo, gerando no imaginário coletivo um apreço pelo passado. Estas questões são corporificadas através do uso de símbolos resgatados,

³⁸ O Tradicionalismo Gaúcho não tem por prática executar as expressões antigas tal como eram no passado, mas, sim as adapta à vivência moderna, e cria espaços para essas práticas, que passam a ser rotineiras na vida de muitas pessoas. Então, por uma série de dispositivos de seu funcionamento, esses participantes conseguem combinar a vida moderna com a participação no Movimento (KONFLANZ, 2013, p. 25).

³⁹ De acordo com Brum (2010) a pilcha foi estabelecida como traje oficial no Rio Grande do Sul pela Lei Estadual n. 8.813 de 1989.

historicamente, da vida do campo, especialmente, no contexto da região da campanha gaúcha.

2 PRODUÇÃO E GÊNERO NO ARTESANATO EM LÃ

Este capítulo aborda sobre a evolução histórica do artesanato em lã, tendo em vista as várias peças da vestimenta do gaúcho que são tradicionalmente confeccionadas com a fibra, disponível em larga escala no Rio Grande do Sul. Ao longo das seções que segue, procura-se entender o histórico da produção artesanal em lã, onde depara-se com a questão de gênero, ao ser destacado o trabalho da mulher e a vestimenta do homem, como o poncho, por exemplo, que era utilizado por um grupo de pessoas menos favorecidas economicamente. Questões que serão apresentadas na primeira seção do capítulo.

Mas com o tempo esse cenário evoluiu e diferenciou-se em vários aspectos. Analisando as características da comunidade artesanal da Vila Progresso, as questões relacionadas ao artesanato em lã atualmente se distinguem do contexto histórico, com a expansão do mercado dos produtos gauchescos, os artigos confeccionados em lã obtiveram um aumento de produção e uma expansão na comercialização. Fatores que ocasionaram a construção de um negócio rentável para as famílias, onde a mão de obra deixa de ser, exclusivamente feminina e passa a incorporar o trabalho do homem, na produção e na comercialização dos artigos em lã. Este ponto será apresentado na segunda seção do presente capítulo.

O aumento da demanda por produtos confeccionados em lã, gera mudanças em várias práticas do processo produtivo na comunidade de artesãos da Vila Progresso, ocasionando diferenciações e melhor qualidade das peças. Por opção dos próprios artesãos, o desenvolvimento do processo artesanal ocorre através dos saberes e do aprendizado deles, sem assistência técnica ou capacitações de organizações de fora. Os assuntos referentes à evolução do artesanato em lã e os reflexos que estes fatos geraram na comunidade serão apresentados na quarta e última seção deste capítulo.

2.1 PROCESSO ARTESANAL NA VILA PROGRESSO: “MUTIRÃO DAS FAMÍLIAS”

A tecelagem é uma atividade muito antiga, sua existência está ligada às necessidades dos indivíduos em criarem seus próprios agasalhos, a atividade artesanal da tecelagem configura-se como uma técnica que proporciona a formação de um tecido, a partir da habilidade do artesão no ato de tramar fios (SANTOS, 2005). O ato de tecer está relacionado com o saber e com o fazer do artesão, “é isso: de ponto em ponto, de trama em trama, de nó em nó, vai se tecendo todo um universo de formas, de usos e de significados” (ZATTERA, 1988, p. 11).

Para desenvolver tais habilidades os (as) artesãos (ãs) precisam ter além da vocação, um hábito constante de fazer, a fim de aprimorar a técnica e o resultado do seu trabalho. A aprendizagem prática do fazer, parte da vivência e das observações do cotidiano, para realizar seu trabalho o (a) artesão (ã) utilizam-se da habilidade das mãos e de alguns instrumentos ou ferramentas, muitas vezes construídos e/ou aprimorados por eles mesmos (MARTINS, 1973).

Ao se reportarem à atividade artesanal os (as) artífices (as) da Vila Progresso mencionam o processo da tecelagem e as mudanças nas suas trajetórias, relacionadas ao saber ao fazer artesanal em lã na comunidade. Destaca-se no começo um processo árduo, que demandava tempo, paciência e muito trabalho. Evoluindo com o passar dos anos através do aprimoramento das habilidades no ato de tecer e com a eliminação e transformação de algumas etapas do fazer, para uma atividade mais leve, com menor demanda de mão de obra e maior qualidade dos produtos confeccionados.

No início da atividade artesanal na comunidade, o processo começava pela compra da lã, depois ocorre a seleção, lavagem da lã, cardagem e o feitiço do fio para tecer. Os artesãos (ãs) destacam que no início da atividade o fio era feito no fuso, depois na roca manuseada com os pés e atualmente na roca á motor, utilizada quando há necessidade. Os (as) artífices abordam também as mudanças relacionadas aos teares, a forma de acabamento das peças, que vai da costura manual à máquina de costura elétrica e, por fim, a compra da lã pronta, limpa, tratada e fiada (em rolos).

Quando deram início a atividade artesanal os artesãos compravam a lã retirada da tosquia, geralmente de produtores de ovinos de localidades próximas, tendo em vista a expressiva criação do rebanho de ovinos na região do pampa. Caracterizando o artesanato tradicional e regional, onde o (a) artífice utiliza-se da matéria-prima que lhe é disponível no momento, geralmente encontrada nas proximidades (MARTINS, 1973).

A lã comprada dos ovinocultores era entregue para os artesãos ainda suja, com resquícios de gordura, folhas e terra. Precisava ser examinada antes da lavagem, para que fossem separados os velos bons dos ruins, os quais não poderiam ser aproveitados. Era preciso que o artesão (ã) tivesse um olhar atento na seleção das partes da lã que lhe interessava e sobre aquelas que precisavam ser descartadas. Os velos muito sujos, de baixa qualidade, com aspecto desbotado, geralmente provenientes das partes inferiores dos animais nem passavam pelo processo de limpeza, eram descartados.

Depois da pré-seleção, a lã precisava ser lavada, secada ao sol e cardada para fazer o fio e tecer as peças. Uma das artífices entrevistada explica como ocorria o procedimento⁴⁰ da lavagem, destacando que o mesmo era feito em um arroio (córrego de água) próximo a residência dos artesãos (ãs). Primeiro, era preciso colocar a fibra animal em um tonel com água fervente e sal amoníaco, a fim de que fossem retirados os resquícios de gordura e o cheiro forte proveniente do animal. Retirada da água fervente, a lã era lavada na água fria do arroio e com sabão de soda, feito em casa, mas “*ainda assim, às vezes ficava com um cheiro forte de gordura*” (Entrevistada J.8–Artesã), o qual era transmitido para as confecções, ressalta a artesã.

Sobre o processo manual de lavagem da lã, outra artesã destaca, “*era demais ir para o arroio escalda lã, nós íamos para o arroio e escaldávamos 500 ou 600 quilos de lã num dia, quase morria, tinha que lava, seca, carda aquela lã e enfia no fuso na perna*” (Entrevistada N.6–Artesã). Como o processo da lavagem demandava tempo e mão de obra, era necessário a realização de um

⁴⁰ A lã era levada com carrinho de mão até um arroio próximo, junto os artesãos também levavam tonéis e pneus para fazer uma fogueira e ferver a água, “a gente fervia aqueles tonéis de lã, virava nas pedras e lavava, uns dias frios, às vezes pegava aquela água quente nas mãos e depois pegava aquela água fria, trazia tudo para casa e colocava seca no arame”, observa a artesã (Entrevistada J.8–Artesã).

trabalho coletivo entre as famílias dos artesãos (ãs). Reuniam-se algumas famílias para lavar a fibra animal em um único dia, uma das artífices lembra que a limpeza da lã nunca envolvia menos do que quatro pessoas e às vezes era realizado “*mutirão de até três famílias*” (Entrevistada N.6–Artesã).

A lã, limpa e ainda molhada, era levada do arroio até as residências dos (as) artesãos (ãs), com a ajuda de bicicletas e carrinhos de mão, para ser estendida nos varais e deixada em exposição ao sol forte por dois ou três dias para secar. As artesãs relatam que no período de inverno, com dias chuvosos e nublados, às vezes era preciso esperar por até uma semana para que a fibra animal secasse completamente. Somente depois da lã totalmente seca é que os (as) artífices poderiam dar início a cardagem, ao feitiço do fio e a tecelagem.

A cardagem consiste na passagem de duas cardas (duas escovas com fios de aço) sobre as mechas da fibra animal, eliminando os nós, desembaraçando as fibras e ajudando na limpeza final da mesma, retirando algum resquício de sujeira que ainda possam ter permanecido depois da lavagem. Antes de passar a carda, é importante que o (a) artesão (ã) desfie as fibras com as pontas dos dedos para desembaraçar a mesma, facilitando a passagem das cardas (SANTOS, 2005).

De acordo com a autora, a cardagem deixa os fios alinhados e a fibra mais leve, facilitando o procedimento de fazer o fio para tecer, na cardagem o (a) artesão (ã) começa a entrar em um processo que lhe exige concentração, habilidade manual e esforço físico repetitivo. Além disso, essa etapa demanda técnica e força das mãos do (a) artífice, pois a fibra possui uma grande resistência, que lhe é conferida em parte pela lanolina, proveniente da gordura natural presente na pele das ovelhas.

Após ser cardada a lã é preciso passá-la no fuso, um trabalho quase que exclusivo das mulheres artesãs. O fuso configura-se como um tipo de haste de madeira, que deve ser firmado na perna da artesã enquanto a mesma faz o fuso girar, através dos giros rápidos e repetitivos da lã no fuso forma-se o fio. Essa atividade exige habilidade, concentração, paciência e presteza nas mãos, a imagem do fuso e da artesã fazendo o fio no mesmo pode ser observada na figura - 6.

Constata-se até esse momento, os aspectos que dizem respeito ao início do processo artesanal na comunidade, onde se destaca a mão de obra que

envolvia os artesãos em torno da limpeza da lã. O trabalho coletivo é um ponto importante a ser discutido, pois aparece nesse momento em função da necessidade da mão de obra para realizar o processo de limpeza da matéria-prima, posteriormente quando os artesãos passaram a comprar a lã pronta, essa forma de trabalho desaparece, pois deixa de ser necessário na comunidade.

Figura 6 – Fuso utilizado pelas artesãs da Vila Progresso



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

Sobre o trabalho coletivo, Tedesco (2013) destaca que nos primeiros tempos o artesanato nos espaços rurais tinha horizontes interligados da vida em comunidade e mantinha as relações de vizinhança, proximidade e parentesco. Tendo em vista, principalmente, “a mão de obra, do intercâmbio técnico e de razões simbólicas em torno do saber, prestígio e reconhecimento” (TEDESCO, 2013, p. 114).

O fato do trabalho na produção do artesanato tradicional ser realizado pela família do artesão ou por pequenos grupos vizinhos na comunidade, facilita a transferência das técnicas de produção, dos processos e dos desenhos originais. Mas estas questões começam a mudar nas comunidades com a ampliação da comercialização dos produtos com a simplificação do processo artesanal e com o crescimento da atividade de produção artesanal.

2.1.1 Evolução no processo artesanal: “era difícil, agora melhorou”

No processo artesanal realizado na comunidade, uma das primeiras mudanças realizadas pelos artesãos (ãs) foi a utilização da roca a pedal, que passou a ser empregada juntamente com o fuso para fazer o fio, dependendo do tipo de fio que era necessário para a confecção da peça, utilizava-se a roca a pedal ou o fuso. Uma das artesãs entrevistada relata que “*a roca a pedal fazia bem pouco fio, cansava a perna e fazia pouco fio, não rendia*” (Entrevistada N.6-Artesã). Não demorou muito tempo para que os (as) artífices conseguissem melhorar o rendimento do fio, adaptaram um pequeno motor na roca e a mesma passou a ser movida através da energia elétrica (motor ligado à luz). Nesse formato a roca é usada até o momento para fazer um tipo de fio fino, cuja imagem pode ser observada na figura – 7.

Figura 7 – Roca a motor utilizada pelos artesãos da Vila Progresso



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

Nesse ponto percebe-se a habilidade dos artesãos em criar alternativas para as demandas que surgem no decorrer do trabalho artesanal. Martins (1973) comenta que para pôr em prática seus saberes, o (a) artífice utiliza-se de pequenas e simples ferramentas e utensílios que na maioria das vezes, é originária de sua própria criação. A necessidade de aprimorar e melhorar sua atividade depende dele mesmo, isso obriga-o a pensar e desenvolver aquilo que lhe falta, então o artesão elabora seus instrumentos de trabalho e/ou aperfeiçoa aqueles que já possui, domina a arte e depois exerce a mesma.

Com o fio pronto, os (as) artesãos (ãs) poderiam dar início ao processo de confecção das peças no tear vertical, também chamado tear de parede. Era

um tear simples com poucos recursos e baixo rendimento na produção dos tecidos, confeccionado em madeira pelos próprios artesãos. Informações presentes na narrativa de umas das artífices entrevistada, quando faz referência ao começo da atividade artesanal.

Naquela época tinha o tear de parede, fazia o tear em casa, construía em casa, era tudo manual. Nós fazíamos poucas peças porque demorava muito para confeccionar um pala, quase um mês para fazer uma peça” (Entrevistada N.2–Artesã).

Nesse relato identifica-se a habilidade e a criatividade dos (as) artesãos (ãs) no aprimoramento dos próprios instrumentos de trabalho. Santos (2005) explica que as características do tear vertical limitavam o tamanho das peças e a qualidade das mesmas. Na Vila Progresso este tipo de tear era utilizado principalmente para confeccionar peças como xergões e cobertores. Sennett (2009, p.146) destaca que o “tear doméstico consistia em duas hastes sobre as quais repousava uma trave. Os fios, mantidos unidos por pesos, eram pendurados nesta trave”, os fios que estavam no sentido horizontal eram empurrados para cima, “para retesar o tecido”. Assim, confeccionava-se o tecido que daria origem a peça.

Uma segunda questão pode ser analisada na narrativa da artesã, pelo fato do tear ter recursos escassos, era exigido do artesão um maior tempo de trabalho para a confecção do tecido. Em função da demanda de tempo, tecer neste tipo de tear tornava-se um trabalho cansativo, influenciando diretamente nos custos repassados aos produtos, um pala por exemplo, era comercializado por um salário mínimo, ou até um salário e meio da época, anos 80 e 90. Nessa época o salário era equivalente à, em torno de 70 dólares, 220 reais na atualidade.

Essa informação reafirma os argumentos de Golin (1998) e Dacanal (1998), quando estes autores destacam que os elementos simbólicos do tradicionalismo comercializado no mercado, como as peças de vestuário, tinham um custo oneroso. Fato que acarretava na seleção dos sujeitos que poderiam consumir tais produtos e fazer uso dos mesmos para participar de atividades e dos rituais, organizados pelo movimento tradicionalista.

A descoberta do tear horizontal ou tear de pente, como é denominado pelos (as) artesãos (ãs), foi outra mudança importante na atividade artesanal dessa comunidade, pois mudou a forma de produzir as peças e possibilitou maior rendimento do trabalho, alavancando a produção em lã na comunidade. Os (as) artífices consideram o fato da troca de tear uma das grandes evoluções para a produção dos tecidos. Pois, com o tear vertical levava-se mais de um dia para confeccionar, por exemplo, uma quantidade de tecido que possibilitasse a criação de um pala, principal confecção comercial na época. Com o tear horizontal, o qual pode ser visualizado na figura – 8, é possível confeccionar em um dia uma quantidade de tecido para a criação de até dez (10) palas, dependendo da habilidade do artesão.

Figura 8 – Tear horizontal utilizado pelos artesãos da Vila Progresso



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

Como o tear horizontal ou de pente-liso chegou na Vila Progresso? O artesão que trouxe o tear para a comunidade relata que ficou sabendo da utilização do tear de pente-liso por artífices (mulheres) da cidade de Bagé e foi até o local conhecer o mesmo. Na mesma oportunidade trouxe para a comunidade o tear e duas artesãs, para ensinar a montar o equipamento e a tecer no mesmo. Sobre a questão o artífice declara:

O que me fez ir a Bagé buscar este tear é que eu comecei com o tear de parede e depois surgiu esse aqui, que é mais rentável, eu fui atrás e descobri que em Bagé tinha, trouxe para a Vila e comecei a fazer (Entrevistado A.3-Artesão).

Os teares horizontais são manuseados com a uso das mãos, para tecer, e dos pés, para movimentar as liças onde passa o fio. Esse tipo de tear possui várias vantagens em relação ao modelo vertical, chamado por alguns autores de primitivo, neles podem ser confeccionados vários tipos de tecido, possuem um alto rendimento em relação ao modelo vertical (CÔRTEZ, S/D; SANTOS, 2005).

Importante destacar ainda uma terceira mudança na produção artesanal da Vila Progresso, a qual está relacionada a forma de acabamento das confecções, como colocar bainhas, golas, barras, dentre outros. Nos primeiros tempos os acabamentos eram realizados através da costura manual e posteriormente, com a máquina de costura. Uma das artífices entrevistada observa que as primeiras máquinas utilizadas eram “*tocadas com os pés*” e com o tempo foram adaptados pequenos motores nas mesmas e por fim, foram adquiridas as máquinas elétricas, utilizadas até o momento.

Quando comecei a costura, comecei numa pequenininha, uma Singer, tinha colocado o motor nela, não era dela o motor, passava queimando, era bem difícil de fazer, rendia muito pouco, porque a máquina não despejava (Entrevista S.1-Artesã)

O relato da artesã contextualiza as dificuldades do passado, bem como a criatividade na busca de alternativas para dinamizar o trabalho artesanal, até chegar as ferramentas que possuem atualmente. A figura – 9 traz um demonstrativo das máquinas elétricas utilizadas pelas mulheres na atualidade, a imagem demonstra o momento em que uma artesã fazia a costura de um pala na máquina elétrica. Importante salientar que estes equipamentos não foram adquiridos no início da atividade artesanal, em função do alto custo para os artífices na época, a aquisição das mesmas ocorreu no momento em que a atividade artesanal estabilizou-se economicamente.

Figura 9 – Máquina de costura elétrica utilizada pelas artesãs da Vila Progresso



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

Martins (1973) relata que é natural o artesão começar seu trabalho com as técnicas e as ferramentas mais simples, depois vai qualificando as mesmas, para avançar em suas criações. Para isso, necessita aprimorar seus instrumentos e inovar, seja por interesse do mercado ou por sua própria vaidade, o certo é que o artífice tem sempre a preocupação de aperfeiçoar suas habilidades e invenções. A análise do autor é evidenciada ao observar a evolução das técnicas artesanais e dos instrumentos utilizados pelos (as) artífices da Vila Progresso

Uma quarta mudança foi a compra dos rolos de lã, nos rolos comprados a lã era comercializada para os (as) artesãos (ãs) em mechas já limpas e cardadas, essa atitude influenciou favoravelmente o trabalho artesanal. Os (as) artífices identificam estes rolos como lã cardada e destacam que este tipo de lã não era de boa qualidade. Logo depois que começaram a comprar a lã cardada, também descobriram um tipo de lã chamada de frotada (década de 90), a qual precisava ser separada as mechas ao meio e transformada em fio, através do fuso ou da roca, para ser utilizada no tear.

Nós comprávamos a lã frotada e a cardada, a cardada nós fazíamos pala e ainda nós trabalhávamos com essa lavada, um pouco, e a frotada nós usávamos mais para fazer meia, para fazer peiteira, essas miudezas, porque a lã era muito cara (Entrevistada S.1-Artesã).

Como relata a artífice ambas as lãs, cardada e frotada, passaram a ser utilizadas pelos (as) artesãos (as), mas para fazer algumas peças diferenciadas, de acordo com o preço pago por cada uma. A mudança em relação ao tipo de lã

utilizada tem pouco mais de uma década de acordo com a artífice entrevistada, a compra desses tipos de lã não acabou definitivamente com o processo da compra da fibra animal suja para ser lavada, cardada e fiada. O processo de compra e lavagem da lã terminou somente quando os (as) artesãos (ãs) passaram a comprar a matéria-prima já fiada (anos 2000). Portanto, atualmente a lã utilizada para confeccionar as peças é comprada pronta, em rolos.

As mudanças citadas, em especial nos teares, e o fato de produzir as peças com a lã comprada, ocasionaram uma diminuição da necessidade de mão de obra. De acordo com um dos artesãos entrevistados, *“quando comecei a trabalhar no seu A..... fazia 15 palas por semana, agora faço 10 palas por dia”*. A entrevistada S.1-Artesã comenta o assunto, *“se tu tivesse vindo há uns três anos atrás, era a Vila em peso trabalhando e ainda faltava gente, faltava gente para fazer a costura, para colocar franja, para tecer, sempre faltava gente”*.

Para os artesãos todas as etapas do trabalho artesanal melhoraram com o tempo, *“eu acho que melhorou bastante, principalmente essa questão da lã vir fiada, os teares melhoraram muito, as máquinas melhoraram muito”*, destaca a entrevistada J.8-Artesã. Os artífices demonstram orgulho das habilidades que evoluem, eles necessitam da evolução, pois não lhes conforta a imitação, a habilidade do artesão precisa amadurecer (SENNETT, 2009).

Ocorreram várias mudanças em relação à produção das peças artesanais em lã na Vila Progresso, mas duas questões parecem ser as mais significativas. A primeira diz respeito à mudança em relação aos teares, do modelo horizontal para o modelo vertical, ocasionando um significativo aumento no rendimento da produção e uma diminuição do trabalho dos artesãos. A segunda é fato da lã ser comprada limpa, pronta para ser colocada nos teares, finalizando com o processo de lavagem da lã, destacado pelos (as) artesãos (ãs) como o mais penoso. Ambas as mudanças apontadas colaboraram para a melhoria na qualidade das confecções.

Vives (1983) destaca que o artesão somente vai inovar, na medida em que sentir necessidade, assim vai buscando transformar suas práticas diárias. A evolução na atividade artesanal geralmente acontece de forma lenta, demandando tempo, criatividade e reflexão do artesão sobre seu saber e seu fazer. Ele precisa sentir a necessidade de mudança e buscar em si mesmo a capacidade para aprimorar aquilo que deseja.

As mudanças na atividade artesanal na Vila Progresso estão relacionadas aos teares e a utilização da lã para a confecção das peças, ocorreram de forma consciente e de acordo com a busca dos (as) artesãos (ãs), no sentido de ampliar a quantidade e o rendimento na criação das peças, como consequência das mesmas, uma terceira questão sofreu alteração.

A demanda do trabalho coletivo, que ocorria em função do processo de lavagem da lã, não foi mais necessária, deixando de existir. Mas, as práticas de reciprocidade continuaram existindo no local, em função da troca de saberes e da aprendizagem conjunta, onde uma artesã ensinava a outra as técnicas de costura e os homens ensinavam os demais a arte de tecer.

2.2 DIFERENCIAÇÕES NOS PRODUTOS CONFECCIONADOS: PALA PURA LÃ?

Esta seção tem por objetivo interpretar as diferenciações nos produtos artesanais, realizados através do saber e o fazer dos (as) artesãos (ãs), tendo em vista as mudanças que aconteceram ao longo da história do artesanato na comunidade da Vila Progresso e as diferenciações nos produtos, tais como: a textura, o peso, as cores e o design das mesmas.

O Secretário da Agricultura e Pecuária do município explica sobre o começo da atividade artesanal na Vila, *“há uns 30 anos atrás o artesanato era muito grosseiro, o fio não tinha uma espessura, um padrão uniforme”*. No começo as peças criadas pelas artesãs eram basicamente palas, era necessário passar uma carda nas peças, *“tipo pente, para deixar o pala todo peludo e esconder a trama, porque a trama era de má qualidade, até porque uma parte do fio era grosso outra parte era fino”*, destaca o Secretário.

O contexto citado corresponde ao momento em que os artesãos teciam as peças com o fio de lã produzido na comunidade, através do processo citado na seção anterior. Nesse período as confecções eram mais pesadas, com uma textura “felpuda”, áspera, com maior volume e um aspecto não tão bonito. Tais características poderiam causar alergia em quem fosse fazer uso da peça e acabava não conquistando alguns consumidores, como as crianças, por exemplo.

Estas questões tornaram-se perceptíveis para os (as) artesão (ãs), destacando-se como mais um motivo para buscar técnicas que lhes possibilitasse investir na melhoria dos produtos. Nesse cenário, o público de abrangência dos produtos artesanais foi ampliando-se com o tempo, nos anos de 1980 a produção artesanal em lã atingia o público adulto, tendo em vista as características das peças. Após os anos 2000, com a diferenciação na qualidade e na diversidade dos produtos, as peças em lã passaram a abranger todos os tipos de consumidores, sem diferenciação de idade e sexo.

Em relação à qualidade dos produtos artesanais, Sennett (2009) destaca que o tecido precisa ficar bem firme no tear para se obter uma boa aparência. Essa questão faz com que o artesão repita a técnica várias vezes e adquira mais habilidade, pois quanto mais aprimorada a técnica e as habilidades, mais os indivíduos são capazes de sentir e pensar sobre o que estão fazendo, resultando em melhorias no processo vivenciado. Os artesãos são exigentes em busca de alguns padrões, tentando chegar a perfeição das peças que produzem.

As características das confecções e a diferença entre as mesmas, produzidas no passado e no momento atual, podem ser visualizadas na figura – 10, a qual é representativa no sentido de demonstrar o design das peças, já que a foto não possibilita sentir as diferentes texturas. O objetivo da figura é demonstrar uma maior uniformidade da peça confeccionada na atualmente, em detrimento da peça confeccionada nos anos 80, questão que está aliada ao tipo de fio utilizado e o aprimoramento da técnica do artesão, como destaca Sennett (2009).

As artesãs da comunidade reconhecem que um dos principais fatores que ocasionaram melhorias na qualidade das peças em lã, ocorreu com a compra do fio pronto para tecer. Uma das entrevistada J.8–Artesã destaca que: *“hoje tu paga caro pela lã, mas vem pronta, só pega e trabalha, tece, não tem cheiro, porque é uma lã tratada”*. E ainda, outros benefícios são relatados pela artífice, ao mencionar: *“os produtos mudaram bastante, mudaram as cores, os pesos, agora fica mais bem feito, quanto mais tu faz, mais tu aprende”*.

A narrativa da artífice entrevistada evidencia que as mudanças em relação ao tipo de lã utilizada para tecer, não está somente relacionada ao trabalho árduo, à grande demanda de mão de obra e ao tempo despendido para realizar todo o processo de lavagem, secagem, cardagem e confecção do fio, para

depois tecer as peças. O fato da lã ser comprada pronta para tecer se justifica também pelo fato da fibra animal passar por um processo de limpeza industrial, que é bem mais eficiente do que a limpeza manual, proporcionando características de maior leveza e maciez aos fios e as peças confeccionadas, um padrão uniforme e mais beleza nos produtos.

Figura 10 – Capinha feminina do passado (E) e capinha feminina atual (D) produzidas pelos artesãos da Vila Progresso



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

O segundo relato da artesã refere-se ao momento em que os (as) artífices realizavam todo o processo de confecção dos fios, uma das etapas era o tingimento das meadas da fibra, quando era necessária uma cor de fio diferenciada. O tingimento era realizado através da fervura das meadas de lã com plantas coletadas na região. A entrevistada A.15-Artesã destaca que no passado, usava-se para colorir os fios “*chá de boldo, casca de cebola, casca de acácia e chá de marcela*”, dentre outras plantas, obtendo-se fios de cores verde, amarela, bege, marrom e vermelha.

Na atualidade com a matéria-prima comprada das laníferas, não há como tingir os fios, os (as) artífices precisaram adaptar as tonalidades dos produtos confeccionados de acordo com as cores de fio que adquirem, obtendo menor diversidade de tons nas peças. No momento, as cores utilizadas para realizar a confecção das peças são: marrom escuro e bege, e ainda, três tipos de cores mescladas em tons de marrom e bege, configurando tecidos com tonalidades

ora mais claras e ora mais escuras, as quais podem ser visualizadas na figura – 11.

Embora os aspectos positivos em relação à utilização da lã comprada pronta para tecer sejam muito relevantes para os (as) artesão (ãs), existe também uma desvantagem nessa questão. O ponto negativo está atrelado à restrição das cores dos produtos confeccionados, pois a diversidade de cores nas peças pode ser um atrativo a mais para o consumidor, o qual teria maior oportunidade de escolha entre os produtos, “fugindo” do padrão tradicional das cores bege e marrom. Mas na análise dos (as) artífices este fato negativo não é tão relevante, a ponto de diminuir a comercialização dos produtos.

Figura 11 – Cores de lã utilizadas para confecção das peças pelos artesãos da Vila Progresso



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

A utilização do fio de lã comprado exigiu algumas adaptações nos teares, gerando alterações nas peças produzidas. De acordo com um dos entrevistados A.4-Artesão, “o que mudou foi a batida do pente no tear, antes batia-se muitas vezes o pente, os fios ficavam mais justos e o tecido mais pesado, utilizava-se mais lã”. Com o fio de lã comprado, de textura mais fina e maior uniformidade do que aquele que era confeccionado manualmente, foi preciso alterar a distância do pente e bater menos vezes o mesmo, deixando um espaço maior entre as carreiras do tecido conseguiu-se diminuir o peso das peças pela metade.

O pente ficou diferente e a lã também, agora a lã é mais trabalhada, porque a lã que nós fazíamos a mão era muito torcida, ficava mais pesada. Agora essa lã que vem beneficiada já não precisa torce muito, ela fica mais leve, ela não dá volume e não dá peso (Entrevistado – A.4-Artesão).

Com as modificações realizadas nos teares os tecidos que eram produzidos somente com a utilização da lã, passaram a necessitar de uma pequena porcentagem de algodão. Essa mudança também ajudou no sentido de proporcionar uma maior leveza aos produtos, já que as peças confeccionadas com 100% de lã eram mais pesadas que as atuais. Atualmente as etiquetas das peças destacam que os produtos são confeccionados com 92% lã e 8% algodão.

Em relação ao design das peças, algumas artesãs, especialmente aquelas que conseguem manter uma relação de autonomia com os esposos artesãos, com o tempo criaram modelos de confecções com cortes ou adereços diferenciados. Quando questionadas sobre como aprenderam a diferenciar as peças, as mulheres destacam que, primeiramente com os familiares, depois observando a criação das vizinhas artesãs e também nas feiras onde comercializam os produtos.

Além disso, elas destacam os modelos das revistas de moda, as sugestões dos consumidores e a pesquisa na internet, estes são fatores importantes para a mudança ou criação de novas confecções. Essas mudanças podem ser consideradas mínimas para quem analisa o contexto, mas, para a comunidade são inovações significativas, pois cada uma delas foi pensada pelos (as) artesãos (ãs), principalmente pelas mulheres. São novos modelos de botões, novos recortes nas confecções, um formato de gola diferenciada ou pequenos adereços em couro ou tricô.

As inovações das peças confeccionadas constituem-se, muitas vezes, de pequenos traços cuidadosamente conferidos a mesma, pela criatividade e pelos saberes dos (as) artesãos (ãs). Tais questões são relatadas pelas artífices da comunidade, as quais consideram as peças que confeccionam na atualidade mais bonitas e atrativas aos olhos dos consumidores, quando comparadas às confecções do passado. As peças atuais são confeccionadas com detalhes que afirmam a autenticidade da produção artesanal em lã na Vila Progresso

Para Vives (1983) as mudanças devem partir do interesse do artesão, fato que contribui para uma autovalorização pessoal do mesmo. As adequações ou novas criações das peças artesanais devem ser interpretadas como algo positivo, em função da utilidade e beleza dos produtos. Considerando o olhar da autora no contexto das peças em lã, confeccionadas pelas artesãs da Vila

Progresso, faz sentido o aprimoramento das confecções através do talento e da criatividade dessas mulheres. Além disso, as artesãs tornaram as peças funcionais, ou seja, são utilizadas no cotidiano das pessoas seja como agasalho, adereço ou outra utilidade.

Com o tempo os artesãos (as) da Vila Progresso realizaram várias mudanças na produção artesanal em lã, as quais podem ser consideradas pouco expressivas aos olhos dos agentes externos, mas foram realizadas no tempo do (a) artífice e conforme as necessidades interpretadas pelos mesmos. Ou seja, a partir da interpretação da comunidade sobre as condições e as exigências dos consumidores desse mercado. Várias alterações ocorreram, em relação à simplificação do processo artesanal, com a compra do fio pronto e as mudanças nos teares, ou ainda, com a criação de peças com design, textura e cores diferenciadas daquelas em que a lã era produzida pelos (as) artesãos (as).

2.3 RELAÇÃO DE GÊNERO NO ARTESANATO: “HOMEM NO TEAR, MULHER NO TRICÔ”

A relação de trabalho e gênero na atividade artesanal da Vila Progresso é uma questão importante a ser analisada, quando se pretende compreender as transformações do artesanato na comunidade. Talvez uma das mais importantes alterações esteja no fato do compartilhamento dos saberes e das técnicas com os homens, as quais eram realizadas, tradicionalmente pelas mulheres. Tal atitude permitiu que os saberes se mantivessem, mas gerou uma nova questão, os aspectos de gênero e poder na interação entre homens e mulheres na atividade artesanal em lã.

A partir do compartilhamento dos saberes, a relação de gênero no trabalho artesanal na comunidade passou a caracterizar aspectos de negociação na família sobre as peças a serem confeccionadas e a organização comercial da tenda e também da divisão do trabalho. Essa questão fica evidente na transformação nos teares de pente, quando os mesmos vieram para a Vila Progresso. Os teares trazidos para a comunidade eram manuseados por artesãs mulheres em Bagé, as quais tinham implementado vários pedais para facilitar o trabalho de colocar adereços e bordados nas peças. Como os teares foram

trazidos para serem manuseados por artesãos homens, os mesmos retiraram os pedais para confeccionar os tecidos de forma tradicional.

Uma das artesãs explica a questão, “*o tear veio com 6 pedais, poderia fazer um monte de coisa, poderia fazer bordado no tecido, mas eles (os homens), não quiseram e tiraram os pedais do tear*” (Entrevista S.1-Artesã). As funções que foram retiradas do instrumento ficaram a cargo do trabalho manual das artesãs mulheres, ou seja, os teares foram adaptados pelos homens somente para fazer o tecido, tornando o trabalho mais produtivo, ficando as etapas do acabamento por conta das mulheres. Tal atitude se justifica porque para os homens o importante era produzir em grande quantidade, já na visão das mulheres é preciso também colocar alguns atrativos nas peças, diferenciá-las, para torná-las mais atrativas aos consumidores. Nesse sentido, de interpretar como confeccionar os produtos existem as relações de conflito.

Sobre essas questões ocorre algumas divergências de interpretação e as artesãs ficam em desvantagens, pois em alguns casos elas não conseguem ter a autonomia necessária para confeccionar o que almeja no tempo e na quantidade que deseja. Esses fatos são evidenciados na narrativa de dois entrevistados na comunidade, para a artesã S.1 “*nós não temos tempo de fazer coisas diferentes, eles acham que os adereços podem ser perda de tempo, enquanto podem fazer os palas e vender por um preço maior*”. Na visão do artesão:

Esses palas mesmo, nós fizemos para vender em quantidade, já as peças diferenciadas são em menor quantidade. Que nem no inverno que vende muito, nós não queremos fazer peças trabalhadas porque demora, mais é no verão porque se tem feito as capas com bolso, com algum crochê, é feita no verão (Entrevistado R.5-Artesão).

Essas questões são negociadas entre homens e mulheres artesãos (ãs) em cada tenda, primeiramente dá-se a devida importância ao abastecimento e ao cumprimento dos pedidos realizados pelos clientes, “as encomendas”, que vem de fora, por exemplo das lojas de produtos gauchescos. A partir da realização desse trabalho, no tempo restante, as mulheres realizam os acabamentos nas peças com adereços diversos, destacando uma identidade própria a peça.

Essas questões demonstram uma relação de poder e negociação entre homens e mulheres. Fato que não é exclusivo da Vila Progresso, em suas várias pesquisas realizadas sobre a produção artesanal feminina, Eggert (2011) comprova a invisibilidade da produção artesanal e do trabalho manual das mulheres, essa invisibilidade é constatada aos olhos dos outros e delas mesmas. Embora a invisibilidade relatada pela autora não ocorra na Vila, é preciso dizer que para não ser invisível elas precisam ter uma força de imposição sobre o seu trabalho, a qual lhes garante a valorização pessoal frente as técnicas e os saberes que possuem, demonstrando tal fato diante ao mercado e a sociedade.

Em relação à divisão do trabalho na produção artesanal da comunidade, o homem é o responsável pelo ato de tecer o tecido no tear e quando necessário faz o fio de lã, pois para os acabamentos é necessário um fio fino, diferente do que é utilizado para tecer os tecidos nos teares, o qual deve ser um fio mais grosso. As mulheres pensam e realizam todo o acabamento da peça, ficam com a responsabilidade de cortar o tecido no formato desejado para a peça que será criada, costurar as bordas da peça, colocar gola, botões, franjas e adereços quando necessário, são etapas que demandam tempo de trabalho, habilidade e criatividade das artesãs.

O tipo de acabamento e as etapas de cada peça artesanal, podem ser visualizados na figura – 12, os quais estão relacionados ao modelo da confecção que está sendo criada e ao tipo de público que se pretende atingir. Geralmente, as peças destinadas às crianças e ao sexo feminino, como capinhas, blusões e palas, exigem mais detalhes, já as roupas masculinas são mais tradicionais, sem adereços. Os arremates vão desde a costura na máquina, no caso de cobertores, podendo incluir a colocação de franjas na volta das peças e também golas e botões no caso dos palas. Ou ainda, colocar alguns adereços em peças como as capinhas femininas, por exemplo.

Observando a figura – 12, a imagem de uma capinha feminina, deve-se destacar que a criação da peça exposta começa pelo tecido produzido no tear, trabalho do homem, o qual é cortado no formato da peça. Separadamente, é cortado um pedaço de tecido em formato de gola e outro em formato de bolso. Além destas etapas, são colocados botões e franjas na capinha e para finalizar a peça é preciso costurar as bordas da mesma, assim como os bolsos, os botões e as golas, todas essas etapas são realizadas pelas artesãs. E ainda, em peças

femininas semelhantes a exposta na figura - 12, podem ser colocados adereços como bordados, recortes de desenhos em couro ou confeccionados em tricô, como pode ser observado na figura – 13.

Figura 12– Etapas da criação de uma capinha feminina (acima) e de um pala masculino (abaixo) realizadas pelos (as) artesãos (ãs) da Vila Progresso



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

Depois de ser realizado o acabamento da confecção, no tempo que lhe resta, as artífices confeccionam peças de forma totalmente manual, através do tricô, como por exemplo, xales, echarpes, meias, mantas, tocas, luvas e boinas, algumas dessas peças e as características dos acabamentos podem ser visualizadas na figura - 13. O esforço das mulheres para criar estas peças está

no sentido de conquistar o olhar do consumidor para a autenticidade da peça. Tais atividades fazem com que elas exerçam sua autenticidade no trabalho, são afazeres diversificados na produção artesanal, enquanto os homens trabalham tecendo no tear e na comercialização dos produtos junto aos clientes.

Figura 13 – Peças criadas pelas mulheres artesãs da Vila Progresso



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

Desde os tempos primitivos a tecelagem é atribuída às mulheres, mas, mesmo diante de todo o tempo histórico trouxe muito pouca respeitabilidade para as trabalhadoras (SENNETT, 2009). Mesmo nos tempos atuais, muitas mulheres ainda enfrentam um espaço de invisibilidade social, fato que está relacionado aos espaços culturais onde vivem, muitas vezes “materializados por meio de ações repressivas e silenciosas que coíbem o desenvolvimento do ser em sua plenitude (CERTEAU, 1998).

Diante da demanda no trabalho artesanal, as artesãs proprietárias das tendas ou das lojas, não conseguem realizar sozinhas todo o trabalho de acabamento das peças. Nesses casos, são “contratadas de forma temporária” mulheres da comunidade, as quais prestam o serviço de costura, trabalhando por vezes em suas próprias residências e, por vezes, na casa da artesã. Esse é

um fator importante, que gera renda para mulheres, jovens e adultas da comunidade, as quais ganham um preço estipulado por peça e por tipo de serviço que realizam em cada peça.

2.4 QUALIFICAÇÃO DO PROCESSO ARTESANAL

Os saberes dos (as) artesãos (ãs) fazem parte de um processo vivenciado histórica e culturalmente pelos (as) mesmos (as), assim como, a evolução das técnicas são aprimoradas de acordo com a vontade e o aprendizado do artesão (ã), diante da necessidade que observa no contexto do mercado. O aprendizado das técnicas para confeccionar as peças em lã ocorreu de forma tradicional para as mulheres, sendo transmitido por familiares (mãe, tia e avó) na forma da oralidade e da observação.

O feito, o aprendizado e a transmissão de saberes no artesanato é um processo comum, intrínseco ao mesmo. E ainda, a atividade artesanal e a dinâmica da confecção possuem uma interação muito tênue entre aspectos materiais e imateriais da cultura, seja através do uso dos objetos, do conhecimento empregado na criação das peças ou do significado que as mesmas possuem (TEDESCO, 2010).

O aprimoramento das técnicas artesanais na comunidade é realizado pelo esforço individual dos (as) artesãos (ãs), sem a interferência de instituições externas e por opção da comunidade. Não há relatos de que a comunidade se organize para participar de forma conjunta de cursos de aperfeiçoamento, nem mesmo daqueles organizados pela Emater do município. Uma das extensionistas da Emater relata que desde 1990 tem tentado organizar oportunidades de aperfeiçoamento para as artesãs, mas não tem obtido sucesso. Segundo a entrevistada, as mulheres declaram como fator impeditivo para a sua participação, a grande demanda de trabalho na atividade artesanal.

Um as três famílias me disseram, eu não posso parar meu trabalho para ir lá (no curso) e ficar uma hora, em uma hora eu faço quanto de fio. Eles não vislumbram que, se tu para um tempo para ir lá planejar, discutir e aperfeiçoar, porque claro precisaria de umas reuniões até chega ao estágio da gente fazer uma capacitação e melhorar ou fazer visita em outros lugares (Entrevistada Extensionista da Emater - Caçapava do Sul).

Nesse aspecto mais uma vez aparece a questão de gênero, pois os cursos organizados pelos (as) extensionistas da Emater são direcionados para as mulheres, a exclusão dos homens da capacitação dificulta a interação entre ambos em um mesmo espaço de diálogo e aprendizagem, inclusive de valorização do trabalho do outro. As artesãs acabam por reproduzir o discurso dos homens artesãos, declarando que não podem participar, interagir e trocar conhecimentos nas atividades de capacitação, em função da demanda de trabalho. Lembrando que a maior parte do tempo de trabalho delas, está em função do acabamento dos tecidos produzidos por eles.

Quando os artesãos (ãs) são questionados sobre a forma como evoluem nos procedimentos adotados no fazer artesanal, eles relatam que não recebem ajuda ou assistência de nenhum órgão. Em relação à assistência da Emater, não ocorre uma boa interação entre ambos, de acordo com uma das entrevistadas I.9-Artesã “*a Emater vem mais aprender com nós do que ensinar*”. Nessa interlocução a artífice refere-se à extensionista da instituição e as tentativas frustradas na realização de cursos de costura na comunidade.

O ponto crucial parece ser a forma de interpretação dos (as) agentes de extensão, enquanto as mulheres artesãs precisam conquistar um empoderamento diante das funções que exercem e dos saberes que possuem e ambos, homens e mulheres, necessitam dialogar sobre o processo artesanal e comercial. A agente de extensão parte para a atividade prática, de estratégias de inovação, que ela interpreta como a mais importante e, nesse sentido, o diálogo não evolui. Pois a comunidade de artesãos (ãs) tem a firmeza no propósito de confeccionar de acordo com suas técnicas e vem se afirmando no mercado de produtos simbólicos gauchescos dessa maneira, portanto, desconsidera aqueles que venham apresentar ou tentar expor algo de fora.

Para a agente de extensão rural da Emater, os (as) artesãos (ãs) precisam inovar na confecção das peças em lã e a questão do tipo de fio utilizado e a variedade nas cores dos fios são fundamentais. Na análise da extensionista é “*preciso buscar algo diferenciado para o artesanato em lã, eles (os artesãos) criam (as peças) muito direcionado para o rústico, mas sem muita inovação, e isso um dia satura*”, e continua a narrativa declarando que “*naquela comunidade ainda se tem muita resistência a alguns tipos de mudanças*”. Observa-se que as

interpretações realizadas por artesãos (ãs) e extensionista são distintas, tendo em vista que valorizam diferentes questões em relação ao processo artesanal.

O SENAR é outra entidade que oferta cursos para as comunidades rurais, a partir da solicitação do curso de interesse de um grupo de pessoas da comunidade no STR, do município ou ao qual pertencem. O representante do SENAR de Bagé, região da campanha, da qual participa o município de Caçapava do Sul, relata que *“bimestralmente convida-se entidades e associações para conhecer as demandas e divulgar os cursos, mas vai do interesse da comunidade em fazer os cursos”*. O representante destaca que o SENAR oferece várias oportunidades de aprendizado⁴¹ relacionados ao artesanato, mas não lembra de alguma ter sido realizada na Vila Progresso.

A servidora do STR de Caçapava do Sul informa que no primeiro semestre de 2015, houve uma reunião em que o Sindicato e o SENAR convidaram os presidentes das associações das comunidades rurais do município. Na oportunidade, o presidente da associação de moradores da Vila Progresso, o qual também é artesão⁴², participou pela primeira vez desse tipo de reunião, a qual acontece há vários anos. Para o ano de 2016, a comunidade realizou o pedido do curso de tingimento e tintura em tecido, o qual terá duração de 40 horas e a participação de 10 a 15 pessoas da comunidade. De acordo com os representantes do SENAR da Regional de Bagé e do STR de Caçapava do Sul, esse foi o primeiro pedido de curso da comunidade relacionado ao artesanato.

Mesmo não colocando o curso como a primeira prioridade, prorrogando-o para 2016, o fato de instruir-se sobre novas técnicas de pintura será uma importante oportunidade de aprendizado e inovação, tal como apontava a extensionista da Emater, quando se reportava à necessidade de buscar

⁴¹ Cursos do SENAR relacionados ao artesanato: Bonecos de Pano; Casca e Palha de Arroz; Confecção Básica do Vestuário Feminino; Confecção Básica do Vestuário Masculino; Fibra de Bananeira; Folha de Butiazeiro; Introdução a Costura e Transformação das Peças de Vestuário; Macramê; Material Reciclável; Palha de Milho; Palha de Trigo; Patchwork - Unindo Retalhos de Tecidos; Porongo; Tingimento e Pintura em Tecido (SENAR, 2015).

⁴² Após a reunião o artesão levou o catálogo de cursos até a comunidade e, posteriormente, fez o pedido dos cursos de eletricitista rural e informática básica, ambos para serem realizados em 2015, por ordem de prioridade e disponibilidade de instrutores do SENAR para tais demandas. Nestes dois cursos já realizados houve a participação de homens e mulheres juntos, mas, num total de 10 pessoas no primeiro curso e 12 pessoas no segundo curso, somente cinco artesãos da comunidade participaram, 2 homens e 3 mulheres. Os demais participantes eram pessoas da comunidade.

aprimoramento. Mas é importante ressaltar que o curso de tingimento em tecido não está relacionado ao fio de lã, e sim a outros tipos de tecidos, como os de algodão. O ato de fazer o pedido do curso é um indicativo de que os (as) artesãos (ãs) estão conscientes sobre a confecção de diferentes produtos artesanais, demonstrando que a procura por melhoria na atividade ocorre no tempo deles e de acordo com aquilo que eles elegem como prioridade.

O SEBRAE é outra instituição, cujo representante foi entrevistado sobre uma possível atuação na comunidade de artesãos da Vila Progresso, a funcionária entrevistada destaca que no ano de 2009, *“tentamos montar um grupo na Vila, mas o pessoal não quis, eles não se interessaram”*. O trabalho a que se refere a entrevistada seria uma atividade proposta pela Prefeitura, o qual era parte de um projeto maior, de valorização do turismo em Caçapava do Sul com atuação de várias entidades juntas, *“íamos fazer um trabalho de gestão, marketing e design, mas existia na época muita individualidade e as pessoas não estavam maduras para trabalhar em grupo”*.

Um dos artífices entrevistado se posiciona sobre os cursos do SEBRAE, destacando que *“da maneira antiga como o SEBRAE quer nos ensina, eu vou ter que vender uma peça por 300 reais, hoje não dá mais, vou vender muito pouco”* (Artesão A-3). A indiferença ao SEBRAE tem uma razão, os artesãos acreditam que seguir a lógica de artesanato em lã de interesse desta instituição, seria uma volta ao passado, a lavar lã e tingir os fios da fibra, trabalho que demandava muito tempo e mão de obra, onerando o produto, além da baixa qualidade das peças confeccionadas.

Enfim, os (as) artífices da comunidade não aceitam intervenções externas sobre as suas formas de fazer e têm consciência de que o SEBRAE é uma instituição que atua na transformação das técnicas tradicionais do artesanato. Pois, a atuação desta instituição é em função da demanda de mercado, por vezes, um mercado distante e desconhecido do cenário das comunidades que produzem as peças artesanais.

A capacitação oferecida pelo SEBRAE também visava transformações referentes ao design das peças e a administração do negócio, questões que colocariam os artesãos diante de uma condição de mudança de comportamento no seu fazer cotidiano. A representante do SEBRAE destaca, *“quando o grupo não é receptivo nós nos retiramos, a procura tem que partir do cliente, e ainda,*

eles não teriam nenhum custo, seria a prefeitura que daria a contrapartida”, referindo-se ao trabalho que poderia ter sido realizado com os artesãos da Vila.

Vives (1983) destaca que a interferência sobre a produção, ou mesmo sobre a comercialização das peças deve ser realizada com cautela, pois alguém que vem de fora, um professor, que irá trabalhar com o artesão tem suas próprias convicções oriundas do sistema simbólico em que está inserido, diferente da do artesão. Na relação entre artesão e professor, o primeiro pode sentir-se inferiorizado com seu saber e optar pela mudança das suas técnicas, enfraquecendo a herança cultural da qual abastece seus saberes para realizar suas criações.

O artesão (ã) tradicional é um sujeito que interpreta as tradições herdadas, “emprega e transmite, em seu trabalho, valores, técnica e signos amadurecidos e aceitos no sistema cultural a que ele pertence” (VIVES, 1983, 133). Para a autora é típica a atitude do (a) artesão (ã) tradicional a necessidade de reproduzir os padrões culturais a que pertence, por isso ele interpreta as técnicas e, tradicionalmente, conserva as mesmas, sente-as como parte de sua história. Assim constrói novos instrumentos ou novas ideias, de acordo com a necessidade que percebem em relação ao mercado que atingem e no tempo que acreditam ser, o seu tempo de aprendizagem.

Eggert (2011) interpreta a questão de outra forma, destacando a relevância do artesão passar por um processo de capacitação. A autora destaca que a qualificação contribui para uma melhor organização dos artífices, gerando maiores rendimentos e qualidade de vida destes profissionais. Ressalta ainda que existem diversas instituições, com diferentes objetivos, são organizações sociais, comunitárias, religiosas, públicas e privadas atuando através de projetos, cursos e várias atividades de aperfeiçoamento para os artesãos.

Enfim, pode-se analisar a questão da seguinte forma, ter momentos para pensar sobre o fazer artesanal é importante para o artesão, pois permite uma reflexão sobre a atividade. Já que o cotidiano do artesão (ã) está intrinsecamente ligado ao seu ofício, é fundamental que participem de atividades onde possam expressarem-se e colocar suas experiências, seja para uma troca ou simplesmente para que possam pensar sobre o que fazem, como fazem e porque fazem. Assim é possível “construir um caminho sobre o vivido e, ao fazer isso, pode-se dar significado à experiência” (PAIXÃO; EGGERT 2011, p 18).

Os cursos de capacitação são importantes, mas todo o trabalho do (a) artesão (ã) deve ser decidido por ele (a), é importante que tenham consciência do que precisam mudar em suas peças e como irão fazer tais mudanças, de acordo com aquilo que é de seu interesse. A partir de tais atitudes, os artesãos estarão exercendo o papel de protagonistas no trabalho artesanal que desempenham, para que se consiga tal fato, é fundamental que os mesmos reconheçam o sentido do seu trabalho, apropriando-se do sistema simbólico das suas criações (CANCLINI, 1983).

As transformações no processo produtivo artesanal na Vila Progresso, apresentada nas seções anteriores, ocorreram sem a intervenção de uma assistência técnica, seja da EMATER, SENAR, SEBRAE, Prefeitura Municipal ou qualquer outra entidade. Segundo os interlocutores destas instituições, a não assistência foi uma opção dos próprios artesãos (ãs), informação confirmada pela comunidade.

Os (as) artífices da comunidade acreditam não ser necessário investir seu tempo em capacitação, seja esta relacionada à produção ou à gestão da atividade artesanal. Interpretam tais questões dessa forma porque sabem da importância de seus saberes, os quais fazem parte de sua história de vida e de trabalho, constitui-se como um patrimônio cultural dessa comunidade. Nesse sentido os (as) artesãos (ãs) procuram reafirmar sua autonomia sobre seus saberes e possuem a ciência de que os mesmos poderiam ser facilmente transformados por alguém de fora.

Realmente uma intervenção indevida pode alterar as técnicas dos (as) artífices, transformando seus saberes. Mas também é importante que ocorra uma interação entre os (as) artesãos (ãs) buscando melhorar a relação social na comunidade, para amenizar os conflitos em relação as disputas comerciais, essa questão talvez ocorra com a ajuda de uma mediação externa, mas que seja desprovida de interesses sobre as práticas artesanais. Por fim, toda e qualquer intervenção precisa respeitar os saberes e as decisões dos (das) artífices.

3 DESENVOLVIMENTO DO MERCADO DOS PRODUTOS ARTESANAIS

Esse capítulo tem por objetivo analisar a evolução comercial dos produtos artesanais e simbólicos gauchescos na Vila Progresso, nas seções a seguir serão tratados os fatores relacionados a ampliação desse mercado e as consequências dos mesmos na vida dos (as) artesãos (ãs). Num primeiro momento, aborda-se as relações de gênero que aparecem com ênfase na expansão do mercado dos produtos artesanais e simbólicos na comunidade.

Em um segundo momento, destaca-se as estratégias adotadas pelos (as) artesãos (ãs) para a evolução na comercialização dos artigos artesanais em lã, dentro e fora do estado. Pois, os produtos que eram comercializados somente na localidade passaram a ser demandados por um contexto abrangente, consumidores urbanos de vários lugares, até mesmo de fora do Brasil. Diante da expansão do mercado, os (as) artífices ampliaram as suas estratégias de comercialização, passaram a relacionar-se com as lojas de produtos gauchescos e a frequentar feiras comerciais no estado.

Por fim, são apresentadas algumas dificuldades enfrentadas pela comunidade artesanal, em função das mudanças realizadas neste mercado competitivo, dinâmico e em crescimento. Talvez pelo fato da ampliação desse mercado acontecer com estratégias de crescimento imediatas, sem planejamento prévio pelos (as) artesãos (ãs) e sem um trabalho de cooperação na localidade, a comunidade possui alguns fatores limitantes externos e internos que precisam ser analisados.

3.1 COMÉRCIO DOS PRODUTOS EM LÃ: INICIATIVA DAS MULHERES

As confecções artesanais comercializadas na comunidade da Vila Progresso fazem parte do mercado de produtos simbólicos da cultura gaúcha, o qual se expandiu a partir de um aspecto reinventado⁴³ ou uma reinterpretação

⁴³ O contexto da tradição será utilizado aqui, entendendo a sua “construção ou “re” invenção pelo movimento tradicionalista, não se tem por objetivo discutir este movimento, nem julgar suas atitudes por certas ou erradas, este não é o objetivo do trabalho. A contextualização do movimento tradicionalista nesse trabalho é destacada com um único sentido, o de justificar o aumento da comercialização dos produtos simbólicos da cultura gaúcha, admitindo que estes se

da cultura gaúcha pelo tradicionalismo, como foi destacado no primeiro capítulo deste trabalho. O mercado de produtos artesanais nessa comunidade expandiu-se do local, para várias cidades dentro e fora do estado nos últimos anos. Seguindo a lógica comercial que aponta Oliven (2006; 1998), ao destacar a migração dos elementos simbólicos do estado sulino, junto aos gaúchos que saíram e emigraram para outros estados e para o exterior.

Com base na apropriação dos elementos simbólicos da cultura gaúcha pelos tradicionalistas, os artigos em lã confeccionados inicialmente pelas artesãs passaram a ter um sentido de uso ressignificado, materializando elementos simbólicos que remetem ao consumidor imagens e lembranças relacionadas, historicamente, ao modo de vida no campo. A partir dessa apropriação, o mercado simbólico dos produtos gauchescos ampliou-se significativamente, influenciando a vida e o cotidiano daqueles que produzem e comercializam tais artigos.

O artesanato dos produtos tradicionais em lã, como palas, boinas, pelegos, xergões e outras confecções, encontraram espaço de comercialização na Vila Progresso, inicialmente com a abertura de alguns pontos comerciais, as tendas. A abertura das tendas no local se justifica em função do grande fluxo de veículos que circula na rodovia da BR – 290, a qual é caminho de turistas e viajantes na rota de ligação dos países do Mercosul ao Sul do Brasil. Característica que atraiu para o local algumas artesãs que residiam nas proximidades e já confeccionavam peças em lã, comercializando as mesmas sob encomenda.

As primeiras mulheres artesãs que foram residir no local, em pouco tempo abriram pontos comerciais na localidade, estas mulheres pertenciam a uma mesma família e estão estabelecidas na comunidade com suas tendas de artesanato abertas ao público a, aproximadamente, 35 anos. Foi através da iniciativa destas artesãs que a comunidade deu início a um processo de desenvolvimento, em termos de melhor organização de serviços, ampliação da população e geração de empregos na atividade artesanal. Algumas famílias que foram se estabelecendo na comunidade passaram a trabalhar para os (as) primeiros (as) artesãos (ãs) que se estabeleceram economicamente e,

deram em função de uma tradição “re” inventada, de acordo com as bases teóricas, mas, não cabe ao trabalho, julgar ou defender este fato.

posteriormente, estas famílias abriram seus próprios pontos de comércio artesanal no local.

Uma das mulheres entrevistadas, filha da primeira artesã que abriu tenda na Vila Progresso, destaca que quando chegou na comunidade, ela, a mãe e a irmã, confeccionavam palas e outras peças em lã, que depois de prontas eram colocadas penduradas em uma árvore em frente à casa onde moravam. No início da comercialização dos produtos na localidade, elas não dispunham de estrutura (nem mesmo de uma área coberta) para expor os produtos. A artífice relata que o terreno onde residiam era bastante elevado em relação à rodovia, uma área acidentada, e os consumidores precisavam fazer um esforço físico para chegar até as peças e fazer suas compras.

Quando a mãe começou não tinha feito os bueiros ainda, a mãe colocava as peças em cima do barranco, o pessoal subia e descia, colocava os palas pendurados em uma árvore que tinha na frente da casa, quando começamos era só pala, capinha, boinas, tudo em lã nós fazíamos (Entrevistada N. 2- Artesã).

Na narrativa da artesã, evidencia-se as dificuldades enfrentadas no início do processo comercial no local e a visão de negócio ao expor os produtos nas proximidades da BR. Tais ações colocam em evidência um processo de autoconfiança diante do seu saber-fazer, do conhecimento tradicional e da prática da atividade artesanal das artesãs no início do comércio na comunidade. E ainda, a coragem de abrir um ponto de comércio na “*beira da estrada*” (relato da artífice), em uma rodovia movimentada como é a BR - 290, expostas a diferentes tipos de clientes e situações.

Além da exposição e comercialização dos produtos em frente às moradias, mãe e filhas continuavam confeccionando produtos em lã sob encomenda e por vezes, oferecendo as peças nos estabelecimentos comerciais na cidade de Caçapava do Sul, onde divulgavam o seu trabalho, “*nós aprontávamos as peças e íamos oferecer nos escritórios, nessa época nossos palas eram novidade*”, destaca a entrevistada N.2 – Artesã.

No início da atividade no local, as artesãs possuíam duas estratégias mercadológicas, a exposição dos produtos na proximidade da BR, a fim de atrair o consumidor que circulava pelo local e a comercialização das peças em lã no

município mais próximo, por ser de fácil acesso para as artesãs. Ações como estas criam alternativas de trabalho e renda no meio rural, onde as famílias com poucos recursos econômicos e pequena área de terra, utilizam-se de seus próprios saberes para construir uma alternativa de renda para a família e manter-se no meio rural (TEDESCO, 2013; CANCLINI; 1983).

Para as artífices, a atividade artesanal tem um sentido de tradição, já que o trabalho com a lã, com o tricô e com a costura fez parte da vida cotidiana das mesmas, desde a infância. Mas é importante ressaltar que o significado de tradição atribuído pelas artesãs não é o mesmo considerado pelo tradicionalismo, para estas artesãs a tradição está relacionada aos saberes apreendidos com os familiares, especialmente com as mulheres das gerações passadas. Para os tradicionalistas, os quais influenciam a opinião dos consumidores, a tradição está associada a uma memória em relação ao modo de vida rural do passado, o qual foi reelaborado pelo movimento e materializado através do consumo e do uso de peças simbólicas, como o pala, por exemplo.

Pode-se dizer que o tradicionalismo se utiliza da tradição, no momento em que reinterpreta e ressignifica elementos de um modo de vida do passado, constituindo uma memória coletiva de um grupo de indivíduos e da figura ressemantizada do gaúcho. O tradicionalismo constrói um movimento cultural ritualizado e os ideais dessa tradição inventada têm sido bem-sucedidos, porque tem conseguido passar para a sociedade a impressão de que os interesses dos diferentes grupos sociais estão unificados, dentro daquilo que os tradicionalistas elegem como a cultura gaúcha.

Importante ressaltar ainda que o momento inicial das tendas corresponde a época que Oliven (2006) relata como o “boom do gauchismo”. A estratégia de procurar o cliente na cidade, demonstra a primeira iniciativa em busca da abertura do mercado dos produtos artesanais em lã, atingindo um consumidor urbano que, provavelmente, tivesse uma ligação “afetiva” com o modo de vida no campo e por esse motivo atribuía sentido aos produtos artesanalmente confeccionados em lã.

Além desse aspecto, destaca-se que a região da campanha, onde se encontra Caçapava do Sul⁴⁴, é conhecida pelo frio rigoroso nas épocas de

⁴⁴ Lembrando que o município de Caçapava do Sul tem fortes relações com a tradição e esboça com orgulho o título de 2ª Capital Farroupilha do Estado.

outono-inverno e pelo, não menos conhecido, vento minuano, do qual é necessário a utilização de agasalhos quentes para proteção e aquecimento. O município também tem forte ligação histórica com os aspectos culturais e com o tradicionalismo. Estes fatores contribuíram para a boa aceitação comercial dos artigos em lã produzidos pelas artesãs.

As constatações apresentadas nesta seção reafirmam o fato histórico de que o trabalho com a lã, foi inicialmente desenvolvido e comercializado pela iniciativa das mulheres na comunidade da Vila Progresso, seguindo o modelo de outros lugares do estado. Foram elas que perceberam a oportunidade de ampliar a comercialização das suas criações, no mercado de produtos simbólicos gauchescos. Perceberam que as vestimentas em lã deixaram de ser estritamente confeccionadas pela necessidade do trabalho do homem no campo, como era no passado. Tais peças passaram a ser requisitadas pelo consumidor urbano, pois mudaram de sentido, passando a serem norteadas em função do mercado construído pelo tradicionalismo.

3.2 O COMÉRCIO EXPANDE-SE: O HOMEM ENTRA NO NEGÓCIO

No Rio Grande do Sul os fatores históricos e culturais destacam sempre a figura do homem em primeiro lugar, em todos os sentidos, trabalhando junto ao campo, na lida com o gado. A mulher é uma figura secundária na história da cultura gaúcha, pouco destacada na bibliografia, elas tinham como funções cuidar dos afazeres domésticos e da família. Sobre o artesanato também se encontra mais material sobre o trabalho do artesão homem, do que da artesã mulher.

O trabalho do artesão homem foi muito requerido nos momentos de guerra, como ferreiro para confeccionar as ferraduras do cavalo, depois para criar as marcas de ferro para marcar o gado e os cavalos nas estâncias. Também como guasqueiro para criar peças de couro, úteis para o trabalho no campo, como o laço e o tirador (espécie de avental que protege o peão na lida com o gado), dentre outros utensílios (CUNHA; EGGERT, 2011).

Na Vila Progresso a entrada dos homens na atividade comercial dos produtos artesanais e simbólicos da cultura gaúcha, gerou algumas mudanças na atividade foi com a participação deles no negócio que a atividade comercial

obteve crescimento, ou melhor, foi com o trabalho em conjunto de homens e mulheres que a atividade se expandiu no local. A inserção do homem deu-se quando, eles e elas, perceberam que o mercado dos produtos em lã estava diante de uma nova conotação na comunidade, com relevante importância econômica para as famílias no local.

Em resposta à expansão do cenário comercial das peças em lã, os homens inseriram-se na atividade artesanal, contribuindo com os afazeres praticado pelas esposas artesãs, seja no aspecto de produção ou de comercialização das peças criadas. Portanto, a entrada do homem no segmento artesanal foi estratégica, em resposta à demanda do mercado e possibilitou a ampliação da comercialização dos produtos, através da abertura de um maior número de tendas e pelo trabalho de divulgação das peças artesanais, a partir da realização de viagens, realizadas por eles, para comercializar as mesmas.

Estas ações geraram um aumento nas vendas dos artigos em lã para vários locais do Rio Grande do Sul e, posteriormente, para fora do estado, no momento atual atingem inclusive outros países. A partir destes fatos, tem-se uma nova configuração de trabalho e passa-se a ter novos elementos para a análise na comunidade, como as relações de gênero e de poder no âmbito que se estabelecem e nas estruturas que se fundem na família (TEDESCO, 2013).

O Secretário da Agricultura e Pecuária de Caçapava do Sul visualiza o contexto na comunidade, analisando a relação entre trabalho, gênero e questões econômicas do artesanato do local, ele relata que “*o artesanato era uma atividade basicamente feminina e hoje não é mais. Antes era uma atividade de complementação de recursos da família, hoje é a principal atividade econômica das famílias da Vila*”. A observação do secretário reafirma o fato de que o artesanato começou a ser valorizado no local, especialmente pelos homens, quando passou a ter um significativo preço no mercado, gerando bons rendimentos econômicos para a família.

O alto rendimento adquirido pelas peças em lã está associado à valorização dos consumidores urbanos sobre as mesmas, como ressalta Oliven (2006), quando se reporta ao crescimento do mercado dos produtos gauchescos. A valorização está associada ao valor de uso, tendo em vista que a utilização destas confecções passou a ser representativa simbolicamente para um tipo de consumidor, o qual se apropria desses símbolos para se aproximar

de uma identidade, a de ser gaúcho. Apropriar-se desses símbolos significa, não mais a relação com o trabalho no campo, e sim a manutenção de uma memória ligada a este trabalho e ao modo de vida no momento. Ou seja, um sentido elaborado culturalmente foi-lhe atribuído pelo gauchismo.

As histórias relatadas pelos (as) artesãos (ãs) contribuem para o entendimento destas questões, uma das artesãs entrevistadas destaca que quando foi residir na comunidade era casada e o esposo trabalhava como caminhoneiro, mas segundo ele, através da insistência da artesã ele passou a vender as peças em lã que ela produzia. Primeiramente viajando por várias cidades do estado e posteriormente, abrindo uma tenda na comunidade, a segunda tenda a ser aberta no local. Com o aumento das vendas ele também passou a ser artesão, ajudando no processo de produção dos tecidos em lã no tear.

Para o artífice entrevistado, o processo de mudança de profissão e inserção no trabalho artesanal não aconteceu com facilidade. O artesão, assim como outros artesãos do local, descreve as dificuldades pelas quais passou no início, em função do que ele interpreta como machismo em relação ao trabalho com a lã. O entrevistado associava este tipo de atividade às mulheres, seja no aspecto da produção ou da comercialização dos artigos em lã. O artífice declara que foi difícil superar essa visão tradicional e começar a trabalhar na confecção e na comercialização de tais produtos.

Eu pegava o ônibus em uma parada longe, naquela época tinha muito o machismo, nós achávamos que era serviço só de mulher. Eu ia de bicicleta até pega o ônibus para São Sepé às 6 horas da manhã, enrolava os palas, fazia uma trocha. Pegava outro ônibus na curva para ninguém me ver, e ia para Vacaria, lá ninguém me conhecia. Eu andava com dinheiro atado na cintura e por tudo que era lugar, mas depois nós vencemos isso, nós vencemos o preconceito e vencemos nas vendas. Olha só, passava trabalho por causa do machismo (Entrevistado N.10-Artesão).

O auto rendimento adquirido com a comercialização das peças em lã foi decisivo para que os homens entrassem na atividade. O trabalho em conjunto de homens e mulheres possibilitou o aumento da produção, da comercialização e da divulgação dos produtos. Diante do aumento do consumo dos artigos, as mulheres não poderiam sozinhas produzir e comercializar, o cenário exigia que

mais pessoas fossem envolvidas na atividade. Outro ponto importante, a expansão comercial da atividade artesanal para fora da comunidade era um campo desconhecido para estas mulheres, que poderia tornar-se um cenário perigoso, talvez as mulheres daquela comunidade rural não se sentiriam confortáveis para viajarem sozinhas por várias cidades, comercializando seus produtos em lã.

Uma das artesãs entrevistada comenta sobre a questão do “pré-conceito” do esposo e ressalta elementos que apontam para uma relação de gênero e poder, no aspecto econômico do artesanato em lã. A artesã declara que se casou na comunidade, evento que fez com que deixasse a tenda da mãe e fosse abrir sua própria tenda na nova morada. Ela destaca que o esposo era agricultor, trabalhava como sócio do pai em uma lavoura de trigo e arroz, e somente conseguiu superar o “pré-conceito” para trabalhar com a lã, quando percebeu que ela, a esposa artesã, estava obtendo rendimentos econômicos superior com as peças em lã que comercializava, do que ele na atividade agrícola.

Ele tinha preconceito, no começo tinha, nos fazíamos um pala e vendíamos por um salário mínimo, colocava ali na frente e nem dava tempo, daí a meia hora já parava um caminhão e levava o pala, pagavam um salário mínimo pelo pala, aí que ele começou a mudar de ideia. Até as vezes ele pegava aquele salário e colocava óleo no trator, daí eu disse para né tchê. Agora sim está defasado, mas era um salário mínimo. Uns começaram a se espelhar nos outros, pensam assim, se o outro está trabalhando e está bem, eu também vou fazer, não vai fazer mal eu também trabalhar (Entrevistada N.2-Artesã).

Sobre os relatos cabe uma reflexão, diante dos consideráveis valores econômicos das peças artesanais, os homens provavelmente estariam diante de uma situação desconfortável, no sentido de aceitar o fato das esposas artesãs estarem obtendo maiores rendimentos do que eles e, inclusive em alguns casos, contribuindo economicamente para a manutenção do próprio homem. Além disso, com os consideráveis recursos econômicos obtidos as mulheres poderiam decidir como deveriam investir os lucros.

Por outro lado, ambos os relatos reportam a necessidade da entrada do homem na atividade artesanal, tendo em vista que a atividade estava se mostrando bastante rentável. Na segunda narrativa fica evidente as dificuldades

enfrentadas pelo homem, no sentido de assumir tal ofício como trabalho, uma atividade historicamente atribuída ao sexo feminino. Dificuldades históricas e culturais que foram superadas pelos homens da comunidade, em função dos rendimentos econômicos provenientes do crescimento do mercado de produtos simbólicos do gaúcho, ou seja, a ampliação do mercado e do retorno econômico foi superior aos rótulos culturais estabelecidos historicamente.

Os artesãos que começaram na atividade artesanal na Vila em um segundo momento, depois que algumas famílias já estavam estabelecidas financeiramente na comunidade, relatam que não sentiram o mesmo pré-conceito com o trabalho. Um dos artífices destaca *“quando eu vim para a Vila tinha os mais velhos que trabalhavam com lã, e eu achei bonito o trabalho e achei que poderia dar um bom rendimento, vi que eles tinham um bom retorno”* (Artesão A-4).

Para um dos artífices entrevistados, a palavra machismo ou pré-conceito utilizadas por alguns dos artesãos para definir a situação que enfrentaram no início, não é adequada para expressar relação do homem com a produção artesanal em lã, ele destaca que os homens superaram um costume, *“acho que mais é costume, não chega a ser um pré-conceito, porque na verdade como o trabalho com a lã rendia pouco (renda) e a mulher ficava em casa, ela não tinha muito serviço, ela inventava”* (Artesão A-3).

A interpretação do artesão evidencia a desvalorização do trabalho e do conhecimento artesanal da mulher artesã, como já foi mencionado neste trabalho o desprestígio desse ofício feminino é histórico, a produção em lã quando era um trabalho praticado somente por elas, interpretado como algo que servia apenas para complementar a renda.

Essa desvalorização também faz parte de fatores culturais da inserção da mulher no mundo do trabalho. Paixão e Eggert (2011) destacam que elas, ainda muito jovens, aprendem que o conhecimento e as habilidades artesanais que vem delas não merece atenção, não é relevante, por ser algo complementar à família. Por não ser devidamente valorizado, muitos saberes relacionados à criação e produção acabam por serem esquecidos e se perdem com o tempo (PAIXÃO; EGGERT, 2011).

A análise destes fatos também remete a relação de poder entre gêneros estabelecida na comunidade, a qual poderia mudar a situação da figura

masculina no contexto familiar, caso o homem não tivesse optado por aderir ao trabalho artesanal, em função de suas crenças culturais em relação ao mesmo. Mas este fato não aconteceu, pois as forças de mercado foram mais fortes do que as crenças culturais dos mesmos.

As relações de poder são estabelecidas pelos sistemas sociais (BOURDIEU, 1989). O fato do trabalho artesanal ser considerado “coisa de mulher” é uma construção social, portanto, faz parte de um sistema social construído historicamente, o qual pode sofrer influências e, por vezes, ser ressignificado pela centralidade econômica do mercado, gerando extensões sobre as relações de gênero, trabalho e autonomia (CANCLINI, 1983; TEDESCO, 2010). O comércio dos produtos artesanais obtém esse sentido quando é interpretado pelos (as) artesãos (ãs) com uma visão mercantil.

Permitir que as mulheres produzissem e comercializassem as peças sozinhas, daria a elas mais autonomia e poder, tendo em vista os rendimentos econômicos que as mesmas estavam obtendo. Tal fato, possivelmente geraria uma inversão de valores na organização da família, destacando a mulher à frente nas tomadas de decisões, gerando uma relação de poder superior ao do homem no contexto familiar.

Interpretando a questão com a lente teórica de Bourdieu (2002), o homem pode ter decidido trabalhar na atividade artesanal em lã, mesmo não se identificando histórica e culturalmente com tal trabalho, para manter sua hierarquia de gênero no ambiente familiar. Na visão do autor, tal fato dá sustentação a ideia patriarcal de liderança masculina e também faz parte de uma história biológica da natureza humana, onde se retrata a dominação masculina.

Essa lógica de relações norteou o início do mercado artesanal em lã na Vila Progresso, o desenvolvimento econômico dos primeiros artesãos (homens) e a visibilidade na melhoria do aspecto de vida dos mesmos, foi o ponto decisivo para a adesão de outros homens da comunidade na atividade artesanal. Importante ressaltar que o fato dos homens aderirem ao trabalho e ao comércio dos artigos em lã na comunidade, não significa que os mesmos tenham uma identidade com o artesanato. Pois para eles essa atividade não é simbólica, não traz uma imagem subjetivamente representativa, o trabalho com a lã e a comercialização destes produtos não fez parte de sua história, de sua vida cotidiana.

Entende-se e justifica-se a dificuldade de adesão do homem a criação e a comercialização dos artigos em lã no começo da atividade, e em outro sentido o poder de dominação do mercado sobre as tradições culturais. Canclini (2010) classifica como forças ferozes de mercado, as quais determinaram a superação das construções históricas e culturais da ideia de trabalho masculino no local, tendo em vista que a força comercial (econômica) dos produtos foram mais fortes do que as crenças culturais da comunidade sobre trabalho e gênero.

O relato da artesã J.8 contribui para o entendimento das questões relacionadas à identidade dos homens da comunidade, a artífice destaca que morava com a família no local, seus familiares dedicavam-se a agricultura, mas ela foi trabalhar com as primeiras artesãs que se estabeleceram no local. A artesã aprimorou seus conhecimentos na arte de tecer e da costura, quando se casou optou por produzir e comercializar as confecções que criava sob a forma de encomenda, até o momento em que o seu cônjuge decidiu participar da atividade artesanal, considerando que poderiam obter bons rendimentos econômicos e melhorar a qualidade de vida da família. Somente a partir da decisão do cônjuge, o casal abriu o seu próprio espaço comercial, para expor os produtos em lã confeccionados.

Eu trabalhei para a, fazia as costuras para ela, depois eu casei e colocamos a tenda, ele (esposo) trabalhava na agricultura e depois veio me ajudar. Mas ele não gosta, nunca gostou do artesanato, faz porque precisa, porque é o que dá mais, é o que dá dinheiro aqui. Já eu gosto, não me vejo sem o artesanato, eu acho que fico doente se um dia não tem algo para fazer (Entrevistada J.8- Artesã).

Nessa argumentação torna-se evidente que a opção do homem, em trabalhar com a atividade artesanal em lã e comercializar os produtos na tenda, deu-se baseada em aspectos econômicos. Quando entrevistado, o esposo da artesã declara que se identifica com o trabalho na lavoura, mas reconhece que não lhe daria o mesmo rendimento e a oportunidade de estabilidade da família, tal como a comercialização do artesanato tem proporcionado. Mesmo que os homens da comunidade não se identifiquem com o comércio do artesanato, Tedesco (2013) e Canclini (1983) ressaltam que, há um reconhecimento da

comercialização das tendas e dos artigos artesanais pelo fato de oportunizar a manutenção da família no meio rural.

A relação de trabalho dos homens com o artesanato em lã foi descrita por outra entrevistada, ela destaca que o pai trabalhava de empregado nas lavouras de arroz, encontradas nas proximidades do local, e levou um tempo para que decidisse deixar o trabalho no campo para abrir uma tenda de produtos artesanais. Enquanto o pai não deliberava sua decisão, ela, a mãe e o irmão mais velho trabalhavam para dois familiares artesãos na comunidade, os quais já haviam aberto suas tendas e viajavam para fazer entregas de encomendas, aproveitando o cenário propício da ampliação do mercado simbólico dos produtos gauchescos.

A artesã relata que o pai somente tomou a decisão de deixar a lavoura quando percebeu o crescimento das relações comerciais que se estabeleciam nas demais tendas, inclusive na de seus familiares. O agricultor, até então, observava o significativo ganho econômico dos demais familiares, da esposa e dos filhos trabalhando como empregados dos familiares, em regime temporário. Mesmo com o fato da esposa e de dois filhos já conhecerem as técnicas de produção e de comercialização, a família somente começou a confeccionar para abrir a própria tenda, quando obteve a participação efetiva do responsável da família, o homem.

Esses relatos trazem dois pontos para a discussão. Primeiro, o fato dos homens da comunidade acreditarem que o trabalho que lhes traz dignidade é aquele relacionado ao campo, a criação e a produção tal como faziam seus antepassados, uma questão cultural ainda presente na comunidade. Interpretação que se justifica porque as atividades de trabalho ligadas ao campo são aquelas que culturalmente, proporcionam ao imaginário masculino uma série de imagens e representações objetivas, que fazem ou fizeram parte da sua compreensão histórica, ou seja, os aspectos simbólicos destacados por Bourdieu (1989). O que se expressa na fala de um dos entrevistados⁴⁵, quando destaca: *“o dia que eu parar de trabalhar com a terra, eu morro”*.

⁴⁵ O interlocutor N.13 – Artesão preserva uma pequena chácara onde planta feijão, milho, algumas hortaliças e possui animais para o consumo da família.

A segunda questão diz respeito as relações estabelecidas na comunidade entre homens e mulheres, após a entrada deles na atividade comercial das peças artesanais, a partir desse momento elas entraram em uma tendência de negociação no ambiente familiar. Passa a se fazer presente nas relações de gênero estabelecidas nesse mercado uma questão de poder, com a entrada do homem na atividade as relações passaram a ser pautadas na necessidade da construção de um diálogo para as tomadas de decisões conjuntas, frente a atividade de produção e comercialização das peças. Assim como as questões relacionadas a divisão do trabalho e ao envolvimento de pessoas de fora na atividade, como prestadoras de serviço.

Além disso, também passaram a ser negociadas as questões relacionadas a divisão dos rendimentos da venda das peças, quais os investimentos seriam realizados nas tendas, na produção e na melhoria da qualidade de vida da família. Este diálogo é necessário em função do trabalho e do ganho econômico da atividade artesanal, que passa a ser a principal atividade mantenedora da família. Essas estratégias e construções de diálogos nem sempre ocorreram de forma pacífica e ordenada, por ora, homens ou mulheres precisam impor-se, afim de afirmar suas ideias na construção das estratégias que acreditam ser a mais conveniente para a família e para o próprio negócio.

Interpretando estas questões através da análise de Bourdieu (1989), percebe-se que as relações de gênero são determinantes nas formas de produção, de comercialização dos produtos e nas dinâmicas de trabalho. Esses aspectos derivam de uma relação que depende do que Bourdieu (1989) chama de imposição ou dominação do poder simbólico, que ora está com os homens e ora está com as mulheres da comunidade.

3.3 ESTRATÉGIAS DE COMERCIALIZAÇÃO: TENDAS, FEIRAS E VIAGENS

Os artesãos da Vila Progresso são produtores e comerciantes de bens simbólicos e possuem relação direta e indireta com os consumidores dos produtos que confeccionam e os demais artigos que comercializam. Essas características determinam a forma como eles organizam suas tendas e estabelecem as dinâmicas mercantis do artesanato que comercializam, um aprendizado que ocorre diante da vivência frente ao negócio (TEDESCO, 2013).

Pois, o mercado de produtos artesanais “não é um simples local de troca de mercadorias, faz parte de interações socioculturais mais complexas” (CANCLINI, 2010, p. 70), onde simbologias e marketing se misturam, a fim de atrair o consumidor e dinamizar o comércio.

As estratégias de comercialização na comunidade evoluíram com o tempo, as tendas simples foram sendo transformadas, as estruturas ampliadas e os espaços melhor organizados, inclusive na distribuição dos produtos. As viagens dos artesãos, especialmente dos homens para comercializar os produtos em lã expandiram-se para todo o Rio Grande do Sul e para os estados de Santa Catarina e Paraná, gerando clientes fixos no ramo logístico, lojas especializadas em artigos gauchescos e agropecuárias. Por fim, a participação dos (as) artesãos (ãs) em feiras comerciais realizadas em várias cidades do estado. As estratégias adotadas pelos artífices da comunidade comprovam o que Oliven (2006) denominou como a desterritorialização do mercado dos produtos tradicionais gaúchos, ou seja, os produtos saíram do território gaúcho.

No início, os primeiros pontos comerciais abertos na Vila Progresso, eram estruturas comerciais muito simples, basicamente uma cerca de arame na frente das residências, como pode ser visualizada na figura-14. Mas o fato da estratégia simples da divulgação dos artigos em lã não impediu a repercussão positiva da exposição dos produtos nas proximidades da BR. Os artesãos lembram que desde o início a exposição dos artigos em frente as residências obtinham boa aceitação dos consumidores, os produtos expostos eram rapidamente comercializados, reafirmando a atividade como uma oportunidade de estabilidade econômica e de desenvolvimento no local.

Quando eu vim morar na Vila tinha os mais velhos que trabalhavam com a lã, eu achei bonito o trabalho e achei que poderia dar um bom rendimento, vi que dava um bom retorno para eles e eu também tinha que correr atrás do dinheiro. Quando tinha o tear de parede eu fiz o primeiro pala, acabei e coloquei na cerquinha na frente da casa e uma camionete parou, ele viu eu colocando, perguntou quanto era e levou. Me entusiasmei vim para dentro e comecei a fazer outro, passei a noite toda tecendo para conseguir terminar um pala e colocar para vender de novo e fazer mais dinheiro. A mulher foi no galpão me busca era 5 horas da manhã, a noite toda eu tecendo. (Entrevistado A-4- Artesão).

Figura 14– Exposição dos produtos artesanais na década de 80



Fonte: Imagem fornecida por um artesão da Vila Progresso / Pesquisa de Campo, 2015

A comercialização rápida dos produtos artesanais garantia ao artesão (ã) um retorno econômico quase que imediato de seu trabalho, motivando os (as) mesmos (as) a tecerem as peças por um longo período, durante o dia e a noite, para conseguirem confeccionar os produtos e comercializá-los rapidamente. Foi esse ritmo comercial, impresso no começo da atividade comercial dos produtos em lã, que proporcionou um auto rendimento econômico e o investimento na infraestrutura das tendas, mesmo que, em um primeiro momento, estas estruturas fossem uma pequena área na frente das moradias.

A construção das tendas cobertas foi uma ação importante dos (as) artesãos (ãs) na Vila Progresso, pois, expor os produtos sem nenhum abrigo dificultava a comercialização das confecções nos dias de chuva, cerração e vento forte, essas características eram impeditivas para os (as) artífices deixarem os artigos em lã expostos nas proximidades da rodovia. Esse cenário não é exclusivo da comunidade, vários locais onde tendeiros possuem pontos comerciais, sofrem com a falta de estrutura adequada para a exposição dos produtos (TEDESCO, 2013). Percebendo a importância das questões das estruturas para a expansão do comércio, a comunidade está constantemente investindo na melhoria das tendas, para apresentar os artigos artesanais aos consumidores de uma melhor forma e assim, atrair o olhar dos clientes.

Antes não tinha nada, tinha só um terreninho, nós tiramos a cerca de arame da frente e colocamos 4 canos, desses canos de bueiro, aterramos com carro de mão e fizemos uma passadeirinha para as pessoas passarem por cima, depois

Graças a Deus nós fomos obtendo mais condições e foi aumentando e todos conseguiram fazer o que nós fizemos, ficou bonito. A nossa casa era aqui, mas era uma casinha bem pequena, era uma casa de taboa, duas peças, nós colocávamos um arame ali na frente igual esses aqui, só que era bem perto da rodovia, não tinha cobertura, quando chovia tinha que tirar as peças, se tivesse com cerração já não poderia colocar, eu fiz uma área pequena na frente da casa e colocava os produtos na área. As pessoas que eram conhecidas enxergavam as peças na área e chegavam, já eram nossos fregueses, foi assim, fomos ajeitando, fomos arrumando e fizemos esse galpão grande, colocamos as peças debaixo e não chove, melhorou bastante, Graças a Deus (Entrevistada J-8 – Artesã)

A interlocutora destaca que a falta de estrutura de fato atrapalhava na comercialização dos produtos. Os (as) artífices buscaram realizar melhorias em frente as suas residências, adequando o escoamento da água e construindo um aterro para nivelamento dos terrenos, os quais eram íngremes e irregulares. Além da organização de um espaço de estacionamento para carros que param no local, com o devido afastamento de alguns metros da BR, o qual também contribuiu para uma maior segurança física dos artesãos (ãs), tendo em vista a grande circulação de veículos na rodovia.

Outras questões que se observa nos relatos dos (as) artífices, diz respeito à construção de tendas maiores no local, possibilitando uma melhor organização dos produtos artesanais. A organização das tendas, das moradias, que na maioria dos casos passaram de casas de madeira ou casas mistas de madeira e alvenaria, para boas construções de alvenaria, e do espaço local como um todo atrai a atenção do consumidor, que visualiza o crescimento da comunidade. Praticamente todas as tendas foram organizadas em um espaço individualizado em relação à moradia, embora ligado a mesma, mas mantendo a privacidade da família e proporcionando maior liberdade ao cliente, no sentido deste não se sentir invasivo no ambiente particular do artesão.

Se for possível separar tais relações na prática, pois o ambiente onde os (as) artesãos (ãs) produzem e comercializam seus produtos, é o mesmo onde sua família se organiza e suas relações pessoais se constituem (CANCLINI, 1983). A tenda do artesão é o espaço onde ocorre as relações pessoais e de trabalho, um ambiente quase indivisível, onde os instrumentos de trabalho e o lar se misturam, assim como as relações familiares e de produção e comerciais

(MARTINS, 1973). Nem sempre se consegue manter a privacidade da família em um ambiente onde se estabelecem vários tipos de relações, que ora são voltadas à produção e ao mercado e ora dizem respeito a vida pessoal dos (as) artífices.

Ainda em relação a organização do local e das tendas, pode-se destacar uma estratégia de marketing de negócio dos (as) artesãos (ãs), a mudança na forma de apresentação dos produtos nos pontos comerciais, se anteriormente os mesmos eram expostos de forma vertical à BR, ou seja, ao trânsito dos veículos. Em um dado momento os (as) artífices perceberam que a melhor forma de exibir os produtos, era de forma horizontal à rodovia, conforme pode ser observado na figura – 15, essa forma de exposição proporciona uma melhor visualização dos artigos artesanais para quem passa pela BR.

Figura 15– Exposição dos produtos artesanais de forma horizontal a BR- 290



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

Outra melhoria importante observada na comunidade foi o investimento em iluminação, tal ação possibilitou que o comércio no local, especialmente, no inverno, quando os dias são mais curtos (escurece mais cedo), passasse a ficar aberto por mais tempo, adentrando ao período da noite. Tal atitude fica explícita na argumentação da extensionista da Emater.

Um motiva o outro para melhorar, sabe porque, quando eles colocavam o artesanato no sentido vertical a rua (perpendicular à faixa) e um deles resolveu colocar paralelo a faixa, todos mudaram a posição do seu artesanato. Então o que acontece eles tinham um padrão e eles trocaram esse padrão, um resolveu colocar telha em cima da corda onde ficam os produtos e outros aderiram, eu não lembro de tudo, mas por exemplo, as

lâmpadas a noite, você chega ali tem lâmpadas, destaca chama a atenção de quem passa, tem comércio aqui, uns vão fazendo e os outros também seguem aquele, uns pintam a casa, outro vai pintar também (Entrevistada Extensionista da Emater - Caçapava do Sul).

Essas estratégias são positivas no sentido de melhor atender o cliente, chamar sua atenção para o comércio local e na própria organização dos (as) artesãos (ãs), separando minimamente, o espaço da vida familiar, do espaço de produção e do comércio. Sobre tais questões, Tedesco (2013) chama a atenção para o fato de que o comércio na beira da estrada também inova, se moderniza, harmoniza e embeleza seu espaço. A utilização dessas estratégias valoriza os pontos comerciais e chama a atenção dos consumidores, ao tornar o lugar mais agradável os (as) artesãos (ãs) utilizam-se, simbolicamente, da atração visual do cliente.

As inovações na comunidade podem ter mais uma questão motivadora, o fato de investir no embelezamento dos pontos de comércio e trazer novidades para os consumidores, além de buscar a valorização dos mesmos, também são subterfúgios que os (as) artífices utilizam para, na verdade, diferenciar-se do outro, o tendeiro vizinho. As diferenciações ocorrem de forma sutil, seja na pintura da tenda, na forma de organização dos espaços e nos pequenos detalhes ao deixar os produtos à mostra, separando peças diferentes e juntando peças iguais, por exemplo. Enfim, cada tenda busca em pequenos detalhes para diferenciar-se, tornando o espaço mais atrativo para o consumidor.

Para Canclini (2010, p. 61), “é inegável que as ofertas de bens e a indução publicitária de sua compra não são atos arbitrários”. As mudanças no aspecto estético dos pontos de comércio do artesanato na Vila Progresso não ocorrem de forma desinteressada, ou seja, todas as estratégias adotadas possuem uma intenção indutora do (a) artesão (ã) sobre o consumidor. Por sua vez, o consumidor aceita e contribui para que as tendas sejam aprimoradas, pois a evolução das mesmas tem por objetivo conquistar o consumidor, o qual aprecia mudanças estéticas, a diversidade e a qualidade dos produtos.

Em relação as viagens para vender os artigos artesanais em lã, as mesmas começaram pelas cidades da região do pampa gaúcho, depois passaram a ser visitadas várias regiões do Rio Grande do Sul e cidades dos

estados de Santa Catarina e Paraná. Os artesãos, geralmente os homens, que anteriormente viajavam de ônibus para comercializar as peças em lã, logo adquiriram automóveis e passaram a utilizar os veículos para visitar lojas de produtos gauchescos e agropecuárias, divulgando os produtos em lã. Depois de se tornarem conhecidos, os artesãos passaram a aceitar pedidos destes clientes e enviar os produtos pelo correio, mediante depósito em conta.

Começamos a vender para as lojas, eu pegava o carro e saía para fazer pedidos nas lojas, já tinha conseguido comprar um fusca. No fusca nos íamos até Passo Fundo vender, tirava uma semana vendendo pala. Depois compramos outro carro melhor e comecei a sair fazer pedido em Santa Catarina e Paraná. Agente fazia pilhas de caixa com pala e depois enviava pelo correio (Entrevistado N.10 – Artesão).

Interessante destacar que o relato do artesão entrevistado se refere ao período que Oliven (2006) destaca como a época da expansão da tradição gaúcha pelo Brasil, com a expansão do movimento tradicionalista e seus adeptos. Ou seja, a movimentação gerada em torno da cultura gaúcha, reinterpretada pelo gauchismo, através da comercialização dos seus produtos, dentro do Rio Grande do Sul e para outros estados do país. A questão está alicerçada também no processo de emigração dos gaúchos no século XX para várias regiões do país, fato que contribuiu para a ampliação de vários “eventos” ligados ao tradicionalismo gaúcho, gerando a ampliação do consumo nesse mercado de produtos simbólicos gauchescos.

Outra estratégia criada pelos (as) artesãos (ãs) que contribuiu para a divulgação das confecções artesanais em lã, foi a criação e a distribuição de cartões contendo todos os dados necessários do artesanato, possibilitando aos interessados nas peças em lã entrar em contato com os (as) artífices para realizar encomendas. Os cartões começaram a ser distribuídos aos clientes que compravam nas tendas e depois passaram a ser utilizados nas viagens, para noticiar os produtos nas diferentes lojas visitadas. Além dessa forma de divulgação, é importante salientar que as etiquetas dos produtos artesanais em lã, também possuem o contato do (as) artesão (ã) que confeccionou a peça.

Houve um crescimento de pontos comerciais que passaram a fazer uso comercial de elementos da tradição gaúcha, a fim de atrair o público consumidor

que se identifica com tais símbolos (OLIVEN, 2006). Um exemplo são as lojas especializadas em produtos gauchescos, presentes em diversos estados do Brasil. As viagens dos artesãos para comercialização e divulgação dos produtos artesanais da Vila Progresso, certamente contribuíram para o processo de expansão desse mercado destacado por Oliven (2006).

A participação dos (as) artífices em feiras comerciais, configura-se em uma importante estratégia para a comercialização e divulgação dos artigos artesanais, em anos recentes alguns artesãos destacaram a participação de, até nove (9) feiras comerciais por ano. A participação nas feiras, dependendo da condição climática no período de outono-inverno, geralmente quando essas estações são bastante rigorosas, as feiras tornam-se muito atrativas para os (as) artesãos (ãs) e para os consumidores. Dentre as principais feiras comerciais, são citadas a participação assídua dos (as) artífices da comunidade na Expodireto em Não-Me-Toque, na Expoagro Afubra em Rio Pardo e na Expointer em Esteio.

Essas feiras são consideradas as maiores do estado, em termos de movimentação do público, e são espaços onde os (as) artesãos (ãs) possuem o aporte organizacional da FETAG. De acordo com a representante do STR de Caçapava do Sul, a entidade auxilia o segmento artesanal através do cadastramento para reservar estandes gratuitos. A federação organiza os estandes para os artífices exporem seus produtos, junto ao espaço reservado à Agricultura Familiar, e disponibiliza gratuitamente hospedagem, transporte para deslocamento na cidade da feira e uma refeição por dia durante os dias do evento.

Os (as) artífices custeiam a viagem até a cidade do evento e o transporte dos produtos que levarão para comercializar nas feiras. Na opinião dos (as) artesãos (ãs), o incentivo na participação das feiras é relevante, porque proporciona um bom espaço de comercialização e divulgação do artesanato com baixo custo, onde os produtos da comunidade tornam-se conhecidos por vários tipos de consumidores de várias regiões do país e, inclusive, visitantes de fora do Brasil.

Para um dos artesãos entrevistados *“as feiras são muito importantes, nesse ponto o Governo apoia conseguindo os espaços para a gente, porque hoje em dia esse tipo de coisa é muito caro”* (Artesão A-3). Na opinião de outra artesã

entrevistada “*se não consegue um estande pela FETAG tem que paga onde dormir, tem que paga a comida para comer, então se não vende não dá lucro, dá é despesa*” (Artesã I-9). Na figura - 16 visualiza-se a participação de um dos artesãos da Vila Progresso na Expointer de 2015.

Figura 16 – Estande dos produtos artesanais em lã do artesão da Vila Progresso na Expointer



Fonte: Pesquisa de Campo, Expointer2015.

Ao deslocar-se até os mercados urbanos e participarem das feiras em outras regiões, longe da sua de origem, os artesãos passam a enfrentar a insegurança nas relações comerciais estabelecidas (CANCLINI, 1983). Pois, precisam “atuar” em um mercado diferente daquele que conhecem e sabem como relacionar-se. Além da questão dos custos de deslocamento e estadia, também é necessário comercializar os produtos, questões que preocupam o artesão, pois é necessário conseguir um resultado econômico satisfatório para compensar os gastos com seu deslocamento e trabalho.

Interpretando o ambiente das feiras para os (as) artífices, sob a luz teórica de Canclini (1983), percebe-se que ao mesmo tempo em que as feiras são oportunidades importantes de comercialização e divulgação dos produtos confeccionados pelos (as) artesãos (ãs), sob o ponto de vista econômico. O deslocamento dos mesmos para o ambiente da feira, envolve uma série de questões que não são comuns à sua vida cotidiana, seja em termos de relações sociais e comerciais que eles precisam estabelecer ou de organização dentro de um amplo ambiente comercial, diferente daquele de seu conhecimento habitual.

Pode-se dizer que sem o arranjo de uma estrutura, como é o caso das feiras em que a FETAG atua, a estratégia comercial das feiras fica onerosa e distante da realidade do (a) artesão (ã), caso o mesmo tenha que organizar-se, deslocar-se e construir suas relações em um espaço comercial de um contexto urbano tão amplo, diverso e distante da realidade presente em sua vida cotidiana. Nessas condições a participação em feiras ficará praticamente inviável ao artífice.

3.4 LIMITANTES EXTERNOS E INTERNOS: COMPETIÇÃO PELA COMERCIALIZAÇÃO

A comercialização dos produtos artesanais na Vila Progresso possui um contexto que impõe algumas dificuldades para a expansão desse mercado, os fatores limitantes são externos e internos à comunidade e à decisão dos artesãos. Os fatores externos, em sua maioria, são expressos nos relatos dos artífices, os limites internos dizem respeito as relações de competição entre as tendas, pela comercialização dos artigos artesanais.

Dentre os limitantes externos destaca-se a incerteza do mercado em relação a comercialização em decorrência das peças em lã, em decorrência das variações climáticas dos últimos anos, a instabilidade no preço da matéria-prima, a falta de políticas públicas específicas que organize estratégias de mercado próxima ao artesão e uma assistência técnica que consiga entender e trabalhar com as necessidades desses (as) artesão (ãs).

As peças em lã são utilizadas, especialmente quando faz frio intenso, uma das entrevistadas da comunidade destaca que “*tudo depende do frio, tem que cair neve de novo em Caçapava*” (Artesã S-1). A questão da instabilidade climática é um fator que foge ao controle dos artesãos e das organizações que estão próximas a eles, faz parte de uma ordem maior que envolve ações globais e que precisam de uma atenção ampla de várias esferas de poder em nível de municípios, estados, países e, enfim de um entendimento global sobre as questões ambientais como um todo.

Em relação ao preço da lã, os (as) artesãos (ãs) relatam o alto valor pago pelo produto, esse valor é instável em alguns momentos pelo fato do preço da lã

ser cotado em dólar. O preço da matéria-prima também varia de acordo com a raça do animal, por exemplo, a raça de ovelha *corriedale* gera uma lã mais grossa e com menor custo, já as ovelhas da raça *merino* possuem uma lã mais fina e mais valorizada no mercado (PERLOIRO, 2014). As características da lã são importantes de serem destacadas e analisadas pelos (as) artesãos (as), determinam a qualidade do produto final.

Quanto às políticas públicas, existem poucas alternativas em linhas de créditos que possam ser acessadas pelos (as) artífices, foi citada apenas o acesso à linha do Pronaf Agroindústria, embora não seja específica para o artesanato, é a linha de crédito que os artesãos conseguem acessar para custear e investir na produção artesanal. O Pronaf Agroindústria tem sido acessado por, pelos menos oito (8) artesãos (ãs) do local, o crédito é utilizado para comprar lã e cobrir os demais gastos com a atividade artesanal.

Um dos artesões entrevistados considera essa alternativa uma boa opção em função da baixa taxa de juro nessa linha de crédito, para conseguir o financiamento é preciso enquadrar-se nos critérios da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), ou seja, é preciso enquadrar-se nas regras estabelecidas para o agricultor familiar. Não é necessário possuir bloco de produtor rural, e sim a carteira de artesão (ã), a qual é fornecida pela FGTAS do município em que o artesão está inscrito.

Paga o financiamento dentro de um ano, esse ano está difícil para pagar porque não fez inverno. Era 5 mil e depois mudou para 10 mil, mas não são todos que retiram 10 mil, pode tirar menos, a taxa de juro é de 2% ao ano. Juro bem baixo, perto da taxa do banco, não é pelo bloco é pela carteira de artesão, só tem que fazer a DAP (Entrevistado R.5- Artesão).

Outra ação que auxilia os (as) artesãos (ãs) é a organização dos espaços em algumas feiras realizadas no estado, como ficou destacado na seção anterior. Em nível estadual e municipal não existe uma política de financiamento ao artesanato, de acordo com o representante da FETAG/RS a entidade está buscando junto ao Governo do Estado e a Emater/ASCAR, a criação de uma política específica para o artesanato rural no Rio Grande do Sul. Segundo o representante, esta política terá por objetivo fomentar a comercialização dos

produtos artesanais, com a diversificação de espaços para o comércio artesanal e uma melhor condição de assistência técnica, para os (as) artesãos (ãs) que estão inseridos em comunidades rurais.

Na esfera municipal ocorrem discordâncias entre os artesãos (ãs) e o Poder Público do município, para a comunidade da Vila Progresso a Prefeitura cobra muito e contribui pouco. A insatisfação de alguns artífices está relacionada aos investimentos que lhes foi solicitado no ano de 2014, para manter suas tendas abertas, precisaram pagar um engenheiro civil para fazer a medição das casas, dos galpões, se estes fossem anexos as casas, e das tendas e lojas. Foi-lhes solicitado pelo corpo de bombeiros a instalação de extintores de incêndio nos estabelecimentos comerciais, lâmpadas de emergência e placas indicando a saída do local.

As cobranças foram realizadas em função da regularização dos imóveis e do plano de prevenção a incêndio, colocado em prática pelo corpo de bombeiros e pelo município de Caçapava do Sul. Vários (as) artesãos (ãs) revoltaram-se com as exigências realizadas, pelo fato da estipulação de um curto prazo para a realização de tais adequações e pelo custo oneroso que estas regularizações geraram para cada um.

Começou assim, aonde trabalhava não poderia ter só uma porta, tinha que ter duas portas, tinha que ter ventilação, tinha que fazer a planta das casas. Antes das plantas teve o negócio dos extintores, porque tinha a roca na luz e as máquinas na luz, foi exigência da prefeitura e dos bombeiros, os bombeiros vieram e realizaram o curso para o pessoal com os extintores no salão da comunidade, pelo menos um da família precisava participar (Entrevistada S.1- Artesã).

A revolta dos (as) artesãos (ãs) foi maior porque há pouco tempo haviam enfrentando uma situação problema com o Departamento Nacional de Infraestrutura e Transportes (DNIT), noticiado pelos meios de comunicação local e regional, onde o órgão solicitou que a exposição dos produtos artesanais fosse recuada da BR- 290, em pelo menos 20 metros. Essa situação gerou descontentamento na comunidade, mas a exigência do DNIT foi “acatada” pelos (as) artesãos (ãs), para evitar que o caso tomasse maiores proporções e fosse para a justiça.

A questão do DNIT foi que um vizinho denunciou o outro, um querendo mais que o outro, colocava os produtos onde não poderia um denunciava, o outro também coloca e mais outra denúncia. Todos foram prejudicados (Entrevistado R.5-Artesão).

Os secretários de Turismo e de Agricultura e Pecuária de Caçapava do Sul foram questionados sobre a assistência à comunidade da Vila Progresso. O Secretário de Turismo relatou que existe um projeto no município para a criação de uma feira permanente de exposição dos produtos artesanais, não somente de produtos em lã, mas diferentes tipos de artesanato. A feira seria uma iniciativa conjunta entre Secretaria de Turismo, a qual atuaria na organização, e a FGTAS, que traria recursos do PGA para criar o espaço físico da feira. Segundo o Secretário do Turismo, *“a questão é que para criar uma feira os artesãos precisam formar uma associação no município, mas eles não conseguiram se organizar, ninguém quer assumir a diretoria da associação”*

O Secretário da Agricultura e Pecuária do município destaca que a secretaria fez várias tentativas de reuniões, buscando dialogar sobre a temática da organização conjunta da comunidade, *“nós já propusemos reuniões, nós fazer reuniões periódicas para ver quais são as demandas deles, mas eles não nos dão essas demandas”*. De acordo com o secretário, foi construído um prédio na comunidade, para que os (as) artífices expusessem seus produtos em conjunto, mas nesse sentido o prédio nunca foi usado. Essa iniciativa tinha o objetivo que eles formassem uma associação, uma cooperativa ou um trabalho em grupo, mas não foi obtido sucesso.

Alguns artesãos pediram para usar o espaço para expor os produtos de forma particular, com esse intuito a secretaria não cedeu o mesmo, atualmente, a secretaria e a prefeitura pensam em se desfazer do prédio que não está sendo utilizado pela comunidade. Para Tedesco (2013), nas tendas as artífices criam um conjunto de processos que obedece a dinâmica de suas próprias vidas, na comunidade estudada essas questões são norteadas em função das disputas do mercado dos produtos artesanais e do comércio realizado de forma individual, através das dinâmicas adotados por cada família de artesão influenciada pelas estratégias do tendeiro vizinho.

Em relação as ações políticas, ocorre uma dificuldade de interação e de compreensão de ambos os lados, da esfera pública e dos (as) artesãos (ãs), quem sai perdendo é o saber artesanal que poderia ser mais valorizado, seja em relação ao ambiente de produção, quanto ao de comercialização. Canclini (1983) contribui para tal reflexão, ao destacar que as políticas relacionadas ao artesanato não devem somente estar voltadas à melhoria da qualidade dos produtos.

Para o autor, é preciso analisar as relações com uma visão global, onde as questões econômicas, sociais e culturais sejam consideradas, quando as políticas públicas implementadas para o desenvolvimento do segmento artesanal não consideram este contexto, acaba-se produzindo apenas a modernização técnica, onde pensa-se somente a relação com o mercado, desconsiderado a capacidade do artesão refletir e do seu histórico e cultural saber-fazer.

Os fatores externos expostos refletem as questões que mais limitam o crescimento do artesanato nessa comunidade, mas por vezes estes são frutos das atitudes dos próprios (as) artesãos (ãs), em consequências da forma de organização do próprio comércio. Afloram relações pessoais e de mercado da forma de organização do próprio comércio, norteadas pelas disputas em função da comercialização dos produtos nas tendas e lojas. Esse fator acaba influenciando as estratégias de organização mercadológica na comunidade, ora de forma negativa e ora de forma positiva, na busca de soluções para resolver os limitantes externos desse mercado. Um dos entrevistados destaca: *“a concorrência aqui é uma guerra, se você não consegue competir não adianta, em tudo que é setor você vai ter que competir”* (Artesão A-3).

O entrevistado observa as estratégias adotadas por determinados artesãos (ãs) para comercializar os artigos nas tendas e lojas, alguns acabam baixando o preço dos produtos mais de uma vez, para conseguir negociar com o consumidor, a disputa pelo cliente é uma estratégia adotada pelos (as) artesãos (ãs) que, por ora, pode ser desleal até mesmo com o seu próprio trabalho. Um questionamento que cabe sobre essa atitude é o fato de que, será que no momento da definição de valores das peças o (a) artesão (ã) preocupa-se em quanto precisa ganhar naquele produto, para conseguir pagar pelo próprio trabalho?

A rivalidade sempre existiu, poderiam dizer que não ou parecer que não, mas sempre teve. Eu sei porque aqui são todos parentes e eles concorrem pela venda, uma vez, nos trabalhávamos com o pai e tinha um monte de palinhas velhos e fazia anos que estavam ali e não vendia, até mal feito, porque era no começo que nós fazíamos aquele estilo, eu e o R..... demos a ideia para o pai fazer uma caixa e coloca liquidação, fazer um preço único e não interessava o tamanho. Mas barbaridade, o tio J... ficou de mal com nós, a N... também passou aqui e falou umas coisas, então ficaram a maioria com a cara torcida com nós, porque nós tínhamos colocado aquela caixa ali, depois passou e até eles mesmos colocaram umas placas com liquidação, mas eles são bem contra você fazer qualquer coisa que chame atenção para o teu negócio, para a tua tenda, eles não aprovam (Entrevistada S.1- Artesã).

A narrativa da artesã apresenta dois pontos para a análise, primeiro as estratégias de comercialização, que quando são inovadas geram no outro, tendeiro vizinho, reações de desaprovação e até pequenos conflitos em função do comércio. Mas estas inovações, em um primeiro momento criticadas, em um segundo momento são adotadas pelo (a) artesão (ã) vizinho. Assim, as dinâmicas e o crescimento da atividade comercial desenvolvem-se na comunidade a partir de pequenos conflitos, reflexões sobre as dinâmicas adotadas e adequações as novas ideias e/ou estratégias. Nesse sentido os conflitos também possuem uma ação positiva, porque geram mudanças seja no comércio ou na produção artesanal.

Foi acompanhada uma das festividades mais movimentadas da Vila Progresso, a festa de São João Batista, padroeiro da Igreja da Comunidade, que ocorre juntamente com a festa junina, envolvendo alunos da escola municipal do local, familiares e várias pessoas da comunidade. Nesse momento de festa, muitas pessoas de fora da Vila Progresso, de outras comunidades visitam o local para prestigiar a festa junina, visitar parentes e amigos, assistir à missa, ao batizado das crianças, enfim, aproveitar o momento cultural para divertir-se. No entanto, observou-se que somente participam de todas as atividades os (as) artífices que possuem filhos em idade escolar, onde os mesmos participam da quadrilha e de outras brincadeiras.

Os demais artesãos (ãs) dividiam-se entre as atividades da festa e a comercialização dos produtos, para que as tendas não fossem fechadas em um dia de ampla movimentação. Vários artífices aproveitam os dias de festas,

geralmente um domingo, onde ocorre uma ampla movimentação de pessoas no local para expor seus produtos e comercializar os mesmos. Enfim, existem diferentes racionalidades e formas de interação encontradas na comunidade, comprovando a ideia de Bourdieu (2002), onde o autor destaca que as relações econômicas e sociais são indissociáveis nesse tipo de construção.

São presentes na comunidade relações sociais, comerciais e familiares, existem diferentes formas de interpretar tais relações. Na comunidade os conflitos estão, quase que exclusivamente, relacionados ao comércio, enquanto as práticas de solidariedade e a ação conjunta passa a ser presente quando há interesses da comunidade junto a associação de moradores, perante a prefeitura, ao Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) e a outras instituições. Além disso, as relações de solidariedade e reciprocidade fazem-se presentes em ações sociais, realizadas no local em prol de alguém que enfrenta dificuldade (doença, por exemplo).

Quanto ao comércio, a comunidade destaca alguns fatos enfrentados no passado e superados na atualidade, destaca-se os percalços enfrentados em relação às formas de pagamentos das compras dos consumidores, aceitas no período inicial da comercialização nas tendas. Antes da chegada das máquinas de cartão, os (as) artífices aceitavam, como forma de pagamento das compras dos clientes nas tendas, dinheiro e cheque.

O fato de receber o pagamento das compras através da emissão de cheque gerou prejuízos aos artesãos (ãs), porque sem saber a procedência do mesmo, receberam muitos cheques sem fundo e roubados. Mas mesmo conscientes dos prejuízos, eles relatam que precisavam aceitar este tipo de pagamento dos produtos, pois era a principal forma de pagamento das compras realizadas pelos clientes. Enfim, era necessário correr o risco para conseguir comercializar os produtos.

Na atualidade as tendas e lojas possuem a máquina de passar cartão, o fato dos (as) artesãos (ãs) adquirirem as máquinas e passarem a aceitar o pagamento dos produtos através do cartão de crédito, como pode ser observado na figura – 17, foi uma mudança significativa para a comercialização artesanal no local. Atualmente esta é a principal alternativa para o consumidor pagar suas compras, substituindo o recebimento de cheques como forma de pagamento dos produtos comprados.

Figura 17– Tendas aceitam pagamento com cartões de crédito



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

Graças a Deus tudo foi melhorando, naquele tempo nós tínhamos que receber cheque, porque não tínhamos condições de ter uma maquinazinha para passar o cartão, recebia cheque e tu perdia um horror em cheque, mas nós tínhamos que receber o cheque se não recebesse cheque não vendia. Hoje não, hoje graças a Deus tem o cartão, vende e passa o cartão para 30 dias e tu vai receber, sabe que vai receber e o cheque não, emitiam um cheque a vista, íamos descontar e não tinha fundo, quantas vezes pegamos cheque até roubado, eu tenho pilhas de cheque ali guardado que era arroubado. As pessoas roubavam o talão, passavam aqui e davam o cheque e como é que nós íamos saber que era roubado, então nós perdemos muito com os cheques, perdemos horrores, depois graças a Deus conseguimos colocar a máquina de passar cartão, aí melhorou. Agora se um cliente chega e quer dar um cheque eu digo cheque não, é dinheiro ou na máquina, no cartão é bem melhor (Entrevistada J.8- Artesã).

Sobre a emissão de cheque, a extensionista da Emater ressalta que apontou uma solução possível de ser adotada na comunidade, desde que eles aceitassem unirem-se para solucionar o problema em conjunto, instalando um terminal de consulta no local. Através desse procedimento seria possível identificar os dados cadastrais da pessoa a quem pertencia a folha emitida, a sugestão não foi aceita pelos (as) artífices, pelo fato das relações comerciais não estarem organizadas em grupo e nem serem dialogadas pelos (as) artesãos (ãs). Ou seja, a busca por soluções parte de cada um, não importa se dessa forma o problema demandará mais tempo para ser resolvido, ocasionando maiores prejuízos para todos. Tal fato reflete a dificuldade do diálogo coletivo em relação a atividade comercial, caso fosse revertido poderia fortalecer as relações comerciais e diminuir os riscos que este mercado apresenta.

Eu falo assim, vocês são muito desunidos para fazer as coisas, vocês passam trabalho, os mesmos trabalhos, com cheque sem fundo. Eles poderiam ter um terminal de consulta, antigamente quando não existia o cartão de crédito tinha aqueles terminais de consulta do SPC, nos anos 90 e alguma coisa, eu dizia porque que vocês não se unem e colocam aqui na Vila, vai beneficiar todo mundo, porque o número de cheques sem fundo era grande. Então são essas coisas que todos eles ficavam ariscando receber os cheques, ficavam empepinados com os cheques sem fundo, mas eles não se uniam para tentar a solução. Quando surgiu as máquinas de cartão de crédito aí sim, um aderiu, o outro foi aderindo, mas em conjunto não (Entrevista Extensionista da Emater-Caçapava do Sul).

As questões observadas pela extensionista da Emater trazem pontos importantes para a discussão, a comunidade iniciou com a atividade artesanal de produção, onde as práticas de solidariedade, de reciprocidade e do aprendizado coletivo eram presentes na lavagem da lã, na aprendizagem da costura, do crochê e do tecer o tecido no tear. As estratégias comerciais eram expressas, em sua maioria, fora do local, através de encomendas e de viagens realizadas para outras localidades. Mas no momento em que as tendas foram abertas ao público na comunidade, muito próximas geograficamente umas das outras, a disputa em torno do comércio tomou força. O mercado se fez presente e as forças ferozes passaram a imperar na comunidade, interferindo nas relações sociais.

O artesanato tradicional em lã, como outras formas de produção artesanal, é alimentado pelo rendimento econômico, através da comercialização dos produtos e da manifestação cultural e histórica de um lugar, isto é, do “universo imaginário dos valores e tradições”, pelo meio da atividade mercantil (FILHO, 2009). O artesanato tradicional expresso no objeto que produz a sua história, com marcas da cultura e da identidade de um local (LIMA, 2005). Por isso, “quem compra artesanato está comprando também um pouco de história” (NETO 2002, p. 10).

Para os (as) artífices da comunidade a proposta de resolver os problemas em forma conjunta não é uma boa alternativa, pois significa oportunizar uma melhor relação comercial não só na sua tenda, mas na do vizinho também, gerando uma maior concorrência. A disputa pelos clientes neste cenário de mercado ocorre sem regras estabelecidas e sem nenhuma forma associativa ou

cooperativa, onde cada artesão (ã) cria suas próprias regras e normas para comercializar seus artigos.

Um exemplo são as configurações em que os artesãos estipulam os preços dos produtos, cada um utiliza a forma que acha mais conveniente, onde uns supervalorizam as peças que confeccionam e outros desvalorizam as mesmas. Dessa forma, os preços dos produtos variam muito de uma tenda para a outra e, por vezes, a “pechincha” do consumidor influi, decisivamente, sobre esse processo.

Sob esse aspecto seria importante que os (as) artífices conseguissem dialogar na forma coletiva, estabelecendo algumas regras nessas relações de mercado, como a forma de estabelecer o preço dos produtos. Mas, sabe-se que essa não é uma tarefa fácil, até pelo fato de alguns serem considerados mais fortes e outros mais fracos, como aponta Tedesco (2013) ao analisar a conjuntura de alguns tendeiros. Os mais fortes oferecem mais produtos e, geralmente, são os primeiros a inovar, porque tem mais condições de arriscar, aos mais fracos resta construir estratégias para competir, sendo o baixo preço uma delas.

O fato de não ocorrer a cooperação e uma organização associativa na comunidade, prejudica os próprios artesãos (ãs) seja nos aspectos relacionados à produção ou à comercialização. Canclini (1983) lembra que trabalhar na forma de cooperativa é fundamental para o artesão, pois, empodera os mesmos em relação as formas de comercialização, distribuição dos produtos e barganha na compra de material, dentre outras questões. Além disso, é vital que eles se fortaleçam e se apropriem do sentido simbólico que possui o seu produto, como um produto que conta uma história e que possui um saber cultural subjetivo por trás do que é visível materialmente.

Os artífices precisam ter ciência de que a reprodução material dos seus saberes tem valor econômico e cultural, que faz parte de um mercado do qual ele não pode mais participar de forma passiva. Eles podem decidir quais inovações querem implementar em seus produtos, para que o conhecimento e o saber-fazer tradicional e cultural seja melhor compreendido pelo consumidor e produto artesanal mais valorizado em um sentido ampliado, não somente em termos de valor econômico.

Esta seção buscou abordar os fatores internos e externos que dificultam o contexto do artesanato na Vila Progresso, ocasionando direta ou indiretamente influências positivas e negativas sobre o processo artesanal e, principalmente, sob o aspecto da comercialização dos artigos artesanais nesse mercado de produtos simbólicos gauchescos. Pode-se considerar que os principais impeditivos para as dificuldades enfrentadas estão na interpretação dos (as) próprios artesãos (ãs) sobre as relações de mercado que devem estabelecer no contexto de concorrência que se visualiza nessa comunidade.

4 APROPRIAÇÃO DA TRADIÇÃO PELO MERCADO SIMBÓLICO DOS PRODUTOS GAUCHESCOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar e discutir as questões relacionadas à apropriação da tradição pelo mercado simbólico, tomando por base o contexto dos produtos gauchescos. Primeiramente, busca-se a compreensão da diversidade dos artigos simbólicos do gaúcho nos pontos comerciais da Vila Progresso, entendendo o porquê que alguns evoluíram, no sentido de diversificar os artigos a serem comercializados no local, a tal ponto que deixaram de ser classificados como tendas e passaram a ser reconhecidos como lojas na comunidade. O cenário parece ser uma tendência na comunidade.

Em um segundo momento, analisa-se a perspectiva do crescimento do mercado dos produtos simbólicos do gaúcho olhando para o consumidor, quais são as características desses sujeitos e quais as necessidades de se aproximar dessa tradição “reelaborada”, o que representa o consumo dos elementos simbólicos para o gaúcho atual. Essas são algumas indagações que a segunda seção desse capítulo procura responder e, principalmente, compreender o impacto do consumo sobre quem produz e comercializa os artigos simbólicos da tradição, visto que os artesões (ãs) são diretamente impactados pela expansão do consumo de tais objetos.

Em um terceiro momento, aborda-se o olhar do artesão sobre a evolução comercial dos artigos gauchescos e simbólicos da tradição. A partir de uma análise deles, a seção busca avaliar se os (as) artesãos (ãs) conseguem perceber a influência da expansão desse mercado simbólico sobre os seus saberes tradicionais, ou seja, onde está a valorização das práticas e dos conhecimentos artesanais que tem se reproduzido ao longo das gerações, frente a essa ampliação dinâmica, constantemente mutável, do consumo dos elementos gauchescos.

Por fim, busca-se analisar as percepções dos (as) artesãos (ãs) da comunidade em relação as consequências da ampliação desse mercado, das relações comerciais estabelecidas, para suas vidas e quais são suas perspectivas futuras em relação ao artesanato em lã e a comercialização dos produtos nas tendas e lojas.

4.1 DIVERSIDADE DOS PRODUTOS SIMBÓLICOS DO GAÚCHO: DA TENDA À LOJA

O mercado de produtos artesanais já não é mais específico do artesanato, mais misturam-se outros artigos, de várias ordens, que não são confeccionados pelos (as) artesãos (ãs) (CANCLINI, 1983). Esse fato é resultante da interação direta entre os (as) artífices, pelo fato deles também serem comerciantes com os consumidores, gerando mudanças no cenário desse mercado, onde elementos tradicionais e modernos passam a fazer parte de um mesmo espaço e disputar o consumo do público.

A constatação de Canclini (1983) pode ser observada nos pontos comerciais da Vila Progresso, novos produtos foram incorporados com o tempo, tendo em vista a satisfação dos consumidores que nutrem um apreço pelas tradições gaúchas. Para satisfazer o consumidor, os artesãos – comerciantes passaram a comercializar peças em couro, artigos em madeira, roupas gauchescas, dentre outras.

Abriu-se um espaço para que produtos confeccionados fora da comunidade sejam comercializados no local, ou seja, o mercado abarcou produtos confeccionados fora da comunidade, comprados ou trocados com outros (as) artesãos (ãs), lojas ou revendedores que circulam pela BR – 290. Esse é mais um fato que comprova a busca por estratégias de diversificar os produtos para atrair o olhar do consumidor, aproveitando o cenário próprio para a expansão comercial dos artigos simbólicos da tradição gaúcha em todo o Rio Grande do Sul.

A presente seção busca analisar a diversificação dos produtos artesanais comercializados na comunidade e as estratégias adotadas pelos (as) artesãos (ãs) para adquirirem tais produtos, colocando os mesmos à disposição dos consumidores. Além disso, destaca-se o destino das peças em lã na atualidade, a diferenciação entre tendas e lojas e o papel dos consumidores para que tais diferenças se acentuem.

A incorporação dos diferentes produtos nos pontos comerciais na comunidade foi motivada por três questões fundamentais: a diminuição na comercialização das peças tradicionais em lã, nos últimos anos, em função do clima ameno nos meses de outono-inverno; a tentativa de diferenciar-se do

tendeiro vizinho, buscando a oferta de produtos diferenciados aos clientes, e o pedido dos consumidores, muitos dos quais sugeriam que fossem colocados mais artigos gauchescos no local para comercialização. Provavelmente, este último seja o principal fator da ampla diversificação na oferta de artigos simbólicos do gaúcho nas tendas e lojas estabelecidas na comunidade.

As três questões relatadas, estão intrinsecamente relacionadas, são pontos fundamentais para as mudanças que ocorreram no cenário comercial da comunidade nos últimos anos, as quais incidiram sobre a vida, o cotidiano e as relações sociais dos (as) artesãos (ãs).

O que pensam os (as) artífices sobre tais questões? Um dos artesãos entrevistados destaca que os produtos diferentes, aqueles que não são confeccionados em lã, comprados e/ou trocados, estão relacionados à concorrência estabelecida entre os comerciantes do local, com o aumento do número de tendas e a diminuição do frio nos últimos anos. Para o artesão, o fato é que *“começou a diminuir as vendas dos palas, começaram a colocar outras coisas, às vezes o cliente vai numa tenda, vai em outra e quem baixa um pouquinho mais o preço consegue vender, porque as tendas são muito próximas”* (Artesão R-5).

De acordo com a narrativa do artesão, naqueles anos em que o inverno não faz tão rigoroso, com vários dias consecutivos de frio, é normal que a comercialização oscile. Aliado a questão da comercialização das peças em lã, que sofre flutuações, a diversificação dos produtos para serem comercializados nas tendas já vinha acontecendo, em decorrência da demanda dos consumidores. O fato de um (a) artífice buscar um produto novo para a tenda ou loja, torna-se um incentivo para o outro trazer o mesmo produto, são as leis da concorrência entre eles e do próprio contexto mercadológico.

Sobre essa questão pode-se destacar que as peças em lã são comercializadas em determinados períodos do ano, já as peças em madeira e couro podem ser comercializadas em todos os meses do ano, tal fato proporciona a manutenção de um rendimento econômico equilibrado nas tendas, durante todos os meses.

O cenário de proximidade e da competição pela venda dos objetos, destacado pelo entrevistado, estabelece uma relação de concorrência nos pontos comerciais da comunidade. Em função das disputas comerciais a troca

das confecções em lã criadas pelos (as) artífices, por outras peças, principalmente em couro e madeira, foi uma estratégia encontrada para conseguir manter artigos diferenciados disponíveis nas tendas sem, necessariamente, pagar o valor em dinheiro no momento da transação. A troca de produtos foi uma estratégia encontrada no local para facilitar o negócio e diversificar os objetos ofertados ao consumidor.

A procura dos consumidores por produtos rústicos em madeira foi o principal motivo para um artesão da comunidade passasse a confeccionar os mesmos, criando cadeiras, mesas, bancos, porta-espelhos, gamelas, retratos, dentre outros. Para criar as peças em madeira, o artífice montou uma pequena marcenaria nos fundos da sua residência, onde trabalha com o filho, enquanto a esposa, a nora e uma das filhas ficam responsáveis pelo artesanato em lã. Os produtos em madeira são vendidos na tenda do artesão e para (os) artesãos (ãs) vizinhos (as).

O artesão é um sujeito que associa mão (fazer) e cabeça (saber), faz uso da sensibilidade, não somente na prática, mas também na percepção dos produtos que deve criar, e de várias habilidades associadas aos sentimentos, como a reflexão, energia, paciência, imaginação e capacidade técnica (SENNETR, 2009). Estas são questões essenciais ao artífice, porque o mesmo precisa internalizar o que está fazendo, pensar em todo o processo e o que pretende transmitir através do produto que está confeccionando.

Esse cenário reproduz as observações de Martins (1973), ao destacar que o artesão aprende a fazer, fazendo, a aprendizagem é prática e doméstica, a escola é o próprio lar, onde se confecciona objetos úteis para o cotidiano. O artífice sabe fazer, o filho virá a saber, os vizinhos e seus filhos também virão a fazer, o aprendizado ocorre com a observação, vivência e imitação. São as relações que disseminam esse saber, pois o artesanato é prático e informal, onde muitos começam a fazer de forma até involuntária e logo se percebem artesãos. A descrição do autor expressa o contexto da produção em madeira na Vila Progresso, seguindo os mesmos passos do artesanato em lã observa-se que estão surgindo outros tipos de técnicas, oportunizando uma abertura do mercado dos produtos artesanais no local.

Sobre essa diversidade de técnicas e aprendizagem artesanal, dois artífices que já não são mais tendeiros passaram a diversificar seus pontos

comerciais com vários produtos, considerando seus empreendimentos como lojas. Esses lojistas comercializam em seus estabelecimentos comerciais artigos como: porta-retratos, porta-espetos, porta-chaves, gamelas, relógios e quadros de madeira para decoração, alguns desses produtos são confeccionados por dois jovens da comunidade. Estes jovens estão abrindo caminho para novas técnicas artesanais e novas confecções de produtos, ampliando as oportunidades de comercialização no local.

E ainda, outros artigos comercializados relacionados à tradição gaúcha como: alpargatas, cuias, bombas de chimarrão, materiais para carregar os objetos para o mate, espetos para assar carne, saias de prenda, quadros de imagens do campo, dentre outros. Enfim, são estratégias pensadas pelos (as) artesãos (ãs) para se manterem ativos no mercado de artigos simbólicos gauchescos e trocados com fornecedores por peças em lã. Uma das artesãs entrevistada explica um pouco mais a questão, relatando que:

Começaram a diversificar com as cadeiras, com os tapetes de couro, depois veio todo o resto, no seu N.... tinha vários produtos, começou aos poucos, mas é a concorrência. Um trazia um produto, outro queria coloca aquilo e mais outra coisa, e assim foi e cada um foi colocando um monte de coisa (Entrevistada S.1 - Artesã).

A ampliação desse mercado apontada por vários autores, Oliven (1998;2006), Golin (1998; 2004) e Konflanz, (2013) tem forte influência do tradicionalismo, incentivando o consumo e a produção destes elementos, onde o artesanato ganhou seu espaço na confecção de artigos representativos do imaginário gaúcho, na busca do resgate das tradições (KONFLANZ, 2013). A fim de participar das várias atividades relacionadas a esse movimento e também acionar o imaginário coletivo daqueles que nutrem um sentimento pelas tradições interpretadas pelo gauchismo. Tal fato também não é o único motivador desse consumo, outros motivos como a busca por exclusividade, qualidade e autenticidade são fatores que motivam o consumo dos artigos artesanais.

A diversificação nas tendas e lojas da comunidade tem por objetivo atingir os consumidores que buscam objetos, em função de uma aproximação com o modo de vida do campo dos produtos autênticos e também atrai o turista, não, necessariamente, gaúcho ou com interesse na tradição dos elementos

gauchescos. Canclini (1983) lembra que o produto artesanal rústico atrai os turistas que vêm de fora e precisam levar algo que represente para o seu contexto social o lugar em que ele esteve, onde manteve contato com a cultura. O autor lembra que os turistas, possuem uma “fascinação pelo nostálgico, rústico e natural, uma das motivações mais invocadas pelo turismo” (CANCLINI, 1983, p. 66). A valorização do saber local, das histórias e da cultura de uma região.

Diante da diversificação dos artigos na comunidade, cabe um questionamento importante sobre os produtos em lã, a quem se direcionam os mesmos no momento? Os artigos em lã fazem parte da construção da identidade comercial da Vila Progresso, são as confecções em lã que identificam a localidade nas feiras comerciais, junto às lojas e outros pontos comerciais com os quais os (as) artífices (ãs) se relacionam. Palas, capinhas, meias, luvas, boinas, dentre outros, continuam sendo amplamente confeccionados na comunidade.

As peças em lã, além de serem utilizadas para a troca por outros produtos nos pontos comerciais da Vila Progresso, são comercializadas em feiras e sob encomendas para lojas de produtos gauchescos, agropecuárias e eventos do movimento tradicionalista. Duas artesãs entrevistadas comentam sobre a comercialização das peças para eventos ligados ao tradicionalismo e a compra dos artigos em lã por parte dos turistas, justificando a análise realizada por Canclini (1983) e por Konflanz (2013).

Vendo muitas peças de lã, capinhas e palas, tanto para homens, quanto para mulheres, quando tem eventos nos CTGs ou cavalgadas⁴⁶, também vendo para turistas de fora que levam um pala para recordação do gaúcho (Entrevista J.8 - Artesã).

O que mais comercializo ainda são os produtos em lã, eu atendo setenta e poucas lojas de gaúcho, as outras coisas aqui é para ter, mas a minha fabricação, minha produção mais é a lã. O que mudou é que antes eu não era conhecida, vendia aqui para quem passava, agora hoje se tu chegar na Casa do Gaúcho lá tem o meu produto, se chegar na Frizzo Pilchas tem lá o meu

⁴⁶ As cavalgadas citadas por Dona Jussara, na verdade são as cavalhadas realizadas em Caçapava do Sul e outras cidades do Rio Grande do Sul, é uma festa típica do tradicionalismo gaúcho, principalmente os CTGs, com destaque para o Sentinela dos Cerros, que é o mais antigo e tradicional da cidade (SPINELLI, 2006). A autora ressalta que a atividade é portuguesa e configura-se na recriação de torneiros medievais, onde cristãos e mouros entravam em batalha, a festividade no município de Caçapava e nos demais ocorre durante a festa do Divino Espírito Santo.

produto, chegar na Arte e Couro tem lá o meu produto, aí tu compra e tem ali o meu nome e telefone e assim se expande. Se chega lá em São José em Santa Catarina, na Casa do Gaúcho, tem lá o meu produto, então as pessoas vêm, gostam e encomendam. Aqui na loja as vendas são muito variadas, quem chega nunca sabe o que quer, às vezes quer tapete, às vezes quer outras coisas, por isso que nós colocamos várias coisas, porque às vezes a pessoa chega pensando em levar uma coisa, não leva aquilo, mas termina levando outra coisa (Entrevista N.2-Artesã).

A narrativa da artesã refere-se à comercialização dos produtos artesanais e gauchescos dentro e fora da comunidade, a expansão da comercialização nas lojas é significativa, somente esta artesã atende a 70 pontos comerciais com seus produtos em lã. Percebe-se nesse sentido o movimento dos saberes, da história e da cultura desta comunidade e as conexões que são realizadas entre produtos, lugares, pessoas, saberes e histórias.

De acordo com a artífice, essas relações comerciais levaram um tempo significativo para serem construídas, necessitaram da construção de relações de confiança, de qualidade e aprimoramento da produção das peças, adequações nas técnicas para a confecção dos produtos, nos instrumentos de produção, nas estratégias comerciais adotadas e no preço adequado ao mercado. A produção da qual se refere a artesã é destinada a pontos comerciais, lojas tradicionalistas conhecidas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Enfim, os produtos confeccionados na Vila ganharam espaço e movimentam-se por muitos lugares.

Uma questão importante é a relação de troca dos artigos em lã por outros em madeira ou em couro, o fato merece destaque porque essa negociação entre artesãos (ãs) e fornecedores aparece como uma necessidade, para que as tendas passassem a ter produtos distintos, sem dispor de um valor monetário no momento da transação (da troca dos artigos). O que preocupa é a negociação, nesse ponto os artesãos podem sair perdendo, ao trocar suas peças por um valor abaixo do que aquele que geralmente são comercializados. Este valor pode ser recuperado na comercialização do produto adquirido para o consumidor, mas, parece que nem mesmo os (as) artesãos (ãs) têm certeza se essa suposição se concretiza ou não.

O fato é que alguns comerciantes não sabem ao certo qual é o custo de produção de uma peça em lã, pois não contabilizam todos os gastos para criar

uma confecção. A contabilidade dos (as) artesões (ãs) é realizada a partir da análise das suas aquisições materiais, como saber se tal ano foi de bons rendimentos, basta analisar os bens que foram adquiridos para a família ou as melhorias que realizaram nas estruturas das tendas e das moradias.

Quando questionados sobre os custos para criar um produto, os (as) artífices mencionam as despesas com a matéria-prima e com a mão de obra (o que pagam para a costureira, por exemplo, ou para a pessoa que coloca as franjas nas peças). Ocorre que os (as) artífices não contabilizam o próprio trabalho no ato de confeccionar e comercializar. Esse fato pode acabar por confundir os lucros da atividade com a remuneração do trabalho exercido, no caso do casal de artesãos. Tais questões são evidenciadas ao analisar o relato de uma artesã entrevistada.

Aqui eu sei do seu A....., ele coloca tudo na ponta do lápis, até os botões que vai em cada peça, as linhas que usa, tudo, tudo. Já os daqui anotam por cima, dá para tirar uma base do que gastam e do que ganham, mas tudinho eles não apontam não (Entrevistada S.1 - Artesã).

As ações estabelecidas, seja no âmbito da troca de produtos para diversificar ou para ter um produto diferente da tenda do (a) artesão (ã) vizinho, na busca de atrair o consumidor, são questões mercadológicas e sociais. Tedesco (2013) destaca que o fato de ofertar mais produtos, faz parte de uma dinâmica de mercado adotada pelos tendeiros, o qual denomina de oferta diversificada. Sobre tal fato, Bourdieu (2005) destaca que a questão não está somente ligada ao entendimento da visão econômica, oferta, demanda e mercado, vai além disso, são produtos de uma construção social. Segundo o autor, nesse campo econômico precisa-se analisar as disponibilidades econômicas imediatas e a instantaneidade das interações sociais.

Interpretando a análise de Bourdieu (2005), esse mercado também é construído socialmente, em função da demanda dos consumidores e das estratégias criadas pelos (as) artesãos (ãs) para satisfazer essas demandas, as quais são construídas a partir das relações. Fruto dessas interações são estabelecidas as estratégias em torno dos novos produtos, onde a relação entre artífices e consumidores gera uma estrutura de campo e vários fatores aparecem, seja em função das demandas ou das alternativas construídas pelos

artífices, para obter produtos novos e comercializar os mesmos e, ainda, a competição com o ponto comercial ao lado.

As questões apontadas por Bourdieu (2005) abrem novos caminhos para análise. Quanto à diversificação dos artigos nas tendas, algumas questões precisam ser discutidas, como o alvará de liberação dos pontos comerciais. Os alvarás são concedidos em função dos (as) artífices comercializarem os produtos artesanais em lã que produzem. Mas quando passam a colocar produtos em madeira e couro nos pontos comerciais, os quais não são confeccionados no local, ou seja, produtos comprados de fora, eles podem não serem mais legalmente classificados como artesãos (ãs), reconfigurando seus pontos de comércio, como, por exemplo, passando a estabelecer uma microempresa (loja).

O fato de trazer novos produtos para comercializar nas tendas e satisfazer os clientes precisa de um certo cuidado, em relação ao tipo de produto que será exposto na tenda, pois deixar de ser classificado como artesão (ã) implica no pagamento de taxas e impostos. No momento da pesquisa, pelo menos três tendas da comunidade eram consideradas lojas, porque pagam tributos como microempresas, o que lhes permite comercializar vários produtos que não são confeccionados por eles, são comprados ou trocados por peças em lã. A figura - 18 é explicativa nesse sentido, ilustra a diferença na diversidade de artigos encontrados nas tendas e lojas da comunidade.

Figura 18– Diversidade de produtos na tenda (E) e na loja (D)



Fonte: Pesquisa de Campo, Vila Progresso 2016.

Dependendo do que você tem não pode se encaixar no alvará de artesanato, tem que ser outra coisa e o artesão não paga imposto, outros aqui que comercializam um monte de coisas diferentes devem pagar outra coisa, não como artesão (Entrevistada S.1- Artesã).

Quando questionados por que optaram por diversificar suas tendas com uma grande variedade de produtos, passando a estabelecer lojas (pagando tributos como microempresa), uma das entrevistadas destaca: “*pensamos bem antes, para colocar uma microempresa tinha que ter mais produtos, no momento em que tu coloca outra coisa que não é o artesanato, tem que legaliza*” (Artesã N-2).

Na continuidade da narrativa, a artífice relata que essa mudança ocorreu no sentido de atender as demandas dos clientes, “*os consumidores procuravam e nós deixamos de ser somente artesãos e colocamos uma microempresa, agora nós pretendemos aumentar mais o espaço, para colocar mais coisas direcionadas ao gaúcho*” (Artesã N-2). Essas questões também são evidenciadas no discurso de outro artesão entrevistado, quando o mesmo se reporta sobre a diversificação dos produtos nas tendas e lojas.

De primeiro, muita gente chegava perguntando por chapéu, bombacha, alpargata, essas coisas, começaram a colocar porque o povo pedia. Isso pode ter ajudado também porque a Vila é bem conhecida, sempre que pergunto onde tu mora, na Vila Progresso, na Vila dos Palas, então já tem uma referência a dos palas, as pessoas já conhecem (Entrevistado R.5 - Artesão).

Os relatos vão de encontro ao que Oliven (2006) interpreta como expansão do mercado simbólico dos produtos gauchescos, onde esse “apego às tradições” gerou um aumento do consumo dos produtos ligados à cultura gaúcha. Esse contexto representa para os consumidores a aproximação de uma identidade, mesmo que esteja ligada às “tradições inventadas”. De acordo com Tedesco (2010), os artigos artesanais tradicionais representam para o consumidor a reconstituição do passado no tempo presente, já para quem comercializa, configura-se como uma oportunidade de mercado e de renda.

Ainda que o uso dos produtos gauchescos não seja mais utilizado para o mesmo fim, no sentido de sua importância e sentido de uso no passado, na

atualidade os produtos possuem um simbolismo e é esta a questão que torna o mesmo um potencial no mercado. Esse simbolismo está associado ao fato de trazer à memória uma história cultural “re” construída.

Diante desse contexto, artesãos (ãs) estão interpretando e construindo estratégias para continuar inseridos neste mercado de bens simbólicos, o qual se encontra em um movimento dinâmico de conexão, entre lugares, pessoas, saberes e histórias. Nas questões relacionadas à comercialização dos produtos, estas mudanças tendem a exigir, uma divisão entre as identidades de artesão (ã) e de comerciante, onde novos aprendizados e dinâmicas comerciais serão constantemente requisitadas.

Na atualidade uma das questões que chama a atenção na comunidade é a diferenciação entre tendas e lojas, a qual pode ser visualizada na figura – 19. A figura demonstra que a loja é uma construção fechada, possui amplo espaço interno, com variados produtos organizados separadamente, proporcionando ao consumidor um belo aspecto visual. Nas lojas, os teares, as máquinas de costura e os demais instrumentos utilizados para o processo artesanal não ficam expostos aos clientes, são colocados em um ambiente separado, o galpão.

Figura 19– Diferenciação externa de loja (E) e tenda (D)



Fonte: Pesquisa de Campo, Vila Progresso 2015.

A tenda, por sua vez, é uma construção mais simples, aberta (uma área coberta), com menor diversidade de produtos e menor espaço para a exposição dos mesmos. Nas tendas, as salas das casas dos (as) artífices são transformadas em espaço de exposição dos produtos artesanais, por vezes

também é local de trabalho, seja das mulheres nas máquinas de costura, o que é mais comum, ou dos homens no tear, o que é menos comum.

Embora as famílias tenham procurado separar os espaços e organizá-los, em algumas tendas ainda ocorre o fato do trabalho misturar-se ao ambiente comercial. A forma de organização dos produtos para exposição é mais simples do que a das lojas, são utilizadas prateleiras de madeira confeccionada pelos próprios artesãos.

Mas não é somente o espaço físico, as diferenças de estruturas entre tendas e lojas chamam a atenção assim como, a dinâmica comercial possui algumas diferenças. As tendas possuem uma menor diversidade de artigos artesanais, utilizam-se de menos mão de obra, tais características acarretam em um menor poder econômico. Os (as) artesãos (ãs) das tendas comercializam em feiras, como já foi relatado, entregam produtos por encomendas (via correio) para lojas de produtos gauchescos, agropecuárias e para consumidores que de forma individual realizem seus pedidos. Ou seja, a dinâmica comercial fora das tendas se estabelece através das encomendas realizadas pelos consumidores, para variados fins.

Em relação às lojas de artesanato da comunidade, as quais antes de assim serem consideradas, já eram tendas maiores, dotadas de maior espaço físico, utilizando de mais mão de obra e produzindo maior número de peças artesanais. Com exceção de uma das lojas, as outras são empreendimentos das primeiras artesãs que se estabeleceram na localidade. Além disso, o que diferencia tendas e lojas na dinâmica comercial, é o fato de que os (ãs) artesãos (as) das lojas não realizam mais feiras comerciais e quase não comercializam peças individuais por encomendas, as relações de entrega de produtos estão estabelecidas com lojas do ramo dos produtos gauchescos.

A estratégia de comercialização adotada fora da comunidade é, basicamente, a venda de artigos em lã por encomenda (via correio), para algumas lojas tradicionais de produtos gauchescos nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Dentre essas lojas, estão inseridas algumas, tradicionalmente, conhecidas, como Casa do Gaúcho, Armazém do Gaúcho, Frizzo Pilchas, Arte e Couro e outras. E ainda, algumas lojas de produtos gauchescos, normalmente aquelas que estão geograficamente mais próximas

da comunidade realizam a troca de artigos artesanais, como artigos em couro e madeira por artigos em lã.

As lojas de produtos gauchescos, tal como as feiras e os pontos comerciais como as tendas estabelecidas na Vila Progresso, são espaços que proporcionam a circulação dos bens simbólicos nesse mercado. Proporcionando não somente o consumo, mas também a construção de relações sociais em torno dos artesãos que produzem tais peças e dos consumidores que se apropriam das mesmas, para aproximarem-se socialmente daqueles sujeitos que, com eles se identificam (BOURDIEU, 2002).

Essa relação parece ser fruto das primeiras viagens realizadas pelos artesãos homens, logo depois que os mesmos entraram para o segmento artesanal na Vila Progresso. Portanto, parece que os pioneiros na divulgação das peças artesanais em lã conquistaram uma fatia de mercado e souberam mantê-la com o passar dos anos, provavelmente porque procuraram investir na qualidade e aprimoramento dos produtos, bem como nas técnicas utilizadas e nas estratégias comerciais.

A busca pela divulgação do artesanato fora da comunidade foi motivada pelo crescimento desse mercado. Tal fato visualizado pelos (as) artífices, e também pela ampliação da concorrência entre as tendas na comunidade, as quais ampliaram-se com o tempo, seja na questão dos pontos abertos ou em relação as estruturas e a diversificação dos produtos artesanais. O entrevistado R.5- Artesão destaca que os artífices da comunidade procuraram construir outras estratégias de venda das peças confeccionadas, em função da concorrência com os demais pontos comerciais abertos na comunidade.

Aumentou as pessoas fazendo palas, aumentou a concorrência, nós quando começamos nós fazíamos uns cartõezinhos, quando começava entregava os cartões e assim alguns ligavam e faziam os pedidos e foi indo, os primeiros que começaram sempre viajaram. O N....., o J..... e o N....., desde que começaram sempre viajaram, entregando para lojas e fazendo pedidos (Entrevistado R.5- Artesão).

Em relação à comercialização dos produtos artesanais na Vila Progresso, observa-se que cada vez menos a decisão do que comercializar no ambiente das tendas, e agora nas lojas, no espaço da comunidade está sob a decisão do

artesão (ã) e cada vez mais relaciona-se à solicitação dos consumidores. Isso já aparece como uma preocupação para os artífices, no sentido de interpretar até onde eles podem “abrir o negócio”, ou seja, quais produtos podem ser utilizados para diversificar sem deixarem de ser considerados artesãos (ãs).

E ainda, se optarem por evoluir de tenda para loja, que implicações econômicas e sociais essa mudança lhes trará, parece que estes pontos precisam de mais atenção e reflexão dos (as) artífices e de acompanhamento dos estudos acadêmicos. Para que esse movimento de transição seja registrado, bem como o impacto desse fato sobre a vida de comunidades como esta.

4. 2 CRESCIMENTO DO MERCADO DO PRODUTOS SIMBÓLICOS DO GAÚCHO: TRADIÇÃO “REELABORADA”

Essa seção apresenta e discute a perspectiva dos consumidores sobre o uso dos produtos gauchescos, os quais são simbólicos da tradição gaúcha. Apresenta-se o ponto de vista sobre a utilização destes artigos de dois tipos de consumidores, aqueles que adquirem os produtos na comunidade e os que consomem tais produtos nas feiras comerciais. Nesse último caso, será citado o ponto de vista dos consumidores da Expointer, realizada em Esteio/RS, no ano de 2015, onde os cinco (5) artesãos expositores da Vila Progresso foram acompanhados pela pesquisadora.

Em relação aos consumidores que passam pela BR-290 e param para comprar artigos nas tendas de artesanato da comunidade, algumas questões chamam a atenção. Destaca-se a faixa etária dos consumidores, onde residem (espaço rural ou urbano), o grau de instrução, a relação do consumo dos artigos com a tradição gaúcha, a motivação para a compra e o produto que foi adquirido pelos mesmos, dentre outras questões.

Se no passado a utilização das peças rústicas confeccionadas em lã e outros artigos relacionados à vida e ao trabalho no campo era típico de homens e mulheres do meio rural, na contemporaneidade esse consumo é realizado por jovens e adultos, na grande maioria urbanos. Questão já relatada em um dos capítulos anteriores pelos autores Oliven (1998, 2006), Dacanal (1998) e Golin (1998; 2004). A compra do artesanato nas tendas, que já não comercializam

mais somente peças em lã como ficou especificado no item anterior, é diversificada, assim como a faixa etária dos consumidores. Os dados referentes à idade dos indivíduos que adquirem estes produtos na comunidade podem ser observados na tabela -1. Onde se destaca o amplo consumo entre o público jovem e principalmente os adultos até 50 anos.

Tabela 1- Faixa etária dos consumidores do artesanato na Vila Progresso

| Idade | Número | % |
|------------------|---------------|------------|
| 15 – 30 anos | 4 | 27 |
| 31 – 50 anos | 9 | 60 |
| Acima de 50 anos | 2 | 13 |
| Total | 15 | 100 |

Fonte: Elaborada pela autora.

Vários desses objetos acionam a memória de uma cultura reelaborada, dessa memória jovens e adultos se apropriaram. Para Golin (2004) este fato representa uma condição do homem como recriação histórica, essa recriação ocorre através de rituais, praticados com a utilização de elementos simbólicos. Ou seja, de elementos materiais que representam ao consumidor uma memória e o artesanato contribui com a função de confeccionar vários desses artefatos simbólicos.

Oliven (1998) ressalta que, a comercialização desses elementos se expandiu porque os hábitos de vestir bombacha, tomar chimarrão e ouvir música gaúcha, dentre outros, perderam o estigma de grossura e passaram a ser valorizados, principalmente em função da ampliação dos eventos artísticos, televisivos, de rádio, dentre outros. Houve uma movimentação de vários artistas e teóricos que se utilizaram dos meios de entretenimento cultural e dos meios de comunicação, para que a mensagem do gauchismo chegasse até as pessoas, incentivando o consumo dos elementos simbólicos da tradição.

Nas entrevistas com os consumidores, não ocorreu uma diferenciação entre aqueles que compraram peças em lã ou outros artigos artesanais. Observou-se que os consumidores, seja das confecções em lã ou dos demais artefatos comercializados nas tendas e lojas da comunidade, passaram a ser predominantemente, de origem urbana. Esse fato é algo numericamente muito significativo, representa 87% dos entrevistados na Vila Progresso. Os dados numéricos sobre essa questão podem ser observados na tabela - 2.

Tabela 2- Onde residem os consumidores do artesanato na Vila Progresso

| Onde moram | Número | % |
|------------|--------|-----|
| Rural | 2 | 13 |
| Urbano | 13 | 87 |
| Total | 15 | 100 |

Fonte: Elaborada pela autora.

Para que se compreenda essa mudança, duas questões precisam ser discutidas. A primeira, diz respeito ao expressivo êxodo rural que ocorreu entre as décadas de 1960 e 1980, quando houve uma migração intensa do campo para a cidade, em função de vários acontecimentos sócio espaciais, como a modernização do campo, a concentração fundiária e os processos de industrialização e urbanização. A população do meio rural foi atraída para o espaço urbano, na busca de trabalho e melhores condições de vida, nesse movimento migratório também levaram suas ansiedades de manter-se, de alguma maneira, conectados ao campo e aos elementos que representam o modo de vida do rural.

No meio urbano ocorria uma predominância da cultura de massa, onde muitas pessoas vindas do campo não se identificavam com determinados costumes. Cultuar as tradições do espaço rural no contexto urbano foi uma alternativa para estes indivíduos, através desse culto às tradições do rural e do passado as pessoas aproximam-se de uma identidade. Talvez por necessidade estes indivíduos deixaram-se “seduzir” por elementos e valores “pretensamente imutáveis forjados pelos antepassados”, reelaborando o passado no presente, mas, na verdade construindo um “tempo vago”, (GOLIN, 2004, p. 7-8). Já que os elementos do passado foram ressignificados, adotando-se um novo sentido.

Os dados sobre o grau de instrução dos consumidores chamam a atenção, ocorreu uma mudança em relação ao passado. Na contemporaneidade, aqueles que compram os produtos artesanais na comunidade possuem um alto grau de instrução, dado que pode ser analisado na tabela – 3, com destaque para o ensino superior completo (40%), superior incompleto (27%) e pós-graduação (20%). Esses números, provavelmente, estão diretamente conectados com o padrão econômico desses consumidores, o qual não foi pesquisado para evitar constrangimentos.

Tabela 3- Instrução dos consumidores do artesanato na Vila Progresso

| Escolaridade | Número | % |
|----------------------|---------------|------------|
| Fund. Incompleto | - | - |
| Fund. Completo | 1 | 6,5 |
| Ens. Méd. Incompleto | - | - |
| Ens. Méd. Completo | 1 | 6,5 |
| Sup. Incompleto | 4 | 27 |
| Sup. Completo | 6 | 40 |
| Pós-Graduação | 3 | 20 |
| Total | 15 | 100 |

Fonte: Elaborada pela autora.

A questão do padrão cultural e econômico dos entrevistados, embora não tenha sido interrogada de forma direta, foi observada pela pesquisadora. Constatou-se um alto padrão econômico, ao analisar os veículos usados pelos consumidores que paravam para fazer compras na localidade. A maior parte dos entrevistados passava pela região em rota de viagem, vale destacar o local onde residem estes consumidores, foram entrevistadas pessoas de Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Bagé, Porto Alegre, Canoas, Caxias, Brasília, Rio de Janeiro, todos identificam-se como gaúchos, por terem nascido no Rio Grande do Sul.

Quando questionados se a compra do artigo artesanal, realizada naquele momento, tinha uma relação com a tradição gaúcha, a expressiva maioria dos entrevistados (73%) relataram que sim, informação que pode ser observada na tabela - 4. Esses consumidores também destacam que possuem uma relação com o meio rural, já viveram um período no rural ou mantêm laços com o interior, em função de familiares que permanecem no campo.

Tabela 4- Consumo dos produtos artesanais e a tradição gaúcha

| Relação consumo e tradição | Número | % |
|-----------------------------------|---------------|------------|
| Sim | 11 | 73 |
| Não | 4 | 27 |
| Total | 15 | 100 |

Fonte: Elaborada pela autora.

Portanto, seja no passado ou no presente, em algum momento estiveram em contato com os elementos simbólicos da tradição gaúcha. Em função dessa motivação, estes sujeitos citam o apreço pelo rústico e alguns reproduzem o

discurso do movimento tradicionalista, o qual se observa quando o entrevistado destaca o apreço pela cultura, pela tradição histórica do que é produzido aqui, em detrimento ao que vem de fora. Um discurso utilizado pelo tradicionalismo para desqualificar os elementos com os quais não se identifica e se apropriar da tradição e dos saberes, ressignificando os elementos históricos de uma forma positiva e acrítica.

Esse discurso apoia-se na construção dos tradicionalistas em estabelecer identidades coletivas, elegendo alguns elementos materiais e simbólicos que caracterizam o tradicionalismo, sob uma tradição que reinventa elementos da tradição na tentativa de representar as características do gaúcho atual (BRUM, 2010). Nesse contexto, todos os elementos da vida no campo e a própria rusticidade da mesma, tornam-se objetos simbólicos para aproximar-se dessa identidade, a fim de sentir-se como um gaúcho, que cultua as tradições. Tedesco (2010) aponta algumas questões nesse sentido, ressaltando que:

O fazer à mão revela estilo de vida, dimensão do rústico, por isso sua correspondência com o rural, porém não só. Os objetos em couro, como os laços, rédeas, cabresto, cordas, sapatos e instrumentos para montaria e arreamento em geral, a bainha para facões e facas, barbicacho, os de lã como uso doméstico de cobertores e colchas, ponchos, blusas, tapetes, etc., são expressivos da vida nas estâncias pastoris [...]. Todos expressam horizontes do passado com tentativas de ocupar algum lugar também no presente, porém bem mais como dinâmica mercantil (TEDESCO, 2010, p. 157-158).

O uso dos artigos artesanais remete ao imaginário do passado, da vida rural e do trabalho nas estâncias (TEDESCO, 2010). No entanto, na contemporaneidade esse cenário precisa ser observado considerando-se também uma dinâmica mercantil desses produtos, são dois pontos diferentes de análise, as questões relacionadas à tradição e ao consumo pelo imaginário e resgate do passado para o presente e a ampliação de um comércio que se moderniza constantemente, em busca de novos produtos e estratégias para manter-se atualizado, em um mercado de consumidores dinâmicos.

Os artigos artesanais adquiridos pelos consumidores durante as entrevistas foram: tapetes em couro, pelegos, cobertores de lã, boinas de lã, meias de lã, capinhas femininas, pala de criança, ovelhinhas de lã para crianças,

gamela em madeira, cadeiras e mesa de madeira, porta-espeto e porta-retratos. A comercialização dos mesmos não significa que sejam estes objetos os mais comercializados nos estabelecimentos comerciais, o consumo dos artigos artesanais é bastante variado na comunidade.

Existem algumas diferenças nas variedades de produtos ofertados entre as tendas e lojas, como foi relatado anteriormente. Influencia o fato de onde, de qual tenda ou loja a entrevista é realizada, percebendo essa questão, foram entrevistados consumidores em três tendas e duas lojas diferentes da comunidade.

Quando são questionados sobre a motivação para a compra de tais objetos artesanais, a maior parte dos consumidores entrevistados na Vila Progresso justifica a compra relatando a boa qualidade dos produtos, a durabilidade, a exclusividade, e a beleza dos mesmos. E ainda, alguns em menor número, destacam que valorizam o trabalho dos (as) artesãos (ãs), da família que se envolve na atividade e que possuem apreço pela tradição gaúcha.

O Consumidor (a) 11 justifica a aquisição do produto artesanal pela *“questão do acabamento, pelo fato de ter a particularidade da tradição, de ser um produto gaúcho, fruto do trabalho familiar e gera economia local”*. Na opinião do Consumidor (a) 05, *“são produtos maravilhosos, têm qualidade e eu sempre compro para dar força para que o artesanato nunca termine”*. Para o Consumidor (a) 13, o *“artesanato é uma obra em que cada um tem um estilo, um sentimento, são peças únicas, isso nós valorizamos”*.

Nos relatos são evidenciados o valor subjetivo e simbólico do produto artesanal para os consumidores. Subjetivo quando o consumidor interpreta o sentimento, as técnicas, a habilidade e a criatividade do (a) artesão (ã) utilizados na confecção dos produtos. Simbólico quando o consumidor faz uma reflexão sobre o porquê está adquirindo tais objetos, destacando a ligação com a memória, com a tradição e com os rituais que necessitam da utilização destes elementos.

Na visão de Canclini (1983, p.100) as demandas dos consumidores em relação ao artesanato são motivadas pela afeição turística pelo pitoresco, por um certo nacionalismo que é mais simbólico do efetivo e pela necessidade de se renovar, oferecendo variação e rusticidade dentro de um padrão industrial. Segundo o autor, independentemente do motivo pelo qual o produto é comprado,

raramente ele vai desempenhar na prática, as funções originárias de sua cultura original, ou seja, do sentido de uso do passado. Pois, do passado ao presente a forma de interpretação social sobre os bens simbólicos passou por muitas transformações.

A leitura de Canclini é interessante, ajuda-nos a entender o contexto da cultura do artesão, chama a atenção para o consumo em função do regionalismo, onde valoriza-se a rusticidade e a necessidade de fazer uso do artigo artesanal para diferenciar-se de um padrão cultural homogêneo. Em relação à cultura, alguns consumidores conhecem os elementos culturais, mas mesmo estes não percebem que os elementos tradicionais que consomem foram ressignificados em relação ao passado, pois a funcionalidade desses artigos não é mais a mesma. Precisa-se analisar e considerar as diferenças entre a produção da imagem, representada no objeto artesanal, e a produção secundária que se esconde atrás da utilização das imagens destes objetos (CERTEAU, 1998).

As mesmas questões realizadas para os consumidores das tendas e lojas comerciais da Vila Progresso, também foram aplicadas para os consumidores da Expointer no ano de 2015. Na feira, 60% dos consumidores dos produtos artesanais em lã encontram-se sob uma faixa etária adulta, com idade que varia de 31 a 50 anos, como pode ser observado na tabela - 5.

Tabela 5-Faixa etária dos consumidores do artesanato na Expointer

| Idade | Número | % |
|------------------|---------------|------------|
| 15 – 30 anos | 1 | 10 |
| 31 – 50 anos | 6 | 60 |
| Acima de 50 anos | 3 | 30 |
| Total | 10 | 100 |

Fonte: Elaborada pela autora.

Especifica-se a análise sobre os artigos em lã, pois são aqueles que a FETAG permite que os artesãos comercializem nas feiras, já que no cadastro realizado junto ao STR de Caçapava do Sul, deve-se especificar os produtos que serão levados as feiras. Os artesãos (ãs) somente podem comercializar nesses espaços os produtos que confeccionam, ou seja, as peças artesanais em lã.

A idade dos consumidores na feira diferencia-se um pouco daqueles que compram os artigos na Vila Progresso. Talvez a principal diferenciação, seja o

fato de que na comunidade avaliou-se o consumo em um aspecto geral não se diferenciando-se a compra dos artigos em lã, em madeira ou em couro, enquanto que na Expointer foram avaliados somente o consumo dos produtos em lã. Em função do design das peças, a predominância da compra e do uso dos objetos em lã pode estar relacionada às pessoas com uma faixa etária adulta a idosa.

Em relação ao local onde residem os consumidores do artesanato, 100% dos entrevistados são do meio urbano, como pode ser analisado na tabela – 6. Como ocorreu na Vila Progresso, também é fato comprovado nos consumidores da Expointer, alguns relataram que possuem ou já possuíram uma vivência com o meio rural, em algum momento de sua vida. O aspecto de vida do meio rural parece ser valorizado pelos consumidores destas peças, embora possam estar fazendo uso de uma memória reelaborada, em um cenário romântico, que descontextualiza as dificuldades do cotidiano no campo.

Tabela 6-Onde residem os consumidores do artesanato na Expointer

| Onde moram | Número | % |
|--------------|-----------|------------|
| Rural | - | - |
| Urbano | 10 | 100 |
| Total | 10 | 100 |

Fonte: Elaborada pela autora.

Canclini (1983) destaca que deve haver uma preocupação com relação às estruturas sociais onde os artigos artesanais circulam. O autor relata que a circulação do produto artesanal do campo para a cidade descontextualiza (o artigo artesanal perde o contexto) a história e o sentido do mesmo, pelo fato de tais questões não serem avaliadas como deveriam, ocorrem as diferenciações sociais entre o artesão que confecciona e o consumidor que faz uso desse artigo artesanal simbólico.

Os entrevistados, de ambos os lugares, Vila Progresso e Expointer, buscam um resgate da tradição, sem perceber ou mesmo percebendo que ressignificam os elementos do passado, dando-lhes um sentido de uso diferenciado daquele historicamente estabelecido por necessidade das comunidades. Por exemplo, no passado as pessoas tinham por hábito e necessidade tomar chimarrão, uma bebida quente e estimulante que ajudava a população a aquecer-se do frio. Utilizava-se para fazer a bebida a erva-mate,

uma planta presente na região sulina, os recursos disponíveis eram aproveitados de acordo com as necessidades da população da época.

A tradição de tomar chimarrão, na contemporaneidade não ocorre mais em função da necessidade, embora se reconheça suas potencialidades, o produto foi reinterpretado como a bebida típica do gaúcho, fazendo-se uso do mesmo em todas as estações do ano. O chimarrão tornou-se um hábito no cotidiano da população sulina e se constitui como uma representação simbólica, conhecida dentro e fora do estado, como uma bebida que subjetivamente demonstra uma identidade, a identidade do gaúcho.

O fato relatado ocorre não somente com o chimarrão, mas com vários elementos da tradição gaúcha, os quais foram desvinculados do modo de vida tradicional (GOLIN, 2004). O indivíduo do mundo moderno passou a escolher a sua identidade, reproduzindo seu viver cultural através do imaginário que cria. Segundo o autor, a construção desse imaginário com os produtos tradicionais gaúchos é uma fértil fantasia para os rituais e para o mercado dos produtos simbólicos da tradição gaúcha, ou pelo menos, o gauchismo se apropria desse discurso e de tais atitudes.

Na interpretação de Brum (2010), a utilização de alguns elementos do passado nos tempos atuais, com uma perspectiva de resgate das tradições, na verdade ressalta um aspecto mítico. As funcionalidades de alguns objetos e/ou vestimentas referiam-se a um modo de trabalho do gaúcho do passado e sua utilização nos tempos atuais em festas e demais eventos urbanos, tem um sentido puramente simbólico de exaltar o gaúcho, não aquele tradicional e histórico, mas um sujeito construído culturalmente.

Outro ponto semelhante entre os consumidores de ambos os lugares pesquisados, aqueles de que comprou peças em lã na Expoiner também possuem um bom nível de escolaridade, como pode ser observado na tabela - 7. Dentre os entrevistados, 30% possuem nível superior completo e outros 30% possuem pós-graduação. Essa questão, provavelmente, remete a um bom nível econômico, considerando que os produtos artesanais tendem a ser mais caros do que os produtos industrializados, em função do trabalho e do tempo despendido para realizar o mesmo, por parte do (a) artesão (ã).

Tabela 7-Instrução dos consumidores do artesanato na Expointer

| Escolaridade | Número | % |
|----------------------|---------------|------------|
| Fund. Incompleto | 1 | 10 |
| Fund. Completo | 1 | 10 |
| Ens. Méd. Incompleto | - | - |
| Ens. Méd. Completo | 2 | 20 |
| Sup. Incompleto | - | - |
| Sup. Completo | 3 | 30 |
| Pós-Graduação | 3 | 30 |
| Total | 10 | 100 |

Fonte: Elaborada pela autora.

Outro fator contribui nesse sentido, os artífices afirmam que algumas peças são exclusivas, possuem algo, por simples que seja, que diferencia uma peça da outra. Esse elemento é o diferencial que encarece o produto artesanal e ao mesmo tempo chama a atenção do consumidor, o qual aceita pagar mais caro para adquirir um produto exclusivo.

Em relação ao consumo das peças artesanais em lã, no momento da entrevista 70% dos consumidores relataram que aquela compra tinha algo, algum sentido relacionado à tradição gaúcha, como pode ser observado na Tabela-8. Os produtos adquiridos durante as entrevistas foram: meias, boinas, mantas, pala, capinha feminina, xergão e ovelhinhas de lã para as crianças. O consumo entre homens e mulheres adultas ocorre de maneira equilibrada, os quais também buscam nesse comércio peças em lã para crianças e adolescentes.

Tabela 8-Consumo dos produtos artesanais e a tradição gaúcha

| Relação consumo e tradição | Número | % |
|-----------------------------------|---------------|------------|
| Sim | 7 | 70 |
| Não | 3 | 30 |
| Total | 10 | 100 |

Fonte: Elaborada pela autora

A movimentação em torno do tradicionalismo aciona uma transformação dos hábitos e costumes do gaúcho do passado, em mercadorias para o gaúcho do presente (GOLIN, 2004). Explicando o consumo destes consumidores, tais sujeitos não estavam comprando o produto pelo valor de uso do mesmo, mas pela imagem que o mesmo lhe representa, por ser uma mercadoria simbólica. O

valor simbólico do produto é o fato que está em questão, o qual foi construído e reelaborado pelo tradicionalismo.

Douglas e Isherwood (2006) destacam que os bens, objetos utilizados para consumo, dizem muito sobre o que as pessoas pensam e o que elas realmente são. Representam o universo que os indivíduos habitam para se aproximar dos rituais e memórias reconstruídas pelo tradicionalismo, as pessoas se apropriam dos objetos que, simbolicamente representam a “filosofia” aceita socialmente na atualidade, da interpretação do que é ser gaúcho.

Em relação à motivação da compra dos produtos artesanais em lã, os consumidores destacam a qualidade, a rusticidade, a durabilidade, a beleza, a exclusividade do produto, a afetividade ao campo, as lembranças do passado e de um outro aspecto de vida diferente do seu. Sobre a questão, duas narrativas dos entrevistados chamam a atenção, a primeira traz o sentido de apreço aos produtos artesanais, provavelmente porque em um segundo momento da interlocução, o entrevistado faz menção à lembrança de um passado familiar em relação a atividade com a lã. O Consumidor (a) 03 da Expointer relata, “*valorizo o modo de produção, o artesanato, conheço o artesanato, compro porque lembro da minha avó fazendo*”

O Consumidor (a) 04 da Expointer apresenta uma perspectiva diferente, demonstra interesse sobre os produtos artesanais, sua origem e a forma de produção dos mesmos, mas não menciona uma lembrança familiar que o faça apreciar o trabalho artesanal. Ele destaca, “*eu pergunto a origem dos produtos, a história dos produtos, uma artesã me contou que tece na beira do fogão à lenha porque faz no inverno e é muito frio, valorizo essas histórias*”. A imagem reproduzida pela mensagem da artesã para o consumidor traz um sentido e gera um apreço simbólico para o consumidor.

Ouvir e valorizar as histórias dos (as) artesãos (ãs) também é uma maneira de cultuar o passado, a valorização das histórias contadas pelos (as) artífices aciona no consumidor um sentimento de pureza, de trabalho digno, de saberes apreendidos e incorporados nas peças artesanais. As narrativas dos (as) artesãos (ãs) são carregadas de elementos significativos, remetendo à imagem para o consumidor de um modo de vida tradicional, diferente do cotidiano vivenciado por ele no ambiente urbano.

De acordo com os consumidores entrevistados, os produtos artesanais comprados tanto nas tendas e lojas da Vila Progresso, quanto na Expointer, são destinados ao uso pessoal, para o embelezamento das residências ou para presentear amigos e familiares. O motivo da compra está atribuído a um valor simbólico do produto, ou seja, o significado que tal peça possui para o consumidor que a adquiriu.

4.3 O OLHAR DO ARTESÃO SOBRE A TRADIÇÃO QUE TECE E O COMÉRCIO QUE REALIZA

Os saberes tradicionais, frutos de um passado e com relevante valor cultural para as famílias, continuam acompanhando a história ao serem transmitidos através das gerações. O artesanato tradicional representa o “conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições, porém incorporados à sua vida cotidiana” (MASCÊNE; TEDESCHI, 2010, p. 14).

Diante da evolução do mercado dos artigos da cultura gaúcha, os objetos artesanais como elementos práticos e simbólicos desse processo foram alvos de transformações, diferenciando-se com o tempo, buscando modernizar-se, a fim de atender as expectativas do consumidor. Sobre tais questões, é importante analisar como o (a) artesão (ã) avalia essas mudanças no seu cotidiano, seja em relação às alterações em seus saberes ou em relação à expansão do mercado, ao qual eles constantemente estão se adaptando.

Enfim, essa seção tem por objetivo compreender quais são as percepções dos (as) artesãos (ãs) sobre a influência do mercado simbólico em relação aos seus saberes tradicionais, como fica a valorização das práticas e dos conhecimentos artesanais que se reproduzem ao longo das gerações, frente à ampliação dinâmica e constantemente mutável do consumo dos produtos gauchescos. E ainda, quais são as suas perspectivas futuras em relação ao artesanato em lã e à comercialização dos artigos nas tendas e lojas da comunidade.

Para as famílias que confeccionam os produtos artesanais em lã na Vila Progresso, em especial para aquelas que deram início ao processo artesanal na

comunidade, utilizando os primeiros fusos, a roca e o tear vertical, a tradição passada através dos saberes apreendidos com as gerações passadas é algo de muito valor. Essa valorização é reconhecida pelos (as) artesãos (ãs), porque sabem que a localidade se tornou um ponto de referência da atividade artesanal em lã no Rio Grande do Sul. Verifica-se esse fato ao analisar o orgulho com o qual uma das primeiras artesãs que se instalou no local, narra sua história com o trabalho artesanal na confecção das peças em lã, destacando o papel da família nesse processo.

Eu tinha oito anos de idade, a minha avó estava com o xergão no tear, ela adoeceu e caiu de cama, eu muito curiosa, porque ela já me ensinava a passar os fiozinhos, eu muito curiosa disse eu vou tecer aquele xergãozinho da minha avó, mas escondido dela para ela ter uma surpresa, eu pedi para ninguém comenta com ela que eu estava tecendo. Quando foi de tardezinha eu arrematei o xergão que eu tinha certeza que já fazia, entrei no quarto e joguei nos pés dela, em cima da cama, me lembro até hoje do riso que ela fez de feliz, mesmo com dor, por causa do reumatismo que ela tinha no braço, o riso dela de feliz porque eu tinha terminado aquele xergão, que estava um pedaço só feito. É uma história, minha mãe, minha avó trabalhava com lã e a minha bisavó também lidava com lã, a mãe da minha avó. A minha mãe tinha paciência, fiava com um capricho aquele fio bem fininho para nos fazer o tricô. Aprendemos mais foi com a vó, eu ia dormir na mãe da minha avó e via, me encantava com o serviço dela, eu tinha uns quatro anos, tinha medo do cigarrinho dela. O trabalho com a lã na minha família está na quinta geração, todos os meus filhos saíram de casa sabendo fazer todo o serviço (Entrevistada N.6 - Artesã).

Uma das mudanças proporcionadas pela ampliação desse mercado, influenciadas pelas “heranças culturais que grupos sociais aprenderam de diferentes outros grupos, de convivência histórica e contemporaneizada em seus múltiplos tempos e espaços de vida” (TEDESCO, 2013, p. 112). As trocas culturais entre os grupos, os saberes adaptados e inventados expressam uma relação entre a tradição e o mercado que o autor denomina de “sistemas locais de conhecimento”. Estas questões contribuem para que o artesanato seja correlacionado aos tempos passados e readaptado ao presente, tendo em vista as mudanças sociais.

As mudanças sociais implicam sobre as relações das tradições destes artesãos (ãs), apresentadas através da confecção dos produtos artesanais, e as atividades comerciais que se colocam a frente dos mesmos. Um exemplo claro

é o fato de que, quando os produtos artesanais em lã começaram a ser valorizados no mercado, passou a ocorrer uma maior valorização dos saberes tradicionais relacionados ao fazer artesanal, por parte dos próprios (as) artífices nesta comunidade.

Em função dessa valorização, todos os membros da família passaram a trabalhar em conjunto na confecção das peças em lã, homens, mulheres, jovens e até mesmo as crianças, como relatou a artesã anteriormente. Enfim, todos os componentes da família aprendiam o ofício de artesão (na tecelagem da lã), muitas vezes pela observação do fazer cotidiano dos demais familiares. O aprender a fazer, fazendo, a observação que se torna prática, através de um trabalho repetitivo que se aprimora com o tempo.

Na continuidade da fala da mesma artesã, verifica-se que o aprendizado das técnicas do artesanato em lã nessa família, está na quinta geração, os saberes dela, da mãe, da avó e da bisavó foram aprendidos também pelos seus filhos, na atualidade dois dos três filhos dessa artesã são artesãos por profissão, como pode ser observado na figura – 20. A imagem demonstra o filho mais novo, ainda criança, tecendo no tear vertical, o filho mais velho, adolescente, tecendo no tear horizontal e a mãe fazendo o fio na roca. Importante ressaltar que dois dos três filhos dessa artesã também são artesãos, mas em outra localidade, fora do município de Caçapava do Sul.

Figura 20– Família trabalhando na confecção de produtos em lã na Vila Progresso



Fonte: Pesquisa de Campo na Vila Progresso, 2015

Meus filhos começaram pouco depois disso (da idade que ela começou, oito anos) a trabalhar com nós aqui, com nove ou dez anos, ali tem uma foto, ele não está brincando ele está tecendo, devagar, uma criança, mas está tecendo. O filho mais velho tecia no tear grande, o menor no tear pequeno e a menina tomava conta do tricô e da casa. A filha trabalha com a lã e tem fábrica de tapete de couro, entra na loja e enxerga a montagem de tapete, enxerga uns oito ou dez funcionários trabalhando com lã e couro. O filho mais velho tem uma loja de produtos artesanais, quem trabalha mais na loja é a mulher dele, mas ele também ajuda (Entrevistada N.6 - Artesã).

Na visão de Tedesco (2013, p. 123), o artesanato tem o poder de “corporificar grupos e memórias, desloca no tempo, sujeitos capazes de refazer o que outros fizeram em tempos passados”. O mercado, por sua vez, adota uma dinâmica que se utiliza da tendência de reprodução dos saberes da tradição. Nessa dinâmica, os sentidos de quem cria e de quem consome as peças artesanais nem sempre é o mesmo. No caso específico do artesanato em lã, a tradição e a transmissão de saberes sentidos pelos (as) artesãos (ãs) tem um sentido, é atribuído à história e ao conhecimento familiar vivenciado, o qual nem sempre é conhecido pelo consumidor. Para este último, o sentido da tradição, na maioria das vezes, é atribuído ao apreço de uma memória coletiva, construída socialmente ou por interesse de grupos sociais, como as histórias que ouvem sobre a vida no campo.

Interpretando a análise de Tedesco (2013), ao observar (os) artesãos (ãs) da Vila Progresso, os mesmos conseguem atribuir aos seus saberes, aos produtos confeccionados e ao valor subjetivo, que precisa ser refletido para que os seus conhecimentos, os saberes aprendidos e passado por gerações sejam valorizados socialmente. Nas narrativas os (as) artesões (ãs) expressam o valor do próprio trabalho, das suas técnicas frente ao consumidor e ao mercado, destacando a tradição (o conhecimento histórico destes artífices), as formas de aprendizado e empoderando-se de tal fato, seja através do aprimoramento de suas técnicas ou de uma maneira de contar sua história.

Essa questão possibilita duas formas de valorização dos produtos artesanais e dos saberes dos (as) artesões (ãs), a econômica e a sociocultural. O pagamento pelas peças adquiridas pode ir além da questão econômica, pode e deve ocorrer em função do reconhecimento social do artesão como um

trabalhador dotado de saberes, de história, de criatividade e persistência e de direitos como qualquer outro trabalhador. Para que isso aconteça, a comunidade precisa afirmar constantemente seu histórico de saberes tradicionais frente ao consumidor, para além do preço do produto, buscando formas e estratégias de diálogo e construção desses saberes e da histórica construção dos mesmos junto ao mercado.

O artesanato em lã, fruto do conhecimento tradicional dessa comunidade, parece estar gradativamente disputando espaço com outros produtos, especialmente àqueles confeccionados em couro e madeira. Os (as) artífices da Vila Progresso percebem que estão diante de um mercado dinâmico, que se movimenta constantemente em função do consumidor. Onde as tendas e lojas precisam estar adaptando-se a essas variações, a fim de conseguirem manter-se economicamente da atividade comercial destes artigos. Sobre a questão, uma das artesãs entrevistada destaca algumas estratégias adotadas, as quais são possíveis de observar em vários pontos comerciais da comunidade.

Eu não posso pensar que eu vou vender só os meus tapetes, só as minhas coisas, deixa os outros venderem também, tem espaço para colocar outras coisinhas aqui. Essas cuias, que você vê aqui, eu não faço essas cuias, mas porque eu não vou colocar, essas coisas são bonitas, atraí o consumidor. Aquelas cadeirinhas ali, eu ganho mereça para vender, mas o cara precisa vender, eu compro dele. Me custa vender essas cadeirinhas e ganha um pouquinho, não me custa, e ele precisa e diz que precisa para pagar as contas e paga bem as contas vendendo as cadeiras, então está bom (Entrevistada N.6-Artesã).

A narrativa da artesã remete a um questionamento, o que mudou no cotidiano dos (as) artesãos (ãs) com o crescimento do negócio? A atividade comercial que era somente relacionada aos produtos em lã, tinha uma dinâmica específica de produção e comercialização, transformou-se nos últimos tempos, juntamente com a dinâmica de saberes desses sujeitos, em decorrência da diversificação dos produtos comercializados nos pontos comerciais, apresentada na primeira seção desse capítulo. Com a expansão do comércio, os artesãos precisaram aprender como realizar novas tarefas, por exemplo, como negociar

com fornecedores, atender um público consumidor diversificado, ter o controle dos custos e dos lucros dos distintos produtos.

Os (as) artífices buscaram uma adaptação às novas tarefas, os homens se dividem entre a confecção nos teares, onde atuam na maior parte do tempo, o atendimento aos pontos comerciais e a negociação com fornecedores. As mulheres, por sua vez, atuam em uma diversidade maior de tarefas, realizam os acabamentos das peças, atendem ao público e também aos fornecedores, organizam o estabelecimento comercial (separam as peças, organizam as prateleiras, limpam o local, atendem ao telefone, anotam pedidos, registram as vendas, dentre outras) e realizam os afazeres da casa ou parte deles.

Diante de tantas atividades, praticamente todos os (as) artesãos (as) contam com a mão de obra temporária, seja dos filhos, quando estes ainda estão sob tutela dos pais ou residem na comunidade, outros familiares sobrinhos (as) e primos (as), ou pessoas que residem na comunidade. Essas questões foram manifestadas na interlocução de uma das artesãs entrevistadas, a mesma relata que:

Está ficando só nós dois, ele tece no galpão, mas vem para mim, o arremate é comigo, e eu tenho que atender os clientes e eu não consigo, tenho duas mulheres para costura e duas para fazer a franja, mas o arremate é comigo. Tenho que atender a loja que me mata muito tempo, antigamente era só eu, mas hoje eu já estou terceirizando tudo e mesmo assim é bastante serviço. Chega bastante gente, eu me envolvo na loja e não consigo e toca o telefone, hoje mesmo já tocou o telefone para dois lugares deu pedido, para Caxias e outro para Getúlio Vargas, eu tenho que empacotar as peças dos pedidos, eu tenho que arrumar para segunda colocar no correio, selecionar tamanho, tudo é eu, sabe eu não consigo, é bastante puxado para mim (Entrevistada N.2 – Artesã).

O relato da artesã sobre a diversidade de atividades relacionadas a atividade comercial nas tendas e lojas, demonstra o aprendizado de tais questões e formas de organização, as quais ocorreram sem intervenção externa, de cursos de aperfeiçoamento por exemplo. A organização administrativa da atividade comercial ocorreu na prática, no dia-a-dia. Quando mencionam sobre a “abertura do negócio”, não percebem ainda novas as exigências que virão junto ao fato da comercialização, da organização da mercadoria, da compra, venda e troca de produtos, do atendimento ao cliente, do pensar sobre a dinâmica de

preço dos produtos, dos cálculos de despesas e lucros com as diferentes peças (compradas, trocadas, vendidas e confeccionadas). Enfim, das várias demandas que são ocasionadas junto a ampliação do comércio, o qual ocorre de forma acelerada na comunidade.

Esse contexto traz o fator mão de obra, o qual era um problema no início da atividade artesanal e no momento volta a preocupar os (as) artesãos (ãs), tendo em vista o crescimento dos filhos, os quais chegam a idade adulta e são atraídos pelo meio urbano, seja em função dos estudos, do trabalho assalariado ou de ambos. A saída dos filhos faz com que as famílias passem a pensar e a traçar novas estratégias para suprir a mão de obra, inclusive as perspectivas futuras de sucessão no negócio, as tarefas e as atividades de lazer acabam sendo reorganizadas em função das flutuações em relação a mão de obra (TEDESCO, 2013).

Para o autor, a organização do trabalho nas tendas tem relação direta com as dinâmicas familiares, com as necessidades econômicas, a distribuição da força de trabalho e a faixa etária dos componentes da família. A partir desses fatores são estruturadas e organizadas as tarefas, o uso do tempo para cada atividade, dos recursos para o investimento na atividade e a continuidade ou não da reprodução do grupo familiar. Com o passar do tempo, dinâmicas são redefinidas pelas exigências do trabalho, que não depende mais do tempo ou dos dias da semana, a vida comunitária vai se transformando e os momentos de lazer são reduzidos. As percepções do autor são visíveis nas relações comerciais e sociais (familiares) no contexto diário da Vila Progresso.

O cotidiano de cada família é organizado em torno do comércio e da produção artesanal, a divisão das tarefas parece ser estabelecida, por exemplo, em relação as horas de trabalho. A atividade comercial acaba sendo a mais cansativa porque os pontos comerciais permanecem aberto ao público durante toda a semana, inclusive aos sábados, domingos e feriados, nestes dias, a movimentação de pessoas que circulam em viagem pela BR-290 é maior e assim, geralmente ocorre um aumento da comercialização dos produtos artesanais. Além disso, em dias de ampla movimentação os estabelecimentos ampliam o horário de funcionamento, adentram a noite muitas vezes, influenciando nos momentos de descanso e de convívio com a família.

As atividades de lazer da família são reduzidas e o convívio diário ocorre no ambiente comercial e de produção, dificilmente os assuntos pessoais e comerciais são separados nos momentos de descanso. As tendas e lojas somente são fechadas nos dias em que ambos, artesãos (ãs) precisam ir a cidade para resolver questões pessoais ou relacionadas ao negócio, ou ainda, fazer alguma viagem, não foi mencionado período de férias por nenhum artesão (ã). Mas também é preciso mencionar que o ambiente das tendas e lojas é bastante agradável, limpo, harmonioso e organizado e os (as) artesãos (ãs) prezam pelo conforto, fato que se evidencia nos constantes investimentos e melhorias realizados nas moradias.

Em relação às perspectivas futuras, existe uma consciência da ampliação do comércio diversificado. O momento é de transição, os (as) artífices deixam de ser considerados somente como artesãos (ãs) que confeccionam peças em lã, para serem também considerados comerciantes de uma ampla variedade de produtos gauchescos. Isto não significa que as peças em lã deixaram de serem produzidas e/ou comercializadas, continuam sendo produzidas no mesmo ritmo ou até mesmo com maior intensidade. São necessárias para a troca por outros produtos em couro e madeira, além de serem comercializadas no local e sob encomendas, para os grandes estabelecimentos gauchescos.

O artesão que também é comerciante segue a tendência do mercado consumidor, depende dessa adaptação para se manter economicamente do negócio. A questão central aqui é o fato dos (as) artesãos (ãs) também serem comerciantes, mas não somente das peças em lã, e sim de outros vários objetos em madeira e couro relacionados ao mercado dos produtos gauchescos. Essa dinâmica lhes exige uma constante ampliação das relações comerciais e uma expansão do mercado, ao qual estavam inseridos, atingindo uma diversidade maior de consumidores.

Enfim, a ampliação desse mercado também ocasionou diferenciações maiores entre os artesãos da Vila Progresso, aqueles mais empreendedores ou com maior poder aquisitivo, geralmente estabelecidos há mais tempo na atividade, tomaram primeiro a iniciativa de ampliar o comércio, com a aquisição e disponibilidade de mais produtos. Os demais tendeiros seguem pelo mesmo caminho, resta saber se terão condições de ampliar seus pontos comerciais a ponto de se estabelecerem como lojistas, onde as exigências comerciais são

maiores, assim como as responsabilidades, adaptações e custos também serão diferentes.

Sobre essas questões Lima (2005) é enfático em afirmar que o (a) artesão (ã) precisa refletir sobre o valor do seu trabalho, sobre os seus saberes, fazeres e sobre o valor cultural do produto que confecciona. Isso não significa que ele não possa fazer mudanças, o fato é que a reflexão e a valorização dos seus saberes trarão um reconhecimento e um respeito da parte do público pelo trabalho artesanal e um maior poder desse, sobre o mercado onde está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever uma tese sobre artesanato e mercado simbólico, contextualizando o cenário dos artigos gauchescos foi uma experiência desafiadora e muito gratificante, para quem não tinha uma relação teórica prévia com o tema, principalmente ao descobrir o crescimento do mercado dos artigos gauchescos nas últimas décadas e as consequências dessa expansão na vida daqueles que produzem e comercializam tais produtos, no caso estudado, os (as) artesãos (ãs) da Vila Progresso em Caçapava do Sul.

Considera-se aqui algumas interpretações teóricas, as quais ofereceram suporte para o entendimento do artesanato em lã, do mercado simbólico dos produtos gauchescos e da relação de poder que permeiam tais temáticas. Ao realizar as leituras sobre a temática, constatou-se que a produção artesanal das peças em lã (palas, ponchos, boinas, pelegos, xergões, capas, dentre outros) e a comercialização desses produtos sempre existiram no Rio Grande do Sul, tendo em vista as necessidades históricas da população local.

As necessidades de abrigar-se do clima rigorosamente frio no inverno e da utilização dos “apetrechos” para o trabalho no campo, na lida com o gado, além da contribuição da lã como matéria-prima disponível na região. Inicialmente foram estes os fatores que contribuíram para o desenvolvimento das técnicas do artesanato em lã, praticada principalmente pelas mulheres e transmitidas entre elas por várias gerações.

A criação das peças de forma artesanal abastecia o mercado local, mas sem significantes movimentações econômicas, até mesmo porque eram vestimentas e artigos bastante rústicos, utilizados na época (Séc. XVIII, XIX e até meados do Séc. XX), por índios, negros, peões de estância e trabalhadores rurais. Um cenário comercial pouco expressivo, porque era construído a partir das necessidades do cotidiano da população menos favorecida, em termos econômicos.

Esse contexto prático, sob os aspectos produtivos e comerciais dos artigos artesanais em lã, começou a ser transformado em decorrência de um fenômeno que, teoricamente, é interpretado como modernidade tardia. A qual configura-se como um momento em que a sociedade passou a viver em busca da reinvenção das tradições, resgatando um passado histórico em tempos e

espaços modernos, com o objetivo de alcançar segurança e certezas na busca de um passado distante, diferenciando-se do mundo real que muda constantemente.

As expressões do tradicionalismo gaúcho entram em cena nesse cenário, representadas pelo MTG e pelas várias atividades simbólicas organizadas pelo mesmo, o qual na prática é o responsável pela reelaboração da figura do gaúcho, dos hábitos e costumes de um passado vivenciado pelos habitantes da região do pampa no Estado.

O tradicionalismo firmou-se nas últimas décadas por possibilitar a construção de uma identidade, um mecanismo de defesa ou autopreservação, para aquele sujeito que se identifica com os elementos reelaborados das tradições do Rio Grande do Sul. O objetivo de tal afirmação é de proporcionar uma diferenciação da atual sociedade globalizada, ou seja, dos aspectos culturais homogêneos que são dirigidos pelos meios de comunicação, desconsiderando as diferenças das culturas locais.

A partir dessa percepção, o MTG volta a um passado distante e busca fazer sua própria interpretação do modo de vida do campo, resgatando hábitos e costumes do cenário das estâncias e da região da campanha para o momento presente. Ao fazer esse resgate, o movimento desconsidera fatores históricos de exclusão social e apresenta os elementos simbólicos da tradição do Estado, muitos dos quais de origem indígena e negra, ideologicamente ressignificados, com o objetivo de construir no imaginário da sociedade contemporânea o cenário do gaúcho heroico, defensor da honra, da liberdade e dos bons costumes, com aspectos românticos que se aproximam da pureza da vida no campo.

O crescimento do mercado de produtos simbólicos do gaúcho, deu-se primeiramente em função da contribuição destes elementos, dessas ressignificações, para a formação de uma memória coletiva, com práticas repetitivas de costumes do passado, que formam uma identidade social para àqueles que cultuam esse processo ritualizado, em torno dos eventos e do comportamento apreciado pelo gauchismo.

A partir desse contexto, a comercialização dos produtos gauchescos ampliou-se consideravelmente, passando a ter adeptos também no espaço urbano, com uma cultura até então do espaço rural. O gaúcho que nasceu no estado, que migrou para o Rio Grande do Sul ou que emigrou para outros

estados do país e, até para outros países, muitos levaram consigo esses símbolos resgatados do passado como uma tradição para serem cultivados em seu modo de vida cotidiano. Para cultivar tal forma de vida necessitavam dos elementos materiais e simbólicos.

O mercado de produtos simbólicos do gaúcho ampliou-se e tomou novos territórios, formou novos adeptos, gerando um diversificado público consumidor (homens e mulheres, idosos, adultos, jovens e crianças) dos elementos dessa tradição. Mas somente é possível consumir, comprar produtos nesse mercado, quando existem os artigos para serem comercializados. Portanto, se cresceu a circulação dos elementos nesse mercado, também foi ampliada a confecção destes produtos simbólicos.

As peças confeccionadas artesanalmente em lã passaram a ser amplamente demandadas e valorizadas pelo mercado dos artigos gauchescos, a partir dos anos 1980, com a valorização econômica dos mesmos. A produção e a comercialização firmaram raízes na comunidade de artesãos da Vila Progresso, a atividade que anteriormente era praticada somente por mulheres, passou a demandar a mão de obra masculina, incorporando na atividade o trabalho de toda a família. Essa foi a primeira mudança significativa no artesanato em lã na comunidade, que ocorreu em função dessa ampliação do mercado.

Artesanato e mercado de produtos gauchescos se encontram na prática, na criação e na circulação dos elementos simbólicos. As peças criadas artesanalmente podem revitalizar e dar sentido a um modo de vida, seja este real ou reinventado, por interesses do mercado de determinados grupos sociais. Os produtos artesanais são capazes, através do simbolismo, de acionar as memórias coletivas tanto pelos artesãos, os quais foram capazes de reproduzir os conhecimentos de outros, realizados no passado, quanto pelo sujeito que compra tais produtos. Dessa forma, entende-se porque o mercado de artigos artesanais cresceu e diversificou-se. Pelo fato de proporcionar, através do resgate da história, da tradição, um significado para os produtos.

Observando a comunidade da Vila Progresso e respondendo os objetivos geral e específicos da tese, foi possível compreender o arranjo histórico da produção e da comercialização dos produtos artesanais na comunidade, bem como as mudanças e a evolução dos mesmos. As questões de gênero e poder

destacaram-se como fundamentais para uma análise na comunidade, as quais trouxeram várias ressignificações em relação ao trabalho, a organização da mão-de-obra, tendo em vista a entrada do homem em uma atividade historicamente feminina.

Buscou-se compreender as novas dinâmicas de mercado dos produtos gauchescos, as quais se estabelecem na comunidade através da diversificação dos produtos comercializados, o papel dos consumidores nesse sentido e as possíveis implicações desse cenário de crescimento para a comunidade de artesãos (ãs). A análise dessas questões, apresentada a seguir, responde aos objetivos traçados para esta tese.

No aspecto produtivo do artesanato em lã, as mulheres detinham os saberes, as técnicas para a confecção, rapidamente disseminam as mesmas para os demais membros da família. No início o trabalho artesanal com a lã não era tarefa fácil, demandava tempo, paciência e muito empenho, os (as) artesãos (ãs) compravam a matéria-prima que precisava passar por todo um processo de lavagem manual, secagem ao sol, cardagem, fiação, para depois tecer os produtos nos teares rústicos. Com a expansão comercial os consumidores passaram a exigir uma maior qualidade das peças confeccionadas, percebendo tal questão, os (as) artesãos (ãs) foram em busca da melhoria na qualidade da lã.

As exigências dos consumidores deram origem a outra mudança significativa no processo artesanal da Vila Progresso, a compra da matéria-prima pronta, a qual contribuiu para a obtenção de um produto mais uniforme, de melhor qualidade e mais leve. Para os artesãos essa iniciativa também foi considerada positiva no aspecto da mão de obra, pois todo o trabalho e o tempo despendido em função do processo de lavagem, secagem e cardagem deixaram de existir. Esse tempo foi aproveitado pela família para investir na criação das peças nos teares, na melhoria do acabamento das mesmas e nas estratégias de comercialização.

A partir do trabalho familiar na confecção das peças, os artífices passaram a ter um volume de produção para abastecer os pontos comerciais que foram sendo abertos, as tendas que iam surgindo na comunidade, no começo ainda sem estrutura. Com a inserção dos homens na confecção dos artigos artesanais e também na atividade comercial dos produtos, a comercialização dos mesmos

começa a expandir-se, deixando aos poucos de ser localizada e passando a abranger várias regiões do Rio Grande do Sul e até mesmo outros Estados, como Santa Catarina e Paraná.

Essa expansão ocorre em função das viagens para divulgação das peças em lã, atingindo uma relação comercial com várias lojas de produtos gauchescos. Com o passar dos anos, os estabelecimentos comerciais na comunidade foram sendo melhor estruturadas, as tendas construídas e melhoradas com o tempo. Organizam-se estratégias comerciais e de divulgação dos produtos, como cartões entregues para os consumidores, em lojas e agropecuárias, atitudes que geram uma resposta dos consumidores, os quais passaram a fazer encomendas de produtos em lã, para o uso cotidiano ou para atividades específicas no meio tradicionalista.

Através das viagens também se estabelece uma relação de confiança entre lojistas e artesãos (ãs), gerando uma posterior relação comercial, através das encomendas de produtos para abastecer as mesmas ou eventos de grupos tradicionalistas. Além disso, os (as) artífices passaram a vender seus produtos em várias feiras comerciais realizadas no estado, onde conseguem fazer boa divulgação do trabalho e obter um relativo rendimento com suas peças. Participam principalmente daquelas feiras onde conseguem apoio político para expor seus produtos, pois o custo para participar das exposições torna-se oneroso para a realidade do (a) artífice, caso não possuam auxílio junto a organização da agricultura familiar e da FETAG.

Ocorre um destaque para as grandes feiras voltadas à agropecuária que atraem um público diversificado, não somente o gaúcho ou aquele indivíduo que possui uma identidade com este estado, mas também o turista. Aquele sujeito que possui razoável poder aquisitivo e está disposto a pagar mais caro por peças rústicas, que apresentem qualidade e que possam ser exclusivas, características das peças artesanais. Esse sujeito, o turista, precisa levar consigo um símbolo do lugar por onde passou, fato que é sinônimo da diferenciação social que esse consumo provoca e também de uma relação de poder, ao demonstrar para o outro que valoriza a cultura e a qualidade do produto, independente da questão de preço.

Essa valorização do artesanato está relacionada à lacuna que as peças fabricadas na indústria deixam, o artigo feito manualmente, pelo fato de ser

exclusivo, muitas vezes rústico, trazem de forma intrínseca a história e os saberes do (a) artesão (ã), inserido em uma determinada cultura. Essas significações são valores simbólicos, que qualificam o produto e também encarecem o mesmo, proporcionando um certo status para o consumidor que os adquire.

Portanto, cabe uma observação, se no começo esse mercado expandiu-se em função da reconfiguração da cultura gaúcha pelo MTG, em seguida formou novos adeptos que passaram a buscar tais produtos no mercado. Tais consumidores são aqueles que estão em busca de histórias, culturas, saberes, rusticidade, autenticidade e exclusividade, pois esse consumo também é uma forma de diferenciação e de aproximação de uma identidade.

Internamente essas mudanças provocaram transformações que foram além de questões meramente de cunho técnico-produtivas, da mão de obra familiar e da criação de novas estratégias comerciais. As relações que se estabeleceram entre família, produção e comércio foram alteradas, estabeleceram-se novas relações no cotidiano familiar e com as demais pessoas da comunidade, em função da comercialização dos produtos artesanais em lã.

No contexto doméstico a entrada do homem para a atividade ativou uma relação de poder até então não declarada sobre o artesanato em lã, pois a partir desse fato as escolhas, as iniciativas e as tomadas de decisões precisam ser discutidas, em relações nem sempre de total concordância entre os gêneros. Precisam ser mediadas as discussões sobre os investimentos, as estratégias comerciais, a divisão dos lucros e do próprio trabalho.

As mulheres precisavam do trabalho masculino, seja como mão de obra ou para realizar viagens de divulgação e comercialização dos produtos, onde elas não se sentiriam seguras para realizar tais atividades e também não teriam o tempo disponível para realizar tantas ações. Observando tais questões sob o contexto masculino, eles decidiram entrar na atividade e assumir o artesanato em lã como profissão quando perceberam a atividade lucrativa, pelo fato das esposas artesãs estarem obtendo maiores rendimentos econômicos com a atividade artesanal, do que eles com a atividade agrícola.

Por outro lado, é preciso reconhecer que estes fatos trouxeram pontos positivos porque a atividade expandiu, no contexto doméstico visualiza-se as questões relacionadas à melhoria de vida das famílias e no aspecto econômico

o crescimento da atividade comercial, que é relatado com orgulho pela comunidade. Essas melhorias foram relacionadas à estrutura das moradias, ao bem-estar da família e ao investimento na qualificação dos filhos. Quanto ao contexto da comunidade, os artífices observam a geração de emprego e o desenvolvimento local, proporcionando pela criação e comercialização das peças artesanais.

No que diz respeito à comunidade, o mercado também causou influências significativas nas relações sociais estabelecidas, com o tempo, várias tendas de produtos artesanais em lã instalaram-se na comunidade. Várias famílias foram atraídas para o local, na época em que havia uma grande necessidade de mão de obra para realizar todo o processo de limpeza da lã e confecção do fio, citado anteriormente. Nessa situação, as primeiras famílias que se instalaram e começaram a trabalhar na atividade artesanal no local passaram a atrair alguns familiares, os quais foram aprendendo as técnicas artesanais de confecção e em seguida abriram seus pontos de comércio, para comercializar os produtos confeccionados.

As relações de parentesco e de proximidade dos pontos comerciais, as tendas (uma praticamente do lado da outra) passaram a gerar alguns conflitos entres os artífices. Principalmente, pelo fato de comercializarem os mesmos produtos e trabalharem de forma individualizada em seus pontos comerciais, sem uma organização associativa ou cooperativa. Na comunidade, cada artesão estabelece o preço que acha mais adequado para o seu produto, não há uma padronização nas regras comerciais, o que acaba gerando uma concorrência desigual, por vezes conflitos de ideias entre vizinhos e familiares.

As questões relacionadas a concorrência são interpretadas neste estudo, como influências diretas ou indiretas do cenário da ampliação do mercado de produtos simbólicos gauchescos. De forma mais recente, ocorre outra mudança significativa em decorrência desse cenário comercial em expansão, diz respeito ao fato da diversificação dos elementos comercializados nas tendas e lojas da Vila Progresso. Em função das disputas de mercado e, principalmente, para atender a demanda dos consumidores, vários artífices começaram a diversificar os artigos oferecidos nos pontos comerciais.

Além das peças em lã, passaram a incorporar nas tendas produtos artesanais em madeira e couro, os quais são comprados de fornecedores ou

trocados por artigos em lã. Os artesãos continuam confeccionando as peças com a fibra animal em grande quantidade, mas o principal destino das mesmas tem sido a comercialização sob encomendas para as lojas comerciais dos produtos gauchescos, as feiras agropecuárias realizadas pelos mesmos e as trocas por peças como tapetes e pufs de couro, cadeiras, mesas porta-retratos, porta-espelhos, gamelas, dentre outros produtos de madeira.

Essa mudança é a mais recente no contexto comercial da comunidade, analisando as narrativas dos artesãos parece ser uma tendência a ser seguida no local, até mesmo para atrair o olhar do consumidor para as tendas e lojas, para que se consiga continuar ativo no cenário comercial. Tal fato ocasionou a transformação de algumas tendas estabelecidas no local em lojas comerciais, tendo em vista a ampla variedade de produtos gauchescos colocada à disposição do consumidor. Três tendeiros da comunidade passaram a pagar impostos como pequenos empreendedores comerciais, sendo considerados pela comunidade como “os lojistas”.

Estes artesãos transformaram também suas estruturas comerciais, visivelmente as mesmas não se configuram como tendas, são construções independentes, fechadas, bem estruturadas, com os produtos organizados separadamente, com as mesmas características de uma loja urbana que comercializa produtos voltados à tradição gaúcha. Observando outros pontos comerciais, que ainda são considerados como tendas, talvez em breve deverão pagar tributos como lojistas, devido à diversificação de artigos que estão buscando para conseguir competir de igual forma com seus vizinhos. Mais uma vez a relação de disputa de poder, pela sua fatia de mercado comercial dos produtos simbólicos gauchescos, aparece nesse cenário de mercado provocando mudanças nas relações sociais.

O que parece estar em disputa é a própria relação de identidade dos artífices da comunidade, que ora precisam identificar-se como artesãos e ora como comerciantes. Frente à legislação, o artesão não será mais interpretado como tal, mas como um comerciante, lojistas de artigos gauchescos. No cotidiano destes novos empreendimentos percebe-se ainda uma adaptação diante das diferentes responsabilidades a serem executadas, sem o devido preparo para as mesmas. Por opção deles próprios, as novas experiências são aprendidas na prática, do dia-a-dia, sem uma análise prévia de outros cenários

que se aproximam de suas realidades e poderiam contribuir para o aprendizado das novas situações que se avizinham. Essas decisões poderão ser tomadas, mas no tempo da comunidade.

Observando a comunidade, a tese que se evidencia neste estudo está baseada no aspecto do poder econômico do mercado, o qual realmente dominou e dita as regras das construções sociais no local, se por um lado este fato proporcionou desenvolvimento da comunidade e trouxe bons rendimentos financeiros aos artesãos, pelo que se visualiza em relação à estrutura das moradias e observa-se na interlocução dos mesmos. Por outro lado, os saberes tradicionais estão sendo colocados inteiramente à disposição do mercado, é preciso fazer uma reflexão sobre a questão dos valores não monetários do trabalho artesanal, dos valores simbólicos, que perpassaram tradições, que foram transmitidos por pessoas que os conquistaram pela necessidade diária. E ainda, que tem uma história cultural construída pela população local, diferente daquela interpretada pelo mercado e pelos consumidores tradicionalistas.

Os próprios artesãos precisam manter, diante da diversificação dos produtos comercializados, os saberes que eles transmitem na confecção das peças em lã, pois estes têm a história de um povo, fazem parte de uma tradição cultural, transmitem informações. Estes artífices precisam continuar refletindo sobre os seus saberes e como usar os mesmos para serem valorizados pelo mercado, ao contrário disso, poderão se render as forças dessas mudanças, através de uma diversificação que pode lhe custar a manutenção do próprio negócio, onde alguns poderão deixar de produzir seus saberes para apenas repassar mercadorias, comprar, vender e trocar, produtos feitos por outros, saberes confeccionados por alguém de fora da comunidade ou pela indústria.

Na verdade, é preciso que o artesão fique ciente dos outros valores e dos saberes que possui, estes sujeitos precisam continuar empoderando-se dos saberes que lhes são natos. Precisa-se tomar cuidado com as interferências de fora, a intenção de alguém que venha de fora, é preciso que o interesse no trabalho artesanal seja do ponto de vista de preservação histórica, cultural e da tradição, não somente mercadológico. Jamais poderá se dizer que estes saberes não podem ser comercializados, sim, devem ser inseridos no mercado, até mesmo para manter o artesão e sua família, melhorando inclusive sua qualidade de vida, o que se deve destacar é o entendimento e o empoderamento do

artesão do valor dos seus conhecimentos, que vão muito além dos fatores comerciais.

Alguém de fora pode observar, descrever e esclarecer as ações práticas, trazendo um discernimento que o artesão não possui, por estar imerso naquele cotidiano e não conseguir olhar de fora. Mas também pode destorcer as suas práticas e técnicas culturais, seus saberes. O dilema em torno do artesanato permanece aberto, o fato é não produzir apenas produtos, mas um processo que se insere reflexivamente no contexto de sua produção, onde se possa refletir sobre o valor e as significações simbólicas dos seus saberes, compartilhados através da prática artesanal, na confecção das peças e um mercado de produtos simbólicos em movimento e bastante dinâmico.

Boa parte de ações de reflexão sobre a riqueza simbólica desses saberes adquiridos pelos (as) artesãos (as), passa por uma escolha, analisar o tendeiro e o lojista vizinho como um aliado, compartilhar informação e crescer junto, os pontos comerciais somente se fortalecem naquele local porque existem várias tendas abertas, oferecendo produtos, atraindo o olhar do consumidor. Seria interessante buscar alternativas sob a forma de grupo, de cooperação ou forma associativa para fortalecer-se em relação as mudanças e as dificuldades enfrentadas.

Aceitando estas alternativas, a mão de obra e toda a capacidade dos jovens da comunidade poderia ser melhor aproveitada, até mesmo, para garantir o seguimento do próprio negócio, a sucessão familiar que no presente, em algumas tendas parece estar ameaçada. O crescimento em conjunto passa pela busca de cursos em várias áreas, aperfeiçoamento, gestão do negócio e disponibilidade de aprender e compartilhar problemas e soluções. Mas também se compreende que este é um processo difícil de ser construído, existem dificuldades por parte dos artesãos em compreender esse cenário de mercado, até pelo fato de estarem imersos nele.

As escolhas que fazem, muitas vezes, partem da prática realizada no dia a dia, ou seja, a prática comercial, que é aquela que coloca comida na mesa e óleo no trator. Mas também é aquela que tendência as escolhas, que produz cenários, conflitos, que constrói relações sociais e estabelece as disputas de poder. O que se quer dizer com isso é que as escolhas feitas pelos artífices não

são desinteressadas, mas também não deixam de ser influenciadas pelo mercado e suas forças ferozes.

As dificuldades apontadas fazem parte do modo de vida, das trajetórias de luta e aprendizado de técnicas artesanais e comerciais e do desinteresse das políticas públicas que possam valorizar seus saberes. Além da falta de uma assistência técnica que compreenda esse contexto e, principalmente, é preciso compreender que o artesão age de acordo com as influências mercadológicas. Enfim, estas foram algumas considerações interpretadas no cenário da comunidade, sem a pretensão de esgotar o assunto, mas de apontar questões que precisam ainda ser melhor estudadas e interpretadas, como o papel dos jovens e das mulheres nesse contexto artesanal e mercadológico, para onde se encaminha esse mercado em movimento? Precisa-se ficar atento as práticas e a preservação dos saberes doas (as) artesões (ãs), diante do crescimento e da diversificação desse cenário mercadológico

E ainda, as formas de assistência que poderiam ser realizadas, na opinião desta comunidade, sem serem por demais incisivas em seus processos criativos. O acompanhamento de pesquisas em comunidades como esta, se faz necessário para que sejam valorizados e preservados seus saberes, antes que se percam no tempo e no espaço. Que novos estudos possam olhar para o artesão, compreendendo suas dificuldades e sua racionalidade, sua evolução histórica e seus saberes, de modo a preservar suas histórias e sua cultura, compreendendo as influências que os mesmos sofrem desse mercado que possui forças transformadoras.

Por fim, precisa-se reconhecer e deixar registrado a evolução da comunidade da Vila Progresso, o enfrentamento das dificuldades, sejam estas no cenário de produção ou comercial. A melhoria da qualidade de vida das famílias do local, que ocorreu através de uma força e de uma confiança destes artesões (ãs) em seu próprio trabalho e em seus saberes, compreendidos por eles como um patrimônio cultural. Assim como as transformações positivas, as trocas de teares, a compra da lã em rolos, a máquina de cartão, as viagens e feiras, todas estas foram estratégias buscadas por eles, pela comunidade, com o intuito de fazer a atividade artesanal crescer e ser reconhecida em seu valor histórico, social, econômico, cultural e simbólico

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, N.S. **História do Município de Caçapava do Sul**. Martins Livreiro, 1992. 145 p.

ALVIM, M.R.B. Artesanato, tradição e mudança social- um estudo a partir da 'arte do outro' de Juazeiro do Norte. In: RIBEIRO, B. et al. **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983. 253 p.

AQUISTAPASSE, L, R, L. **Manta de lã: elementos da fauna nativa gaúcha aplicados ao design de estamparia**. Monografia de Especialização Design e Estamparia. Curso de Especialização em Design para Estamparia. Centro de Artes e Letras. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. 1996.

BAPTISTA, E. H. **A imagética rural na estrutura do design têxtil**. Monografia de Especialização Design e Estamparia. Curso de Especialização em Design para Estamparia. Centro de Artes e Letras. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. 2004.

BECKER, H. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

BELAS, C. A. **Indicações geográficas e salvaguarda do patrimônio cultural: artesanato de capim dourado Jalapão-Brasil**. 2012. 266f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Vários Tradutores. 6ª ed. Editora Perspectivas. São Paulo, 2007. p. 361.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner, 2ª edição. Editora Bertrand Brasil LTDA. Rio de Janeiro, 2002. 160 p.

BOURDIEU, P. Campo Econômico. In: **Política e Sociedade**, v. 4, n. 6, abril. 2005, p. 15 – 57. Artigo publicado na revista Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº 119, set.1997, p. 48-66. Tradução de Suzana Cardoso e Cécile Raud-Mattedi. A publicação foi autorizada pela referida revista. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1930/1697>>. Acesso: 30 de dez. 2015.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 13ª ed. Editora Bertrand Brasil LTDA. Rio de Janeiro, 1989. 322 p.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org). Pierre Bourdieu: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. pag. 82-121

BRASIL, L. A. A. Tratado mínimo das grandes famílias. In: GONZAGA, S.L; FISCHER, L.A. Org (s). **Nós, os gaúchos**. Editora UFRGS, 1998. 300 p.

BRUM, C.K. **Esta terra tem dono**: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul. Editora UFSM, Santa Maria/RS, 2006, 280 p.

BRUM, C.K. Indumentária Gaúcha: uma análise etnográfica da pedagogia tradicionalista das pilchas. In: OLIVEN, G; MACIEL, M, E; BRUM, C.K.Org (s). **Expressões da Cultura gaúcha**. Editora UFSM, Santa Maria/RS. 2010, 26 p.

BRUM, C.K. Em busca de um novo horizonte: o encontro de artes e tradição gaúcha e a universalização do tradicionalismo. In: **Horiz. Antropol.** vol.19 no.40. Porto Alegre July/Dec. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832013000200012>. Acesso: 23 de jun. 2016.

BRUM, C.K. O Gauchismo e as Escolas: a diversidade cultural em questão. In: **Educação & Realidade**, v. 38, n. 2, p. 649-667, Porto Alegre, 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso: 30 de dez. 2015.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Proposta que regulamenta profissão de artesão é aprovada em comissão**. 2014. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/ultimasnoticias/467152-proposta-que-regulamenta-profissao-de-artesaoe-aprovada-em-comissao.html>>. Acesso: 23 de mar. 2015.

CANCLINI, N, G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 8ª ed. Tradução de Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010, 228 p.

CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CBTG. Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha. **Manuais**. 2015. Disponível em: <<http://www.cbtg.com.br/Manuais/manuais.php>>. Acesso: 15 de nov. 2015.

CERTEAU. M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução Luce Giard. 3ª ed. Editora Vozes. Petrópolis, 1998. 351 p.

CORTÊS. J.C.P. **O gaúcho**: danças trajes artesanato. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. (S/D). 376 p.

CUNHA, A. L; EGGERT, E. O ensino do crochê de grampada como possibilidade emancipatória para mulheres negras em Rio Grande, RS. In: EGGERT, E (Org)s. **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. 1. ed.–Editora EDUNISC. Santa Cruz do Sul, 2011. 108 p.

DACANAL. J. H. Origem e função dos CTGs. In: GONZAGA, S. L; FISCHER, L. A.Org (s). **Nós, os gaúchos**. Editora UFRGS, 1998. 300 p.

D'AVILA. J.S. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In: RIBEIRO, B. et al. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade**

contemporânea. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983. 253 p.

DOUGLAS, M; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Tradução de Plínio Dentzien. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. 306 p.

EGGERT, E. et al,. A produção da tecelagem num atelier de Alvorada, RS: a trama de pesquisar um tema invisível. In: EGGERT, E (Org)s. **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. 1. ed.– Editora EDUNISC. Santa Cruz do Sul, 2011. 108 p.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. EMATER/RS. **Artesanato Rural** - Referência de Qualidade... Disponível em: www.emater.tche.br/site/area-tecnica/agregacao-de.../artesanato-rural.php. Acesso 13 de set. 2015.

FAGUNDES, A. A. **Curso de Tradicionalismo Gaúcho**. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1995.

FILHO, C. S. D. **Produção, distribuição e consumo dos bens simbólicos**: uma reflexão sobre os programas de apoio ao artesanato. V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. 2009. Disponível em: <www.cult.ufba.br/enecult2009/19543.pd>. Acesso: 29 de jun. 2014

FLECK, E. C.D. De terra de ninguém à terra de muitos. In: BOEIRA, N; GOLIN, T. (Org)s. **História Geral do Rio Grande do Sul** – Colônia, v.1. Editora Méritos. 2006, 349 p.

FORTES, A. B. **Compêndio de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1981.

FRANZEN, B.V. Jesuítas portugueses nos séculos XVII e XVIII. In: BOEIRA, N; GOLIN, T. (Org)s. **História Geral do Rio Grande do Sul** – Colônia, v. 1. Editora Méritos. 2006, 349 p.

FREITAS, D. O gaúcho: o mito da “produção sem trabalho”. In: DACANAL, J.H; GONZAGA, S (Org)s. **RS: Cultura e Ideologia**. Editora Mercado Aberto. Porto Alegres/RS, 1980, 168 p.

FUNDAÇÃO GAÚCHA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL. **Notícias**. 2010. Disponível em: <www.fgtas.rs.gov.br>. Acesso: 27 de mar. 2015

FUNDAÇÃO GAÚCHA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL. **Notícias**. 2014. Disponível em: <www.fgtas.rs.gov.br>. Acesso: 27 de mar. 2015.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **Política, sociologia e teoria social**. São Paulo, Editora UNESP, 1997.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOLIN, T. **Identidades**: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Editora Mérito. Passo Fundo. 2004. 112 p.

GOLIN, T. **Reflexos entre o gaúcho real e o inventado**. In: GONZAGA, S.L; FISCHER, L. A. Org (s). Nós, os gaúchos. Editora UFRGS, 1998. 300 p.

GOLIN, T. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1983.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Notícias**. 2008. Disponível em: <<http://www.rs.gov.br/>>. Acesso: 27 de mar. 2015.

GUTFREIND, I. A historiografia sul-rio-grandense e o mito do gaúcho brasileiro. In: GONZAGA, S.L; FISCHER, L. A Org (s). **Nós, os gaúchos**. Editora UFRGS, 1998. 300 p.

GUTFREIND, I. O gaúcho e sua cultura. In: BOEIRA, N; GOLIN, T. (Org)s. **História Geral do Rio Grande do Sul** – Colônia, v.1. Editora Méritos. 2006, 349 p.

HOBSBAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org)s. **A invenção das tradições**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1997. 316 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFICA E ESTATÍSTICA. IBGE/CIDADES. **Histórico do Município**. 2014. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=430280&search=rio-grande-do-sul%7Ccacapava-do-sul%7Cinfograficos:-historico>>. Acesso: 28 de mar. 2014.

INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Cultural**. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso: 12 de out. 2014.

KAISER, J. O Brasil dos Gaúchos. **Expressões da cultura gaúcha**. Editora UFSM, Santa Maria/RS. 2010, 216 p.

KAUTSKY, K. **A questão agrária**. Proposta Editorial. São Paulo, 1980.

KONFLANZ, C. **A moderna tradição gaúcha**: Um estudo sociológico sobre o Tradicionalismo Gaúcho. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2013.

LAYTANO, D. **Origem da propriedade privada no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Martins Livreiro, 1983.

LÊNIN, V. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. São Paulo: Abril, 1982.

LIMA, R. Artesanato de tradição: cinco pontos em discussão. In: SAMPAIO, H. (Org.). **Olhares itinerantes: reflexões sobre artesanato e consumo de tradição**. São Paulo: Artesanato Solidário, 2005. 63 p.

LIMA, R. G. Artesanato em debate: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima. In: **Revista Pós Ciências Sociais**, v.8, n.15, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/593>>. Acesso: 25 de jun. 2015.

LUVIZOTTO, C. K. **A racionalização das tradições no contexto da modernidade tardia: o caso das tradições gaúchas**. 2010. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Federal Paulista – UNESP, Marília, São Paulo, 2010.

MACIEL, M.E. **A Memória Tradicionalista: os fundadores**. In: XXIII Encontro Anual da ANPOCS, PPGAS – UFRGS, 1999. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4914&Itemid=358. Acesso: 18 de jan. 2016.

MARTINS, S. **Contribuição ao estudo científico do artesanato**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1973. 100 p.

MARTINS, S. **Arte e Artesanato Folclóricos**. Cadernos de Folclore. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1976. 23 p.

MASCÊNE, D. C; TEDESCHI, M. **Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato**. Brasília: SEBRAE, 2010. 64 p.

MINISTERIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Talentos do Brasil: Sobre o Programa**. 2015. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-talentos/sobre-o-programa>>. Acesso: 23 de fev. 2015.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Talentos do Brasil Rural**. 2015. Disponível em: www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/.../talentos_brasil_rura. Acesso: 26 de fev. 2015.

NETO, E. B. **Curso design, identidade cultural e artesanato**. Fortaleza/SEBRAE: FIEC, 2002, módulos 1 e 2. Disponível em: <www.fbes.org.br/biblioteca22/artesanato_mod1.pdf>. Acesso: 25 de ago. 2014.

OLIVEN, R.G. O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 3, n. 9, p. 5-14, 1989. Disponível em: <anpocs.org.br>. Acesso: 21 de dez. 2015.

OLIVEN, R.G. O renascimento do gauchismo. In: GONZAGA, S.L; FISCHER, L.A. Org (s). **Nós, os gaúchos**. Editora UFRGS, 1998. 300 p.

OLIVEN, R.G. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. 2ª Ed. Revista e ampliada. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2006. 228 p.

OLIVEN, R.G. Rio Grande do Sul: um só estado, várias culturas. In: OLIVEN, G; MACIEL, M, E; BRUM, C.K Org (s). **Expressões da cultura gaúcha**. Editora UFSM, Santa Maria/RS. 2010, 216 p.

OSÓRIO, H. Fronteira, escravidão e pecuária: Rio Grande do Sul no período colonial. In: BOEIRA, N; GOLIN, T. (Org)s. **História Geral do Rio Grande do Sul – Colônia**, v.1. Editora Méritos. 2006, 349 p

PAIXÃO, M; EGGERT, E. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, E(Org)s.**Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. 1. ed.– Editora EDUNISC. Santa Cruz do Sul, 2011. 108 p.

PALMA, G. **O interaccionismo nas investigações linguísticas**: características e procedimentos. Intervenção na Mesa Redonda Inicial do II Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos realizado na Universidade Sagrado Coração–Bauru/SP, 2004. Disponível em: <www.sepq.org.br/lisipeq/anais/pdf/mr1/mr1_4.pdf>. Acesso: 27 de jun. 2014

PEREIRA. C.J.C. **Artesanato e arte popular**. Cadernos de Desenvolvimento Econômico. Série III, Caderno I. Edição Conjunta com o Instituto de Economia e Finanças da Bahia. Bahia, 1957. p.189.

PERLOIRO, T. Branca e preta, duas raças autóctones de merinos. In: **Ruminantes**. Ano. 4, n. 15, out-dez, 2014, p. 10-12. Disponível em: <http://www.revista-ruminantes.com/sites/www.revista_ruminantes.com/files/edicao-pdf-revista/ruminantes15.pdf>. Acesso: 30 de dez. 2015.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. Mercado Abeto. 3ª ed. Porto Alegre,1984. 142 p

PETRIN, C; CARMO DA SILVA, M. **Jornal do Pampa – Caçapava do Sul**. 2013. Disponível em: <<http://www.farrapo.com.br/noticia/2/4057/A-producao-artesanal-da-Vila-Progresso>>. Acesso: 28 de mar. 2014.

PILLAR, V. P. et al. **Campos sulinos**: conservação e uso sustentável da biodiversidade. Editores: Brasília: MMA, 2009. 403 p.

POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens de nossa época. Tradução Fanny Wrobel. 2ª Ed. Editora Elsevier. Rio de Janeiro, 2000. 335 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAÇAPAVA DO SUL. **Histórico do Município de Caçapava do Sul**. 2014. Disponível em: <http://www.cacapava.rs.gov.br/>. Acesso: 22 de abr. 2014.

PROGRAMA ARTESANATO BRASILEIRO. **Base conceitual do artesanato brasileiro**. Secretaria do Comércio e Serviços. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Brasília, 2012. p. 66. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1347644592.pdf>. Acesso: 20 de jul. 2014.

PROGRAMA TALENTOS DO BRASIL. **Coleção passada 2010**: em cada canto, um canto. 2010. 78 p.

REICHEL, H. J. Fronteiras no espaço Platino. In: BOEIRA, N; GOLIN, T. (Org)s. **História Geral do Rio Grande do Sul** – Colônia, v.1. Editora Méritos. 2006, 349 p.

RIBEIRO, D. O **Povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. Companhia das Letras. 2ª ed. São Paulo, 1995. 477 p.

RIOS, J. A. (Org.) **Artesanato e desenvolvimento**: o caso cearense. CNI/SESI, [196-].

SAINT-HILAIRE, A. **A viagem do rio grande do sul**. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre, 1987. 496 p.

SAMPAIO, H. Apresentação. In: SAMPAIO, H. (Org.). **Olhares itinerantes**: reflexões sobre artesanato e consumo de tradição. São Paulo: Artesanato Solidário, 2005. 63 p.

SANTOS, M. L. **Do galpão ao salão**: o pala gaúcho como referencial na criação de design têxtil. Monografia de Especialização Design e Estamparia. Curso de Especialização em Design para Estamparia. Centro de Artes e Letras. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. 2005.

SAVIANI, D. Educação e Trabalho Artesanal. In: RUGIU, A.S. (Org.). **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas/SP,1998, p. 167.

SENNETR, R. **El artesanato**. Tradução de Marco Aurélio Galmarini, Editora Anagrama, S. A. Barcelona, 2009. 202 p.

SERAINE, A. B. M. dos S. **Ressignificação produtiva do setor artesanal na década de 1990**: o encontro entre artesanato e empreendedorismo. 2009. 253 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL. **Cursos Senar/RS**. 2015. Disponível em: <<http://www.senar-rs.com.br/cursos/todos>>. Acesso: 20 de ago. 2015.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO A MICRO E PEQUENA EMPRESA. **Programa Sebrae de Artesanato**. Termo de Referência. 2004. Disponível em: <www.gestaosocial.org.br/...artesanato.../Termo%20de%20Referencia%20...>. Acesso jul. 2015.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. **Revista Atual**, 3. Ed, Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. Disponível em: <<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

SILVA, M. A; EGGERT, E. Descosturar o doméstico e a 'madresposa' – a busca da autonomia por meio do trabalho artesanal. In: EGGERT, E (Org)s. **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. 1. ed.– Editora EDUNISC. Santa Cruz do Sul, 2011. 108 p.

SPINELLI, C. **Cavahadas em Caçapava do Sul**: a cidade em cena. Monografia do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. Departamento de Ciências Sociais. Centro de Ciências Sociais e Humanas. 2006. 54 p.

TEDESCO, J. C. Modernização, patrimônio cultural e dinâmicas familiares-estratégias camponesas territoriais de desenvolvimento no centro-norte Do RS. In: **RURIS-Revista do Centro de Estudos Rurais-UNICAMP**, v. 4, n. 1, 2010. Disponível em: <www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/download/709/574>. Acesso: 02 de abr. 2015.

TEDESCO, J. C. O futuro do passado: **etnicidade, comércio e vida rural**: tradições culturais em rotas turísticas. Editora Letra e Vida. Porto Alegre 2013, 144 p.

TEIXEIRA, A. **Mercado e imperfeições de mercado**: o caso da assistência suplementar. Cadernos de Saúde Suplementar: 2º Ciclo de Oficinas. Rio de Janeiro, Agência Nacional de Saúde Suplementar, pp. 4-22, 2001. Disponível em: <www.ans.gov.br/portal/upload/forum_saude/objeto.../aa4.pdf>. Acesso: 27 de jun. 2014

VARGAS, E.G. Os reflexos socioculturais do latifúndio no Rio Grande do Sul. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alegrete**. Ano 02, n. 1, 2011.

VELLINHO. M. **Capitania d' El - Rei**: Aspectos polêmicos da formação do Rio Grande do Sul. Editora Globo. Porto Alegre/RS, 1964.

VIVES, V. de. A beleza do cotidiano. In: RIBEIRO, B. et al. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983. 253 p.

ZATTERA, V.B.S. **Arte têxtil no Rio Grande do Sul**. Editora São Miguel. Caxias do Sul. 1988. 120 p.

ZATTERA, V.B.S. **Cone Sul**: adereços indígenas e vestuário tradicional. E Pallotti. Porto Alegre. 1999. 229 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Panorama dos Entrevistados

Quadro 1 – Panorama dos entrevistados para a realização da pesquisa de campo

| Tipo de Pesquisa | Período | Descrição dos Entrevistados | Método Utilizado na Coleta de Dados |
|-------------------------|-------------------------------------|--|---|
| Exploratória | Mai./2014 | Artesãos da Vila Progresso | Questionário estruturado Observação da realidade Conversa informal Fotografia Diário de campo |
| Exploratória | Jun./2014 | Artesãos da Vila Progresso | Entrevista semiestruturada Observação da realidade Conversa informal Fotografia Diário de campo |
| Exploratória | Jun./2015 Jul./2015 Ago./2015 | Artesãos da Vila Progresso | Entrevista estruturada Observação da realidade Conversa informal Participação da Festa Junina e de São João Batista na Comunidade Fotografia Diário de campo |
| Exploratória | Ago./2015 | Interlocutores Extensionista da Emater do Município Representante do STR do Município Secretário do Turismo do Município Secretário da Agricultura e Pecuária do Município Representante da FGTAS do Município Representante do SENAR Região do Pampa Representante do SEBRAE Região do Pampa | Entrevista estruturada Conversa informal (por telefone) Diário de campo |
| Exploratória | Ago./2015 | Consumidores do artesanato da Vila Progresso | Entrevista estruturada Observação da realidade Diário de campo |
| Exploratória | Set./2015 | Consumidores do artesanato na Expointer | Entrevista estruturada Observação da realidade Diário de campo |
| Exploratória | Set./2015 | Representante da FETAG/RS | Conversa informal |

Fonte: Dados de pesquisa coletados pela autora.

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista para os (as) artesãos (ãs) da Vila Progresso

1) Artesanato em lâ: história, trabalho, produção e gênero

1.1) Como foi o processo de desenvolvimento da Comunidade e qual o foi o papel do artesanato neste processo de desenvolvimento da Comunidade até os dias de hoje?

*Mudanças na comunidade em função do artesanato...
Dificuldades enfrentadas...
Oportunidades que surgiram...

1.2) Na sua opinião, quais foram as principais mudanças que ocorreram no processo de produção artesanal ao longo do tempo até os dias de hoje? Porquê?

*Mudanças na produção artesanal...
Técnicas...
Organização do trabalho...
Criação dos produtos...
Matéria-prima...

1.3) No passado havia distinção (preconceito) em relação ao trabalho do homem e da mulher no fazer artesanal (processo de produção)? E nos dias de hoje, quais são as atividades realizadas pelos homens e quais são as atividades realizadas pelas mulheres? Porquê?

*Mudanças no Trabalho...
Questões de gênero...
Criação dos produtos...

2) Relação do artesanato com o mercado simbólico

2.1) Como ocorreu o processo de desenvolvimento da comercialização dos produtos artesanais, desde o início até os dias atuais?

*Mudanças no processo de comercialização...
Formas de comercialização...
Produtos mais comercialização...
Dificuldades enfrentadas...

2.2) Quando e como deu início a comercialização dos produtos artesanais junto as Feiras, as Lojas e Agropecuárias?

*Novas estratégias de comercialização dos produtos...
Quando e porquê...

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista para os interlocutores EMATER, STR, Secretário do Turismo e Secretário da Agricultura)

- 1) Como se desenvolveu a Vila Progresso? Conte-me um pouco da história da comunidade.
- 2) Quais foram as principais mudanças que ocorreram na Vila Progresso?
- 3) Esta instituição apoia o artesanato na Vila Progresso? De que forma?
- 4) Você conhece algum programa (política pública) ou forma de assistência do Município, Estado ou Federal de incentivo à produção ou comercialização do artesanato? Qual?
- 5) Podem ser desenvolvidas outras potencialidades na Vila Progresso? Quais?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista para os consumidores do artesanato da Vila Progresso

- 1) Sexo F M
- 2) Idade 15 – 30 anos 30 – 55 anos acima de 55 anos
- 3) Escolarização Fund. Inc. Fund. Comp. Ens. Med. Inc.
 Ens. Med. Comp. Sup. Inc. Sup. Compl. Pós-graduação
- 4) Onde você mora: rural urbano
- 5) Você costuma comprar produtos artesanais com frequência? Sim Não
- 6) Que tipo de produtos artesanais você compra? lã madeira couro
 argila fibras metais pedras outros, quais?.....
- 7) O que te motiva a comprar produtos artesanais?.....
- 8) Qual destino dos produtos artesanais que você compra? uso pessoal
 decoração presentes Outros, quais?.....
- 9) A compra deste produto tem algo relacionado a tradição gaúcha? Sim Não
O que:.....

APÊNDICE E - Roteiro de entrevista para os consumidores do artesanato em lã na Expointer

- 1) Sexo F M
- 2) Idade 15 – 30 anos 30 – 55 anos acima de 55 anos
- 3) Escolarização Fund. Inc. Fund. Comp. Ens. Med. Inc.
 Ens. Med. Comp. Sup. Inc. Sup. Compl. Pós-graduação
- 4) Onde você mora: rural urbano
- 5) Possui alguma ligação com o meio rural Sim Não
- 6) Você costuma comprar produtos artesanais com frequência? Sim Não
- 7) Que tipo de produtos artesanais você compra? lã madeira couro
 argila fibras metais pedras outros, quais?.....
- 8) O que te motiva a comprar produtos artesanais?
- 9) Qual o destino dos produtos artesanais que você compra? uso pessoal
 decoração presentes Outros, quais?.....
- 10) A compra deste produto tem algo relacionado a tradição gaúcha? Sim Não
O que:.....
- 11) Você conhece a origem dos produtos, sabe como são feitos e quem confecciona?
.....

APÊNDICE F - Termo de consentimento e livre esclarecimento para os artesãos da Vila Progresso

Título do Estudo: Tecendo Tradição: Artesanato e Mercado de Produtos Gauchescos em uma Comunidade Rural

Pesquisadores Responsáveis: Daiane Loreto de Vargas, com orientação do Prof. Dr. Marco Antônio V. Fialho

Instituição/Departamento: Programa de Pós-graduação em Extensão Rural-DEAER/UFSM

Telefone para contato: (55) 99 88 87 43

Local da Coleta de Dados: Comunidade da Vila Progresso em Caçapava do Sul/RS

Grupo de Entrevistados: Artesãos (as)

Prezado (a) Senhor (a)

O Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa, com fins de estudo acadêmico, respondendo a esta entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder as perguntas desta entrevista, é importante que o senhor (a) compreenda as informações contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder a todas as suas dúvidas antes do senhor (a) decidir a participar da pesquisa. O Senhor (a) tem o direito de desistir de participar da entrevista a qualquer momento, sem acarretar-lhe nenhum problema em nenhum sentido.

Objetivo: o único objetivo deste estudo é compreender as influências que o mercado tem proporcionado sobre o artesanato.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas na concessão desta entrevista, respondendo às perguntas formulada, as quais vão abordar sobre as características do artesanato e da comercialização dos produtos artesanais na Vila Progresso. Se o senhor (a) autorizar, pedimos a permissão para gravar esta entrevista, a gravação ficará guardada por 5 anos sob os cuidados do Prof. Marco Antônio V. Fialho, orientador deste estudo. Após este período os dados coletados serão destruídos.

Benefícios: Esta pesquisa proporcionará um maior conhecimento sobre o artesanato em lã, as formas de comercialização destes produtos, as mudanças em relação ao mercado e a forma de produção dos artigos artesanais em lã. A pesquisa não trará benefício direto para o senhor (a). Os benefícios são para fins de estudo, pesquisa e construção do conhecimento sobre este tema.

Riscos: Responder a esta entrevista não lhe causará nenhum risco de ordem física ou psicológica e não lhe nenhum prejuízo quanto a seus benefícios.

Sigilo: As informações fornecidas pelo senhor (a) terão toda a privacidade, serão guardadas para os pesquisadores responsáveis. Os entrevistados não serão identificados em nenhum momento, nem quando os resultados da pesquisa forem divulgados.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente esclarecido, eu _____, concordo em participar desta pesquisa, assinando em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Caçapava do Sul_____, de _____2015.

Assinatura
Pesquisador Responsável

APÊNDICE G - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Autorizo, gratuita e espontaneamente.

Eu, _____, brasileiro (a), casado (a), portador (a) da Cédula de Identidade RG nº _____, residente na Comunidade Rural da Vila Progresso, localizada na BR-290 em Caçapava do Sul, Rio Grande do Sul. AUTORIZO o uso de todas as minhas fotografias registradas pela acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria, Daiane Loreto de Vargas, matrícula 201270015, portador (a) da Cédula de Identidade RG nº 4090651672, sem qualquer ônus para nenhuma das partes. Declaro aqui que tenho a ciência da finalidade única e específica de utilização das imagens para trabalho acadêmico, sendo este relacionado à pesquisa de tese da aluna no referido Programa de Pós-Graduação. A presente autorização abrangendo o uso das minhas fotografias, é concedida a título gratuito e sem tempo determinado, á acadêmica mencionada, a qual se compromete a não fazer uso indevido dos registros fotográficos, comprometendo-se a não inserir as imagens em qualquer fim comercial ou jornalístico. Estabelecendo de forma clara o interesse no material fotográfico para fins de divulgação do trabalho de pesquisa de campo, realizado em função da construção da tese de doutorado. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Vila Progresso, Caçapava do Sul _____ de _____ de 2016.

Assinatura Pesquisadora

Assinatura Artesão (ã)

(____) _____
Telefone para contato

(____) _____
Telefone para contato